MATTHEW QUICK

autor de O LADO BOM DA VIDA

GAROTO 21



intrínseca

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

MATTHEW QUICK



GAROTO 21

Tradução de Viviane Diniz

intrínseca

Copyright © 2012 by Matthew Quick
Título original Boy21
Preparação
Luíza Côrtes
Revisão
Ulisses Teixeira
Juliana Werneck
Arte de capa
Ilustração do capacete © CSA Getty Images
Ilustração do espaço sideral © romrf/Shutterstock
Adaptação de capa e lettering
ô de casa
Revisão de epub
Juliana Pitanga
Geração de epub
Intrínseca
e-ISBN
978-85-8057-910-9
Edição digital: 2016
1ª edição
Tipografia
Bembo
Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3o andar 22451-041 – Gávea Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



para todos os meus irmãos
de mães diferentes





ÀS VEZES, ME CONVENÇO DE que minha lembrança mais antiga é de quando eu jogava basquete no quintal de casa.

Como sou só uma criança, meu pai me dá uma daquelas bolas de basquete menores e abaixa o aro ajustável da tabela. Ele me diz para treinar arremessos até marcar cem cestas seguidas — o que me parece impossível — e volta para dentro de casa para cuidar do meu avô, que recentemente teve as pernas amputadas e voltou do hospital agarrado ao rosário da minha falecida avó. Nossa casa anda silenciosa faz um tempo, e sei que minha mãe não vai voltar. Mas não quero pensar no que aconteceu, então faço o que meu pai mandou.

No início, a bola não alcança nem o aro, mesmo com a cesta colocada mais para baixo. Passo horas e horas arremessando, até ficar todo suado e com o pescoço duro de tanto olhar para cima. Quando cai a noite, meu pai acende os refletores e continuo arremessando, porque é melhor do que ficar lá dentro ouvindo meu avô chorar e gemer de dor. Além do mais, foi o que meu pai me disse para fazer.

Em minhas lembranças, passo a noite treinando: dias, semanas e meses sem interrupção. Não paro nem para comer, dormir ou ir ao banheiro. Continuo treinando, esvaziando a mente, fingindo que não vou precisar entrar em casa de novo — nunca vou precisar me lembrar do que aconteceu antes de eu começar esse treino.

A repetição do movimento pode fazer a gente esquecer o mundo; silencia os pensamentos. Aprendi o valor disso ainda muito novo.

Eu me lembro das folhas caindo das árvores e sendo esmagadas sob meus pés, dos flocos de neve queimando minha pele, das flores amarelas desabrochando em caules compridos junto à cerca, dessas mesmas flores sendo queimadas pelo forte sol de julho — e durante tudo isso, eu continuava treinando.

Devo ter feito outras coisas (como ir à escola, obviamente), mas os treinos de lances livres no quintal de casa são a única lembrança que guardo da minha

infância.

Depois de alguns anos, meu pai começou a falar mais e a jogar comigo. Era legal.

Às vezes, meu avô ia lá fora na cadeira de rodas, parava na extremidade do quintal e ficava tomando cerveja enquanto me via aperfeiçoar o arremesso com salto.

De tempos em tempos, à medida que eu crescia, o aro era ajustado para cima.

Até que um dia apareceu uma garota no quintal. Uma menina loura com um sorriso que parecia infinito.

— Eu moro aqui na rua — disse ela. — Sou da sua turma no colégio.

Continuei jogando, torcendo para que a garota fosse embora. Ela se chamava Erin e parecia ser muito legal, mas eu não queria amigos. Só queria jogar sozinho, pelo resto da vida.

— Você está me ignorando? — perguntou ela.

Tentei fingir que a garota não estava lá, porque na época eu fingia que o mundo inteiro não estava lá.

— Você é muito esquisito — disse ela. — Mas eu não ligo.

Lancei uma bola que acertou o aro com um enorme barulho e voltou bem na direção do rosto da garota. Por sorte, ela tinha bons reflexos, e pegou a bola antes que esmagasse seu nariz.

— Você se importa se eu tentar?

Não respondi, mas ela arremessou mesmo assim. A bola entrou.

— De vez em quando eu jogo com meu irmão mais velho — explicou ela.

Sempre que eu jogava com meu pai, quem acertasse tinha direito a mais um lançamento, então passei a bola de volta para a garota. Ela arremessou de novo, e de novo, e de novo.

Nas minhas lembranças, ela faz cesta dezenas de vezes antes de eu recuperar a bola, mas nunca mais sai do meu quintal — nós dois continuamos jogando por anos e anos.

PRÉ-TEMPORADA



Uma pergunta que às vezes me deixa confuso: maluco sou eu ou são os outros?

Albert Einstein



1

FALTA UMA SEMANA PARA COMEÇAR o último ano do colégio, e Erin está vestindo o uniforme de basquete.

Pela cava larga da camiseta dela dá para ver o top de ginástica preto, o que é muito sexy, pelo menos para mim.

Tento não encarar — principalmente porque estamos tomando café da manhã com minha família —, mas toda vez que Erin se inclina para a frente e leva o garfo à boca, a cava direita se abre e vejo perfeitamente o contorno de seu seio pequeno.

Pare de olhar! , digo a mim mesmo, mas é impossível.

Não ouço uma palavra do que é dito enquanto comemos ovos e salsichas.

Ninguém nota meu olhar fixo.

Erin é tão carismática e bonita que meu pai e meu avô nunca prestam atenção em mim quando ela está por perto.

Assim como os meus, os olhos deles estão sempre em Erin.

Quando nos levantamos para sair, meu avô grita, da cadeira de rodas: — Deixe os poucos irlandeses que restam nesta cidade orgulhosos!

— Faça seu melhor e pronto — reforça meu pai. — Lembre-se de que é uma longa jornada, e você sempre pode superar o talento no final.

Esse é o lema de vida do meu pai, embora ele tenha acabado sozinho e trabalhando à noite como cobrador de pedágio na ponte, em que não é preciso nem talento nem muita ética profissional.

Meu pai leva uma vida muito infeliz, principalmente por causa do meu avô, mas sempre vejo esperança em seu olhar quando ele diz que posso superar o talento a longo prazo. Então, por ele — e por mim também —, me esforço ao

máximo para isso.

Acredito de verdade que as noites em que meu pai me vê jogar basquete são as melhores da vida dele. Essa é uma das razões que me fazem amar tanto o basquete: a chance de fazer meu pai feliz.

Se eu jogo bem, meu pai diz que está orgulhoso de mim com os olhos cheios de lágrimas, o que faz os meus ficarem assim também.

Quando vovô presencia essas cenas, nos chama de bichinhas.

— Você está pronto? — pergunta Erin.

Mesmo sem querer, quando vejo o rosto dela e os belos olhos verdes cor de trevo, penso em beijá-la mais tarde e fico tenso, então procuro tirar aquilo rapidamente da minha cabeça.

Não é hora para romance — é hora de treinar bastante, pois faltam apenas dois meses para começar a temporada de basquete.



2

TEM UMA COISA QUE VOCÊ talvez precise saber: as pessoas me chamam de Coelho Branco.

Sempre que servem cenouras cozidas no refeitório, Terrell Patterson se aproxima por trás de mim e grita: “Alimentem o Coelho Branco!”

Enquanto isso, de brincadeira, ele joga suas cenouras no meu prato, e então todos fazem o mesmo, até formar um grande monte laranja.

Isso começou na primavera passada.

Na primeira vez fiquei muito irritado, porque as pessoas deixavam seus restos de comida na minha bandeja, o que não era muito higiênico, principalmente porque eu ainda nem tinha acabado de almoçar.

Erin — que senta ao meu lado no refeitório quando não estamos na temporada de basquete — começou a comer com entusiasmo as cenouras do meu prato e a agradecer as pessoas, o que as deixou confusas.

— Nossa, que delícia! Podem colocar mais um pouco, por favor?

Ela continuou dizendo essas coisas, de um jeito meio louco, até que as pessoas começaram a rir *dela*, e não do que estavam fazendo comigo.

Na verdade, gosto de cenoura, então comi um pouco também, porque vi que o plano da Erin estava funcionando, e também porque não ligo quando riem de mim por eu comer esses legumes alaranjados. *Vou enxergar melhor do que todo mundo*, pensei, e então deixei isso para lá.

O único problema é que essa coisa das cenouras se tornou um evento semanal, só que agora já não é mais engraçado. Espero que as pessoas se esqueçam disso no verão, mas acho pouco provável.

Sou uma das poucas crianças brancas na escola. Sou quieto como um coelho.

O personagem de Eminem no filme *8 Mile: Rua das Ilusões* era chamado de B-Rabbit; Eminem é o rapper branco mais famoso do mundo; e, para completar, eu me pareço um pouco com ele.

Mas a principal razão para as pessoas me chamarem de Coelho Branco é termos lido um livro muito triste uma vez, de John Updike. Era sobre um antigo astro do basquete chamado Coelho, que cresce e leva uma vida miserável. Não sou um astro, mas sou o único garoto branco do time de basquete da escola.

Wes, que joga como pivô e é o único outro jogador do time na aula de literatura avançada, contou a todos os meus colegas de equipe sobre o livro — bem, só a parte sobre ter um jogador de basquete branco com um nome constrangedor. Então, todos eles começaram a me chamar de Coelho Branco.

O apelido pegou, e agora todo mundo no bairro também me chama assim.



3

ERIN E EU PEGAMOS NOSSAS bolas de basquete na garagem e arremessamos cem lances livres cada na cesta do meu quintal. É nossa última temporada de basquete do ensino médio — a última chance —, então treinamos muito.

Simulamos situações de jogo, fazendo dois arremessos por vez e bloqueando um ao outro, à espera de rebotes.

Erin marca oitenta e oito em cem, e eu marco noventa.

Depois, corremos os oito quilômetros diários, quicando a bola o tempo todo.

Percorremos um quilômetro e meio, quicando a bola com a mão direita pela rua O'Shea, enquanto passamos por uma sequência de casas geminadas, tão amareladas e malcuidadas quanto os dentes do vovô, e chegamos à escola, de onde continuamos a correr os próximos seis quilômetros e meio na pista de corrida decadente e velha com ervas daninhas crescendo por entre as faixas no chão. A cada volta, quicamos a bola de um jeito diferente — com a mão esquerda, jogando de uma mão para outra, passando-a pelas costas. Quicamos a bola de todas as formas permitidas que existem.

Todos os outros jogadores de basquete da escola também fazem parte das equipes de futebol ou de torcida, que treinam nos campos ao lado da pista, mas está muito cedo ainda, então eu e Erin estamos sozinhos.

Nem morta Erin usaria um uniforme de líder de torcida, e eu não sou talentoso o bastante para jogar mais de um esporte e me sair bem em todos. Além disso, quero me dedicar ao máximo ao basquete.

Quando acabamos a corrida, estamos ensopados de suor. Alguns fios do cabelo louro grudaram no rosto de Erin, e suas orelhas tão lindas e pequenas

estão vermelhas. Adoro quando ela tira a camiseta e fica só de top. O umbigo dela é um belo mistério.

Fazemos uma pequena pausa enquanto esperamos a escola abrir, porque os zeladores se atrasaram de novo.

Meus músculos estão aquecidos, e meu corpo está bem relaxado.

Nós não falamos muito.

Erin é uma das poucas pessoas que conheço que se sente à vontade com o silêncio e, como eu não gosto de falar, isso faz de nós o casal perfeito. Eu não gaguejo nem nada assim. Só *prefiro* não falar muito.

Nós nos sentamos na grama e ficamos em silêncio por um tempo.

— Você acha que as garotas vão ganhar o estadual de novo? — pergunta Erin, porque se sente pressionada a repetir o feito do ano passado.

O que ela realmente está perguntando é se acho que ela é boa o suficiente para fazer com que sua equipe vença mais um campeonato estadual, porque a outra estrela do time feminino — Keisha Powell — se formou no ano passado e agora joga para o Tennessee Lady Vols.

Todas as outras jogadoras do time não têm nem metade do talento de Erin.

A preocupação franze a testa dela, então aceno com a cabeça e sorrio com entusiasmo.

Erin provavelmente é a melhor jogadora do estado — sem exagero.

Quando querem ser grosseiros, o que acontece sempre, meus colegas de time dizem que, se Erin tivesse um pênis (eles usam uma palavra diferente), eu ficaria no banco, e isso não é a coisa mais legal de se dizer. Porém, quando a vejo jogar, às vezes me pergunto se minha namorada realmente poderia tomar meu lugar, o que diz muito.

Sei que provavelmente não vou jogar basquete universitário em lugar nenhum, nem mesmo na terceira divisão. Sou um jogador comum, não um astro, e não vejo problema nisso. Mas Erin tem mesmo chances de entrar para um bom time universitário e ganhar uma bolsa de estudos. Essa é outra razão que me faz adorar treinar e jogar basquete fora de temporada: é uma oportunidade de ajudar Erin.

Só queremos — juntos — dar o fora desta cidade, e a carreira de Erin no basquete pode ser nossa melhor opção. Falamos o tempo todo sobre ir embora de Bellmont, deixar para trás a história de nossas famílias, nos libertarmos de tudo isso. Vimos muitas pessoas cometerem erros e ficarem presas aqui para sempre — como Rod, o irmão da Erin, e meu avô.

Sentado ali na grama, olhando para a barriga linda da minha namorada, começo a nos imaginar dando uns amassos, minhas mãos percorrendo seu abdômen. Então me forço a pensar nas pernas do meu avô, que acabam logo

abaixo das coxas — seus cotos —, porque isso sempre tira os pensamentos excitantes da minha mente.

Minha cabeça já está de volta ao lugar quando o zelador abre a porta e libera nossa entrada.

No ginásio, treinamos todo tipo de corrida e exercícios de arremesso, além de praticarmos lances livres.

Depois, vamos para o estádio. Subimos e descemos os degraus em vinte minutos de atividade que fazem nosso coração bater acelerado, nossos músculos gritarem e os pulmões arderem.

De volta ao ginásio, estamos treinando mais passes, quando o time de futebol entra para ir ao banheiro e tomar um pouco de água.

Terrell Patterson — líder dos despejadores de cenoura, quarterback titular e astro do time de basquete — grita: — Ei, Coelho Branco, por que está perdendo seu tempo treinando arremesso com salto, cara? Você nunca vai fazer uma cesta assim. Você sabe que não! Seu trabalho é me passar a bola. Ponto final.

Entre um arremesso e outro, aponto para Terrell e sorrio.

Sou o armador, por isso meu trabalho é passar a bola para os jogadores que de fato vão fazer os pontos.

Terrell marcou em média vinte e três por jogo no ano passado, e em muitas dessas ocasiões fui eu que iniciei as jogadas. Ele provavelmente não diria que sou seu amigo, mas, como é meu colega de equipe, o considero um irmão.

Tenho sido o armador titular há dois anos já.

Terrell sorri, bate o punho no peito duas vezes e faz o sinal da paz para mim.

— Como vai, cenourinha do Coelho Branco? — grita Terrell para Erin, e todos os jogadores de futebol começam a rir.

Erin olha de cara feia para ele e grita: — Não sou a *cenourinha* de ninguém, Terrell!

— Eita! Ela ficou irritadinha! Vamos dar o fora! — diz Terrell, fazendo todo mundo rir de novo.

E então eles seguem para o vestiário com os treinadores do time.

Os passes de Erin ficam mais fortes e ágeis depois que Terrell vai embora, o que significa que ela está chateada.

Quando termino a jogada, ela sai do ginásio a passos largos, mesmo que ainda tenhamos mais passes para treinar.

Vou atrás dela e paramos sob a sombra projetada pela arquibancada. Lanço um olhar como quem diz: *qual é o problema?*

— Você sabe que não gosto de ser chamada de *cenourinha* — diz ela.

Seu rosto está vermelho como um tomate e sua testa fica cheia de marcas de expressão que evidenciam sua raiva.

Ela parece estar prestes a socar a parede.

— Você realmente não faz ideia de por que estou chateada, não é? — pergunta ela.

Abro a boca, tentando dizer alguma coisa, mas, como de costume, não sai nada.

Não sei o que dizer.

— Você precisa falar mais às vezes, Finley.

Ela está certa. Erin não está dizendo que preciso mudar quem eu sou, mas que deveria apoiá-la quando necessário.

Digo com os olhos que sinto muito — piscando muito.

Erin suspira. Então, abre um sorriso, e já não há mais rugas em sua testa. De vez em quando fico espantado de ver a facilidade com que ela parece aceitar esse meu jeito.

— Venha — diz ela. — Vamos terminar as jogadas.

Então terminamos nosso treino e vamos malhar antes que o time de futebol entre na sala de musculação e comece a grunhir e disputar quem levanta mais peso.



4

NA QUADRA DO BAIRRO, OS jogos de basquete sempre são recheados de faltas e arremessos, por isso as partidas nunca são muito proveitosas, mas Erin e eu procuramos ficar no mesmo time, porque assim podemos praticar jogadas que são necessárias para os atletas sérios, como armar uma defesa e treinar lances de ataque também.

Embora os jogadores da quadra sejam adultos e passem o dia inteiro ali em vez de trabalhar, Erin e eu derrotamos esses caras com os pés nas costas. Eles detestam isso, sobretudo porque sou um esquisitão que fala pouco e Erin é uma garota.

A quadra fica a cerca de sete quarteirões de nossas casas, e é bem comum se deparar com traficantes passando o tempo e homens de idade avançada sentados tomando bebidas escondidas em sacos de papel marrom.

Há ampolas de crack e seringas usadas espalhadas nos arredores. Não é o lugar mais seguro do mundo, mas estamos sob a proteção de Rod, irmão da Erin.

Rod tem vinte e tantos anos, toca bateria em uma banda irlandesa tradicional de punk, no estilo da Pogues, e, se os boatos forem verdadeiros, também vende drogas, só que não nas ruas. Porém, o mais importante é que ele tem a reputação de ser o irlandês mais imprevisível e violento que já viveu em Bellmont. As pessoas do bairro têm medo dele — e com razão.

Uma vez, no início do ensino médio, havia um aluno do último ano chamado Don Little que tinha uma queda pela Erin. Ele a perseguia pela escola e falava coisas terríveis para ela. Não vou nem repetir as palavras dele, porque eram sordidamente baixas. Sempre que eu ouvia Don Little dizer algo indecente para ela, eu sentia um aperto no peito e cerrava os punhos, mas, é claro, minha língua

não funcionava de jeito nenhum.

Don Little era um cara de dezenove anos que já tinha sido preso e ido para um reformatório por vender cocaína, e Erin era apenas uma menina de quatorze.

Certo dia, Erin e eu estávamos a caminho de casa quando percebemos que Don Little havia nos seguido.

Ele apertou o traseiro da Erin e disse umas coisas bem obscenas.

Ele agiu como se eu não estivesse lá, ou como se minha presença não fizesse diferença. Fiquei tão furioso que tentei dizer algo, mas tudo o que saiu foi: — Eeeei!

Don Little riu, se virou para Erin e disse: — Por que você não dá um pé na bunda desse babaca e fica com um homem de verdade?

Foi quando parti para cima dele. Mas, antes que eu conseguisse dar um soco nele, Don me derrubou com um murro no queixo.

BAAAMMMMM!

POU!

ESTRELAS!

Eu me lembro das minhas pernas voando, de ver as nuvens lá no alto, e de desmaiar depois.

Quando acordei, Erin acariciava meu rosto, dizendo: — Acorda! Vamos, Finley, acorda!

O nariz dela estava sangrando. Algumas gotas pesadas e quentes caíam no meu pescoço.

— O que aconteceu? — perguntei.

— Eu bati no Don Little.

— O quê?

— Dei um soco na cara dele depois que ele bateu em você. Eu fiquei tão transtornada!

— Seu nariz…

— Sim, ele conseguiu me acertar antes de fugir.

— Você está bem?

— Você está?

— Acho que sim.

— Bem, então eu também.

Ela me ajudou a levantar e me levou para casa. Pedi que ela não contasse a ninguém que tinha me defendido de Don Little, e isso a fez rir.

— Quer dizer que você não está orgulhoso de sua namorada ser capaz de acabar com um cara? — perguntou ela.

Minha resposta foi vomitar na calçada na mesma hora, e logo me senti menos zonzo.

O irmão da Erin me visitou mais tarde naquela noite.

Eu não o via fazia muito tempo, porque ele já não morava mais com os Quinn.

Ele andava malhando e parecia um fisiculturista profissional. Estava com uma camiseta apertada com crânios desenhados e uma calça jeans preta com a bainha dobrada, mostrando os cadarços brancos da bota Dr. Martens preta. A cabeça estava raspada e os braços, cobertos de tatuagens celtas.

— Sr. McManus, você se importa se eu conversar a sós com o seu filho? — perguntou Rod.

— Por que a sós? — perguntou meu pai. — Nós somos uma família.

— Acho que você sabe por quê — disse Rod.

Papai e Rod se encararam por alguns segundos, até que Rod disse: — Eu sempre falo bem de você e de sua família, mas as pessoas não esquecem.

Meu pai ficou pálido, e comecei a me sentir mal quando vi que o cabelo grisalho em suas têmporas estava molhado de suor.

— Não estamos atrás de problema — disse meu pai.

— Então nos deixe sozinhos por alguns minutos. Seu filho é um bom garoto. Sabemos disso. Só estamos tentando ajudar.

Fiquei surpreso quando meu pai realmente saiu e fechou a porta.

Rod me perguntou o que havia acontecido, então contei a ele as partes de que me lembrava.

Ele segurou minha cabeça por trás e cuidadosamente puxou minha testa para junto da sua, até nossas sobrancelhas se tocarem. Os cílios dele roçavam os meus sempre que ele piscava. O cheiro de bebida em seu hálito era desagradável e pungente como uma lâmina.

— Depois desta noite, meu camarada, ninguém neste bairro vai tocar em você ou na minha irmã de novo. Pode ter certeza disso.

Na manhã seguinte, encontraram Don Little inconsciente na quadra de basquete. Seu corpo estava todo inchado e machucado.

Suas tranças haviam sido cortadas, e a cabeça estava raspada.

Soube que havia um cartaz preso em seu pescoço que dizia: EU BATO EM GAROTAS.

A polícia tentou achar o agressor, mas nem Don Little nem ninguém nunca disse uma palavra sobre o que todo mundo achava ser verdade.

A maioria das pessoas não dá informações à polícia por aqui.

Don Little abandonou a escola e deixou a cidade pouco depois, e nunca mais ninguém em Bellmont encostou um dedo em Erin ou em mim.

É por isso que podemos jogar basquete na quadra da cidade sem sermos perturbados pelos criminosos que vivem por aqui. Sabemos que, se Rod não

estivesse por perto, seríamos tratados de forma diferente. Isso me deixa meio triste.



5

EM FRENTE À CASA DELA — uma casa de tijolos geminada com toldos amarelos, desbotados e rasgados —, Erin diz que vai tomar um banho rápido. Então me dá um beijo e desaparece por trás da porta de tela.

Corro o quarteirão que falta até minha casa pela rua O'Shea.

O bairro é cinzento, sombrio e cheio de lixo, mas pelo menos todas as casas estão ocupadas, ou seja, não estão condenadas e caquéticas. Os arredores do nosso bairro parecem ótimos em comparação com a maioria por aqui.

Quando atravesso a rua, noto a velha caminhonete Ford do treinador Wilkins parada em frente à minha casa.

Ele veio me visitar e agora está sozinho com o vovô, que às vezes fica bêbado durante o dia e começa a tocar em assuntos de família delicados, falando sem pensar sobre coisas que não quero que ninguém saiba, principalmente o treinador.

Entro correndo em casa e grito: — Treinador?

— Finley, estou bem aqui. Não precisa gritar.

Ele está usando um terno de tecido leve sem gravata e sapatos elegantes. *Por que se arrumou todo?*

O treinador está no sofá da sala. A cadeira de rodas do meu avô está ao lado do sofá e, por sorte, ele parece relativamente sóbrio.

— O treinador Wilkins gostaria de levar você para jantar — diz vovô.

Ele está usando uma camiseta justa e a calça bege está presa sob os cotos das pernas. O cabelo branco está penteado para trás e preso atrás da orelha, caindo sobre os ombros. Ele não está tentando parecer descolado com o cabelo comprido, só não se importa com isso a ponto de ir ao barbeiro. O rosário verde

da vovó faz um *V* no peito dele, e Jesus paira em uma cruz preta sobre seu umbigo saliente.

— Vamos à casa de um amigo, na verdade — diz o treinador.

Em seguida, percebendo como estou suado, acrescenta: — Parece que você se exercitou bastante hoje.

— Com Erin Quinn — diz o vovô. — É a garota dele.

— Ela é uma boa jogadora e uma boa moça — diz o treinador. — Então, Finley…

Gosto do fato de o treinador não me chamar de Coelho Branco, principalmente porque meus colegas estão sempre tentando fazer com que ele use o apelido.

— Você vem comigo hoje, então? — pergunta o treinador.

Faço que sim com a cabeça.

Sempre faço o que o treinador pede. Ele é o meu treinador.

— Por que você não toma um banho e deixamos para conversar no caminho? E vista uma roupa bonita — diz o treinador.

— Vou precisar de sua ajuda antes de você ir — diz vovô.

Eu o levo ao banheiro, onde rapidamente o ajudo a trocar a fralda suja.

Quando voltamos para a sala, meu pai está acordado.

(Papai dorme de dia e trabalha à noite.) Ele e o treinador estão falando sobre basquete e rindo, então paro a cadeira do vovô ao lado deles.

— Vê se não demora — diz vovô, enquanto subo a escada depressa.

No chuveiro, me pergunto aonde o técnico vai me levar.

Ele nunca me chamou para jantar, e só tinha vindo à minha casa duas vezes. A primeira foi depois que apanhei de Don Little, e a segunda, depois que machuquei o tornozelo no segundo ano.

Não faço ideia de onde ele vai me levar esta noite, mas estou animado para descobrir.



6

VISTO UMA CALÇA PRETA E uma camisa polo azul-clara. O treinador e eu já estamos de saída quando meu pai, parado à porta, pede que eu me comporte bem. Ele parece cansado, mas está com a expressão esperançosa de "temos convidados" que vejo em seu rosto sempre que qualquer pessoa, além de mim e do vovô, está por perto.

Com o cabelo ainda molhado, Erin chega à minha casa com um vestido colorido e leve. Ela e o treinador se cumprimentam.

— Você se importa de me emprestar o Finley por algumas horas? — pergunta o treinador.

— De jeito nenhum — diz ela, mas, quando olha para mim, percebo que está um pouco desapontada e bem confusa.

Dou de ombros para mostrar que não tenho ideia do que está acontecendo. Quero ficar com Erin, mas eu a vejo todas as noites. Além disso, ela entende que, quando o técnico vai à sua casa, é porque algo importante está acontecendo.

— Treinador, mais ou menos que horas que você vai trazer o Finley? — pergunta Erin, curiosa.

— Acho que lá pelas nove já estaremos de volta.

— Vejo você mais tarde, então — diz Erin para mim, e vai embora.

— Você tem sorte de ter uma amiga como ela, Finley — diz o treinador depois que entramos em sua caminhonete e colocamos o cinto de segurança. — Precisamos de amigos. *Amigos de verdade*. Como você e Erin.

O motor ronca, ganhando vida, e o vento gelado do ar-condicionado sopra direto no meu rosto.

O ar frio é bem agradável, mas o treinador não sai com o carro.

Sua expressão está séria e rígida, como sempre, mas ele não para de engolir em seco. Seu gogó sobe e desce, e logo sei que algo está errado.

— Sabe quando eu digo para vocês que o basquete pode ensinar muito sobre a vida, e que essas lições são mais importantes do que vitórias, derrotas e estatísticas pessoais, mais importantes até do que o próprio jogo…

que estamos aprendendo lições de vida na quadra, e essa é a parte mais importante da experiência?

— Sei.

O treinador diz isso toda hora.

— Bem, acho que você vai aprender muito este ano.

Alguma coisa na maneira como ele diz essas palavras faz com que eu me sinta meio estranho. Como se ele estivesse tentando ser profético ou algo assim, e este jantar fosse ainda mais importante do que eu imaginava.

Olho para o rosto do treinador e tento ler seus olhos.

Vejo desespero, frustração, cansaço — o mesmo que vejo nos olhos de todos os homens que viveram neste bairro por muitos anos.

— Temos um problema bastante complicado, Finley.

Como confio em você, vou abrir o jogo, mas preciso que guarde segredo. Você não pode contar a ninguém o que estou prestes a dizer. Nem para seu pai, nem para seu avô, nem para Erin, nem para seus colegas de time.

E, principalmente, nem para ninguém da escola. Posso confiar em você para manter o mais absoluto segredo?

Não faço a mínima ideia do que o treinador vai me dizer.

Meu coração está batendo muito forte, e percebo que agora sou eu quem está engolindo em seco.

Faço que sim com a cabeça para mostrar ao treinador que seu segredo está seguro comigo.

— Ok, então. O nome Russell Allen faz você se lembrar de alguma coisa?

Balanço a cabeça.

— Bem, é o seguinte: Russell Allen jogou basquete nos três primeiros anos do ensino médio em Los Angeles. Ele conquistou fama nacional no ano passado, quando estava no terceiro ano. É simplesmente um dos melhores novatos do país. Aos dezessete anos, já tem o corpo de um jogador de basquete profissional. Vi as gravações de alguns jogos e estou convencido de que ele tem plenas condições de fazer parte de qualquer time da NBA. Ele é um armador de um metro e noventa e seis de altura e um atleta completo. É inteligente. Sabe montar um ataque. É bom de rebotes. É ágil e está sempre se movimentando.

É o melhor defensor que já vi em jogos de ensino médio.

E, como se não bastasse, teve uma pontuação quase perfeita nos exames de

admissão para a universidade e conseguiu manter uma média altíssima durante três anos de temporadas consecutivas de basquete. Ele já jogou em tudo que é lugar. Além disso, é uma pessoa extrovertida e não se mete em encrencas. É um ótimo profissional, e todas as universidades do país querem que o garoto jogue para elas.

Está claro que o treinador ama esse garoto, mas ainda não entendi por que ele está me falando essas coisas — até porque Allen joga do outro lado do país —, muito menos por que preciso manter isso em segredo.

— Você conhece os Allen? Eles moram na rua Porter, perto daquele bar, o Drinkers.

— Não conheço — respondo.

Nunca vou àquela parte da cidade. Não há irlandeses por lá.

— Eles são avós de Russell Allen e grandes amigos meus. Eu costumava jogar basquete com o pai de Russell, que acabou se tornando um saxofonista de jazz bastante conhecido. Ele se mudou para Los Angeles e começou a compor para filmes. Ganhou dinheiro suficiente para colocar Russell em uma boa escola preparatória, e tudo estava indo muito bem, até…

O treinador segura o volante com força e aperta os lábios.

Nunca o vi tão nervoso.

— Os pais de Russell foram assassinados em fevereiro.

A palavra *assassinados* fica latejando nos meus ouvidos, e de repente parece que alguém está apertando minha garganta com o dedo. Começo a tossir um pouco, mas o treinador continua falando. Levo alguns minutos para processar o restante de suas palavras.

— Os detalhes não são importantes agora, mas esse acontecimento afetou muito Russell. Ele chegou a passar um tempo em um lar que trata de jovens com estresse pós-traumático. Os Allen são seus parentes mais próximos aqui na cidade e, num primeiro momento, tiveram dúvidas se conseguiriam cuidar de um adolescente com problemas, mas, a pedido do próprio Russell, concordaram em acolhê-lo até ele ir para a faculdade, no ano que vem.

É então que me dou conta de que há grandes chances de Russell entrar para o time de basquete. E, mesmo que o treinador esteja falando sobre as consequências de um assassinato, tenho vergonha de admitir que imediatamente começo a me preocupar com minha posição de titular. É como se me dissessem que tenho câncer e que talvez precisem tirar uma parte de mim — uma parte chamada armador titular.

— Então ele vai jogar com a gente, treinador? — pergunto.

— Bem, espero que ele *acabe* jogando pela equipe, mas a prioridade agora é a saúde mental dele. Russell não toca em uma bola de basquete há meses. Sabe,

depois de tudo o que aconteceu, ele não está com a cabeça muito boa. Achamos que ele precisa aproveitar o talento que tem. Com tantas faculdades dispostas a dar a ele uma bolsa integral, seria uma pena não vê-lo participar da temporada, mas precisamos cuidar de uma coisa de cada vez. É por isso que a matrícula dele na escola será feita com o sobrenome da mãe. Os Allen não querem olheiros e treinadores de universidades incomodando Russell até ele se recuperar por completo. Ninguém do meio sabe que ele está aqui. E Russell não está exatamente interessado em jogar basquete agora. *Combinado?*

Ainda não entendia por que estávamos tendo essa conversa.

Estou perdido.

— Eu disse a eles que nossa escola pode ser um pouco difícil e que uma escola particular seria mais indicada para o neto deles, até porque ele herdou muito dinheiro. Mas, por alguma razão, os Allen querem que este ano o garoto jogue basquete na minha equipe.

Provavelmente porque me conhecem, e, depois de tudo o que aconteceu, não querem deixar o neto nas mãos de um estranho. Então, Russell vai ser transferido para nossa escola, que não poderia ser mais diferente da escola preparatória que frequentava na Califórnia, e vai usar o nome de Russ Washington. A diretoria, o orientador dele, eu, e agora você somos os únicos que sabem a verdadeira identidade de Russell. Está bem?

Não sei o que dizer. De verdade.

O treinador continua: — Pensei que, talvez, se Russell tivesse um amigo que saiba o que é ser *diferente*, essa transição pudesse ser um pouco mais fácil.

Acho que estou começando a entender meu papel nessa história toda.

— Você parece querer me perguntar alguma coisa, Finley. Bem, este é o momento.

Mesmo sabendo que os Allen moram em uma parte da cidade onde só há negros, eu pergunto: — Então, treinador, você está dizendo que Russell é branco?

— A cor da pele dele importa? — retruca o treinador.

Ele sempre diz que não vê cor da pele, mas sei que só está tentando ser politicamente correto quando fala isso.

O treinador muda completamente sua estratégia de jogo dependendo da cor da pele dos jogadores do time adversário, porque equipes de negros e de brancos têm estilos de jogo diferentes, e isso é um fato.

Como não digo nada, ele confirma: — Russell é praticamente da mesma cor que eu.

— Então por que *eu*? — pergunto.

— Bem, digamos que tenho um palpite de que vocês dois vão se dar bem.

Além disso, você é praticamente o único garoto do time em quem confio para ajudar o filho do meu falecido amigo.

Essas palavras me fazem engolir em seco.

Parte de mim só quer estar com a Erin. No entanto, outra parte está intrigada, meio lisonjeada e um pouco nervosa, tudo ao mesmo tempo.

O treinador dá partida no carro e dirige até a casa dos Allen.



7

— TEM MAIS UMA coisa — diz o treinador, já parando o carro.

Ele está com um olhar de quem precisa ir ao banheiro ou algo parecido. Parece bastante desconfortável. E aperta o volante com muita força.

— Russell não está mais atendendo por esse nome.

O treinador olha pelo para-brisa com uma expressão vaga no rosto.

— Agora ele quer ser chamado de Garoto21.

Ele assente algumas vezes, como se quisesse mostrar que não está brincando.

— Por quê? — pergunto, me dando conta de que vinte e um é meu número no time. Essa noite poderia ficar ainda mais estranha?

— Seu terapeuta e as pessoas do lar para jovens que ele frequentou recomendaram que todos nós respeitássemos a vontade dele e o chamássemos assim.

Disseram que nesse momento ele precisa exercer controle sobre seu ambiente de alguma maneira, ou algo do tipo. Não sei nada sobre essas coisas, mas acho que, depois de tudo o que aconteceu, faria bem ao garoto ter um amigo com um coração bom. É isso que importa.

Vamos chamá-lo de Garoto21 esta noite e tentar fazê-lo aceitar ser o Russ antes do início das aulas.

Faço que sim, mas desconfio que meu rosto diga algo diferente. Eu tenho um bom coração? Como posso ser amigo desse garoto se mal falo com as pessoas e não tenho nenhum amigo de verdade, além da Erin? Será que ele vai querer ficar com o meu número no time?

As sobrancelhas franzidas do treinador fazem a pele de sua testa enrugar, e ele engole em seco a cada cinco segundos.

Por fim, coloca a mão no meu ombro e diz: — Estou fazendo isso em respeito ao meu amigo. E, Finley, não importa o que aconteça, obrigado por ter vindo. Você é um bom garoto. Só estou pedindo para você dar uma chance ao Russell. Nada mais. Se não der certo, esquecemos isso. *Tudo bem?*

— Tudo.

— Bem, então vamos lá.

Descemos da caminhonete. A rua dos Allen é muito pior do que a minha. As calçadas estão repletas de garrafas quebradas e embalagens de fast-food usadas; algumas casas estão fechadas com tábuas de madeira, e quase todos os prédios têm palavrões pichados. Apesar de tudo, a casa dos Allen é muito bonita. O gramado está cortado, os arbustos estão podados; o lugar parece bem cuidado e acolhedor. Parece ter sido pintado há pouco tempo também, coisa rara em Bellmont.

O treinador toca a campainha, e logo um casal de idosos abre a porta.

— Timothy!

A senhora está de vestido preto. Ela passa os braços em volta do pescoço do treinador, e ele tem que se curvar para cumprimentá-la.

— Muito obrigada por terem vindo.

— É um prazer, sra. Allen.

O sr. Allen, que está de terno cinza, aperta a mão do treinador de maneira muito formal e diz: — Obrigado novamente pelo que disse no funeral.

Você é um poeta, um bom amigo e uma alma generosa.

— Só falei a verdade — diz o treinador.

Os olhos de todos ficam marejados.

— Este aqui é Finley McManus, um dos melhores jovens do meu time de basquete. Ele é uma ótima pessoa. Garanto a vocês.

Fico um pouco envergonhado com a apresentação do treinador, mas também um pouco orgulhoso.

O sr. Allen olha para mim e diz: — Obrigado por ter vindo.

Sei que o sr. Allen deve estar surpreso com o fato de eu ser branco, mas isso não me incomoda. Acho que eu também ficaria, se fosse ele. Na verdade, o que me surpreende é o treinador ter me escolhido para essa tarefa — não sou terapeuta nem tenho muito em comum com os Allen. Provavelmente eles pensam que não conseguirei me entender com seu neto, que posso até representar um risco para ele no novo bairro, e concordo plenamente. É bem raro ver uma amizade entre garotos brancos e negros em Bellmont. Talvez isso seja intransigente demais da minha parte, mas descobri que ser intransigente, às vezes, torna a vida mais fácil para todos.

— Entre — diz a sra. Allen.



8

DENTRO DA CASA, O AR-CONDICIONADO está ligado.

Há quadros com imagens de Jesus pendurados em todas as paredes. Jesus segurando cordeiros. Jesus em um jardim. Jesus vestindo um manto roxo. Os móveis são muito antigos, mas os cômodos são os mais limpos em que já estive. Tudo de madeira está polido, os tapetes são macios e foram aspirados recentemente, e é impossível encontrar um único grão de poeira — nem se eu movesse os quadros de lugar. Comparado à bagunça que é minha casa cheia de homens, é como estar em um museu.

Eu me sento ao lado do treinador no sofá, e a sra. Allen me dá um copo de limonada.

— Então, onde está Russ? — pergunta o treinador.

— Lá em cima, no quarto — diz o sr. Allen. — Não consegui convencê-lo a descer. Disse a ele que vocês estavam vindo, mas, bem… — ele então abaixa a voz — ... a assistente social disse que não devemos pressionar o menino, que é melhor esperá-lo se adaptar à nova realidade, então…

— Você poderia ir até lá falar com ele? — pede a sra. Allen, dirigindo-se a mim.

Ela é uma mulher pequena e magra, mas de olhar forte e penetrante, então simplesmente concordo com um aceno de cabeça, porque sempre faço o que os mais velhos pedem. Foi assim que meu avô e meu pai me criaram.

— Seria bom deixar os meninos se conhecerem — diz o sr. Allen, um pouco esperançoso demais, como se estivesse tentando esconder suas reais expectativas, mas talvez eu esteja apenas sendo paranoico.

— Tudo bem para você, Finley? — pergunta o treinador, colocando a mão no

meu ombro novamente.

Faço que sim.

Um bom jogador sempre ouve seu técnico, ainda mais quando ele é tão inteligente como o meu.

— Lá em cima, segunda porta à esquerda — diz a sra. Allen.

Coloco meu copo em um descanso e me levanto.

— Você falou para ele sobre a fixação de Russell com o espaço sideral? — pergunta o sr. Allen ao treinador.

Quando lanço um olhar intrigado para o técnico, ele diz: — Sobe lá, Finley. Diga oi. Ok?

Na mesma hora começo a me perguntar o que tudo isso tem a ver com o espaço, mas os olhos do treinador me imploram para não questionar nada na frente dos Allen, então fico quieto.

Enquanto cruzo a sala e sigo até a escada, sinto os três me olhando, mas, quando já estou fora de vista, subo os degraus com calma e observo as fotos na parede, tentando descobrir em que tipo de confusão me meti.

Há fotos em preto e branco do sr. e da sra. Allen quando jovens, e reconheço diferentes partes de Bellmont, mesmo que os carros e as roupas sejam de outra época e a cidade pareça muito mais limpa e segura do que agora.

Há uma foto antiga de um casamento, e o treinador é o padrinho; ele está demais, com um cabelo black power enorme, um smoking azul-claro, e está mais parecido com meus colegas de turma do que com um adulto, e isso me faz abrir um sorriso.

As fotos de Russell começam quando ele era um bebê e mostram o seu crescimento, chegando aos dias de hoje.

É óbvio que sua família tinha dinheiro. Suas roupas parecem caras em todas as fotos com os amigos da escola, e há fotografias dele e de seus pais em outros países: em frente à Torre Eiffel e também em frente àquela torre inclinada da Itália; até mesmo uma junto às pirâmides do Egito.

Começo a sentir um pouco de inveja desse garoto, porque nunca estive em nenhum lugar além de Bellmont, e ele já viajou o mundo todo, o que não me parece muito justo. Por que algumas pessoas já nascem com condições financeiras fantásticas e outras esperam a vida inteira por uma chance?

Russell está sorrindo em todas as fotos. Ele parece ser legal, o que torna difícil para mim odiá-lo.

Então vejo a foto do time de basquete do qual ele fazia parte na escola: Russell é o único negro. Os jogadores usam uniformes da Nike, descolados e novinhos em folha, como uma equipe de faculdade. Eles até têm os mesmos tênis.

Talvez o treinador saiba que o Garoto21 era o único negro em sua equipe, assim como eu sou o único branco na minha, e por isso me escolheu para esta tarefa.

Outra coisa chama minha atenção: Russell está usando o número 21 — o meu número —, e não consigo deixar de me sentir ameaçado.

No alto da escada, não há mais fotos. Sigo o corredor e passo por um quarto repleto de caixas e nada mais.

Tenho que me virar de lado ao passar por uma grande cômoda e uma escrivaninha. Um colchão e um estrado também estão encostados na parede.

Atrás da única porta fechada no corredor, alguém está falando.

Encosto a orelha na porta e ouço uma voz de homem dizer: — Perseu! Perseu, o herói! Assassino de Medusa! Aí está você, meu amigo! Um roteiro para uma nova existência. O espaço é o lugar! O espaço é o lugar!

Quem quer que esteja atrás da porta parece completamente louco.

Mas, pelo treinador, faço o que me pediram.

Bons jogadores de basquete sempre seguem a estratégia de jogo.

Sempre.

Ergo a mão e bato na porta.



9

DE REPENTE A VOZ PARA e, após alguns longos segundos, a porta abre. Eu me deparo com um cara sem camisa com jeito de criança.

O corpo dele é incrível.

O corpo perfeito para o basquete.

Alto, magro, forte… exatamente como Kobe Bryant.

Suas tranças devem ter uns dez centímetros de comprimento. Ao contrário dos meus colegas de equipe, que usam tranças bem definidas, no estilo das de Manny Ramirez, as do Garoto21 são tão grossas e emboladas que mais parecem os dreads de Bob Marley.

— Você é um terráqueo? — pergunta o Garoto21.

Engulo em seco e faço que sim com a cabeça.

— Estou programado para tratar todos os terráqueos com gentileza. Saudações. Sou o Garoto21, vindo do cosmos. Vim parar aqui na Terra, mas vou embora em breve. Entre em minha câmara doméstica.

Ele vira de costas para mim e continua o que estava fazendo.

Entro no quarto vazio e vejo que o teto e as paredes foram pintados de preto recentemente.

Há livros abertos pelo chão. Todos sobre o espaço sideral. Há centenas de constelações, galáxias e universos espalhados ao redor de meus pés.

Quando ergo a cabeça, vejo o Garoto21 com um livro na mão, montando constelações na parede com estrelas de plástico que brilham no escuro — iguais às que são coladas no teto do quarto de crianças pequenas.

Ele já preencheu uma parede inteira com constelações.

— Acabei de terminar a Perseu. Aquela lá é Algol, a estrela de demônio. Isto

aqui é um espaço cósmico imaginário, ou de mentira, então não estamos preocupados em organizar as constelações da maneira como elas realmente costumam ser.

A expressão no rosto dele é vazia, completamente alheia.

— Só estamos arrumando nossas constelações favoritas para nos sentirmos mais em casa nessa câmara doméstica aqui na Terra. Qual é *sua* constelação favorita? E você tem um nome, terráqueo?

Isso não é um jogo nem uma brincadeira. Ele é louco mesmo.

— Terráqueo, seu sistema de entrada de áudio está danificado? Você pode me ouvir?

— Humm…

É tudo o que consigo falar. O que dizer a esse garoto louco que pensa que é do espaço?

— Seu sistema de saída de áudio está danificado? O que vocês, terráqueos, chamam de *língua.*.. a sua está funcionando?

— Está.

— Então, você é apenas *parcimonioso* com as palavras?

— Parcimonioso. É. Acho que sim.

Ele usa corretamente uma palavra difícil, o tipo de palavra empregada para causar boa impressão em provas de admissão das universidades. Isso é algum tipo de brincadeira? O treinador está fazendo uma pegadinha comigo?

— Respeito sua natureza parcimoniosa — diz ele, e então volta a organizar constelações à sua maneira, enquanto murmura fatos sobre o espaço.

Não sei o que dizer, então não digo nada, como sempre.

Depois de uns cinco minutos, mais ou menos, o Garoto21 vira e diz: — Tudo bem se eu chamar você pelo seu nome terráqueo… Finley?

Seus avós provavelmente lhe disseram meu nome, mas fico surpreso por ele me chamar assim sem que eu precisasse me apresentar.

— Posso? — insiste ele.

— Claro — respondo.

Qual é o problema desse garoto?

— Meu nome é Garoto21. Sou um protótipo. Um modelo de teste. Fui enviado para seu planeta temporariamente com o objetivo de reunir informações científicas sobre o que vocês, terráqueos, chamam de emoções. Mas só ficarei aqui por mais alguns meses.

Logo meus criadores virão me buscar e me levar de volta para o cosmos, onde serei estudado, desmontado e, finalmente, libertado. Percebo que essas são ideias estranhas para você e, por isso, provavelmente difíceis para seu cérebro processar, já que é apenas um terráqueo. Será que é o momento de alimentarmos

seu sistema?

Apenas olho para ele, confuso e inexpressivo.

— Gostaria de consumir átomos? — pergunta ele. — É o que chamam de *jantar* por aqui.

Percebendo que isso vai me levar de volta para a companhia de pessoas sãs, faço que sim.

— Estou morrendo de fome.

— Muito bem — diz ele, e então veste uma camiseta branca com algo escrito à mão com marcador preto.

As letras pintadas com as cores do arco-íris em sua camiseta dizem: N.A.S.A. (Núbios Arrasam Sendo Astronautas) — Você gosta da minha camiseta, terráqueo conhecido como Finley? — pergunta ele, ao perceber que estou olhando para ela. — O homem negro e o cosmos.

Duas coisas incríveis que combinam perfeitamente.

Estou sem palavras.

— Não estou usando sua linguagem terráquea de forma eficaz? — questiona ele.

Droga. Que diabo está acontecendo aqui?

O Garoto21 sorri com malícia e diz com os olhos algo que não entendo muito bem.

Ele desce a escada, e vou atrás. Logo me vejo comendo uma deliciosa refeição com o treinador, o Garoto21 e os Allen.

Rosbife.

Vagem.

Purê de batatas com alho.

Ninguém fala nada sobre a camiseta do Garoto21, e ele permanece em silêncio durante toda a refeição.

— Está gostando de Bellmont? — pergunta o treinador.

— Russell — chama o sr. Allen. — O treinador está falando com você.

— Tudo bem — diz o treinador. — Você não precisa falar se não quiser. Teremos tempo para isso depois.

Os adultos trocam olhares, e fico feliz por não olharem para mim.

— Você gostou da comida? — pergunta a sra. Allen.

— Sim. Obrigado — digo, e em seguida ouço apenas o som de facas e garfos batendo nos pratos, pessoas mastigando, engolindo, bebendo água e apoiando os copos na mesa.

O Garoto21 mantém os olhos na comida até acabar, e então diz: — Posso levar Finley de volta para meu quarto?

— Você já terminou de comer? — pergunta a sra. Allen para mim.

Faço que sim, mesmo sem ter acabado, e agradeço.

— Vão lá se divertir — diz o treinador.

E, então, estou de volta ao quarto do Garoto21, vendo-o fazer constelações com adesivos que brilham no escuro.

— Você não fala muito, né? — pergunta ele, olhando por cima do ombro.

— Não — respondo.

— Aconteceu alguma coisa com você?

A verdade é que muitas coisas aconteceram comigo, coisas boas e ruins. Eu precisaria de muitas palavras para explicar, mais palavras do que sou capaz de dizer.

Há uma parte de mim que quer conversar sobre meu passado, sobre o porquê de eu não falar muito; ela quer falar inclusive sobre o espaço sideral, sobre tudo, mas é como se minha mente fosse um punho que estivesse sempre cerrado, tentando impedir que as palavras saiam.

O Garoto21 me encara e diz: — Você acredita que sou do espaço?

Dou de ombros.

— Você vai acreditar quando eu ascender, mas até lá vou precisar de alguém que me ajude a completar minha missão aqui na Terra. Você parece ser bastante emotivo, e estou muito interessado em estudar emoções. Você é confiável?

Faço que sim, porque geralmente sou confiável, mas também sorrio, porque não sou nem um pouco emotivo.

Pelo menos, tento não ser.

Ele sorri de volta.

— Você pode me ensinar sua cultura? — pergunta ele, acrescentando em seguida: — Por favor.

— Você vai jogar basquete este ano? — pergunto.

O Garoto21 vira de costas para mim e diz: — Estou programado para ser um excelente jogador de basquete. Nenhum terráqueo pode me vencer. Mas acho que já terei ido embora quando a temporada começar. Voltarei ao cosmos bem antes da época que vocês, terráqueos, chamam de novembro.

Fico aliviado quando ele diz isso. Se o Garoto21 já tiver ido embora em novembro, não poderá participar da temporada de basquete, e então me dou conta de como essa história toda é maluca.

Ele é completamente doido.

Não é capaz de cumprir as exigências de uma temporada oficial de basquete, ainda mais com esse papo de espaço sideral. Basquete é um jogo em que os atletas devem se submeter às regras pelo bem da equipe, e o Garoto21 não parece seguir regra alguma.

Penso no que vai acontecer com Russell se ele continuar fingindo que é do

espaço quando as aulas começarem.

Na hora do almoço, ele será relegado para minha mesa. Os alunos vão despejar cenouras em seu prato.

Não gosto do jeito como as coisas são em Bellmont.

— Você não pode dizer às pessoas que é do espaço — digo.

— Por que não? — pergunta ele, com um olhar realmente curioso. — As pessoas gostam de ouvir inverdades neste setor da Terra?

Bellmont é um lugar complicado demais para ser explicado em uma frase. As drogas, a violência, a tensão racial, a máfia irlandesa — como explicar quem manda na cidade quando se corre o risco de ser assassinado só por dizer as palavras *máfia irlandesa*? Fico de boca fechada.

O Garoto21 me encara e diz: — Por que você se importa com o que acontece *comigo*, terráqueo?

Dou de ombros, mas depois digo: — Acho que de alguma maneira me importo com *todo mundo*.

O Garoto21 sorri para mim. Sei que isso vai soar estranho, mas a expressão em seu rosto aquece meu peito e desfaço o nó em minha garganta; os dentes dele brilham — e, então, ele volta para seus adesivos cintilantes.

Eu me sento no chão e observo o Garoto21 arrumar as constelações. Ele separa pequenos pedaços de fita dupla face, cola um no meio de cada estrela, coloca a estrela na ponta do dedo indicador e depois a pressiona na parede ou no teto. Ele salta no ar como o Superman para colar as estrelas no teto, mas aterrissa com delicadeza, sem estremecer muito a casa, principalmente porque é tão alto que não precisa dar um grande pulo, mas também porque é obviamente atlético. Ele está com um olhar decidido — é como se suas sobrancelhas estivessem fazendo força para se unirem, logo acima do nariz.

Depois de uns dez minutos, puxa as cortinas, apaga as luzes e senta ao meu lado.

— Imagine que está no espaço — diz ele.

É tão absurdo que eu quase tenho vontade de rir.

Não faço ideia de como é estar no espaço, mas sei que nunca me senti assim. Talvez eu devesse ter medo ou, no mínimo, ficar alerta, mas o Garoto21 parece bastante inofensivo, então apenas espero.

O que mais posso fazer?

Depois de alguns minutos de absoluto silêncio, penso no porquê de o Garoto21 estar arrumando estrelas em seu quarto. Talvez ele goste de estar no controle de seu pequeno universo, de ser capaz de organizar as coisas da forma que deseja, como um deus ou algo assim. Talvez, assim como as crianças, ele goste de criar esse mundo de mentira. Eu não tenho certeza, mas também não me

importo.

A única pessoa com quem já fiquei sentado sozinho no escuro é Erin, e, como sempre quero beijá-la, nunca consegui parar e apreciar o momento de silêncio compartilhado.

É bom ficar sentado assim com outra pessoa, embora eu não saiba por quê.

Por mais louco que isso possa parecer, estou gostando da companhia do Garoto21.

Não existem muitas pessoas da minha idade que ficariam em um quarto comigo em total silêncio. Não por vontade própria. A maioria fala sem parar e está sempre indo de um lado para o outro.

Os adesivos emitem um brilho verde sobrenatural, e tenho que admitir que gosto de olhar para eles.

Ficamos ali sentados em silêncio por um longo tempo, o que de alguma forma parece *certo*, ainda que minha pele esteja formigando de um jeito estranho.

— Meninos? — chama o treinador quando abre a porta, deixando entrar a luz do corredor e quebrando o encanto. — O que vocês dois estão fazendo no escuro?

— Vendo as estrelas, terráqueo — diz o Garoto21.

— Ah — diz o treinador, olhando ao redor para admirar as diversas constelações do Garoto21. — Hora de ir, Finley.

— Onde é sua câmara habitacional, terráqueo conhecido como Finley? — pergunta o Garoto21, quando me levanto.

— Rua O'Shea, número 521 — digo. — Do outro lado da cidade.

— Apareço lá mais tarde.

O Garoto21 estende a mão, que tem o dobro do tamanho da minha. Desconfiado, aperto a mão dele.

— Foi um prazer estar com você mais uma vez, Garoto21 — diz o treinador. — Vou adorar vê-lo novamente.

Nós nos despedimos dos Allen e vamos embora.

A caminho de casa, observando o bairro pela janela do carro — as casas geminadas caindo aos pedaços, as estradas esburacadas, o lixo sendo levado pelo vento, as árvores pichadas —, me pergunto se o Garoto21 vem mesmo me visitar esta noite.

Só por diversão, eu o imagino aterrissando em nosso minúsculo quintal na frente da casa, talvez em um disco voador sob medida, o que, provavelmente, preencheria o círculo central de uma quadra de basquete. Sua nave espacial tem uma cúpula verde na parte superior que se abre como um ovo de Páscoa.

"Olá, Finley!", diz o Garoto21, na minha mente.

“Vamos cruzar a galáxia!”
Tenho que esconder meu sorriso do treinador.



— ENTÃO, O QUE você achou do Russ? — pergunta o treinador.

O que vem à minha mente é o seguinte: é como se Russ tivesse criado um campo de força de esquisitice em torno de si, mas, como isso parece papo de maluco, fico de boca fechada.

— É muita coisa para absorver a princípio — diz o treinador. — Meu palpite é que parte daquilo é só uma encenação para manter algumas pessoas afastadas. Acho que talvez ele esteja fazendo isso para se proteger, mas vai saber. O garoto passou por muita coisa. Obrigado por ter vindo comigo esta noite. Você acha que pode ajudar o Russ na semana que vem, quando as aulas começarem?

— Claro.

— E manter a história dele em segredo?

— Sim, senhor.

Quando chegamos à minha casa, o treinador aperta minha mão e diz: — Você é mesmo um bom garoto, Finley. Sabe disso, não sabe?

Eu sorrio e saio da caminhonete.

Encontro vovô e Erin jogando War na cozinha. As pilhas de cartas dos dois estão praticamente do mesmo tamanho. Ele bate as cartas na mesa como se estivesse tentando quebrar uma tábua ao meio com um golpe de caratê, enquanto Erin é o retrato da suavidade. Sempre que ganha, ela diz algo como: “Ah, que pena, sr. McManus. Quem sabe da próxima vez, veterano?”

Adoro quando ela é sarcástica. Vovô também. Sei disso por causa do sorriso que ele tenta esconder.

— Então — diz o vovô —, como é o garoto novo?

Não sei o que responder. Não quero dizer como ele é estranho, e não quero

traí-lo contando seus segredos, então simplesmente dou de ombros.

— Dá para acreditar nesse mudinho idiota? — diz o vovô a Erin. — Não conseguiriam arrancar uma palavra do Finley nem se batessem nele com um bastão.

— Eu perdi. Você ganhou, vovô — diz Erin, segurando minha mão e me levando para o quarto.

— Volte aqui, mocinha! Conheço todas as suas jogadas! — diz vovô. — Termine de jogar! Isso aqui é guerra!

Mas já estamos no meio da escada.

Abrimos a janela de tela do quarto, vamos para o telhado e nos deitamos.

Ficamos nos beijando por um tempo, o que é muito bom, e depois Erin deita a cabeça no meu peito e diz: — O treinador levou você para conhecer um novo jogador?

— Um novo aluno.

Passo os dedos pelo cabelo dela e massageio seu couro cabeludo. Ela adora quando faço isso.

— Ele é legal?

— É, sim.

— Qual o nome dele?

— Garoto21.

Erin ri, como se eu estivesse brincando. Então digo: — Russ Washington.

Em seguida, minha mão desce por suas costas, e nos beijamos um pouco mais.

Quando terminamos, não falamos nada. Só ficamos lá deitados, olhando para a meia-lua, até chegar a hora de levá-la para casa.

Na varanda da casa dela, depois de olhar em seus olhos pelo que parece ser um longo tempo, dou um beijo de boa-noite em Erin e vou embora.

Nossa noite no telhado foi incrível, principalmente porque Erin beija muito bem, mas não é nela que estou pensando agora. É no Garoto21, o que me deixa surpreso.

Eu me sinto estranho.

Eu me sinto preocupado.

Sinto pena do Garoto21, por seus pais terem sido assassinados e por ele achar que veio do espaço, mas, por outro lado, seu conhecimento sobre constelações é bem interessante. Ele parece muito inteligente. E esperto o bastante para fingir de forma convincente, o que me faz questionar se a teoria do treinador está certa, se o Garoto21 está apenas interpretando.

E se ele se recuperar a tempo de participar da temporada de basquete?

Se ele for mesmo tão bom quanto o treinador pensa, vou perder minha

posição de titular.

E ainda assim o treinador *me* escolheu para ajudar o Garoto21.

Se ajudá-lo, posso acabar ficando no banco nesta temporada. Porém, se não ajudar o Garoto21 a se adaptar a Bellmont, estarei desobedecendo ao treinador pela primeira vez na vida.

Os pais do Garoto21 foram assassinados, digo a mim mesmo. *Assassinados. Não seja egoísta!*

Ao mesmo tempo, também me vem à cabeça outro pensamento: *Este é seu último ano, sua última temporada, e você e Erin treinaram tanto suas jogadas…*

Ele realmente acredita que veio do espaço?

Será que vai querer ficar com meu número no time?

Fico me perguntando se vamos nos tornar amigos…

amigos *de verdade*.

Nunca tive um amigo homem.

Sempre foi só Erin.

O Garoto21 e eu ficamos sentados juntos em silêncio, e nunca tínhamos nos visto antes.

O que foi aquilo das constelações verdes?

Paro de repente.

— Gosto da sua câmara habitacional — diz o Garoto21.

Ele está em frente à minha casa, imóvel, como se estivesse muito nervoso.

— Como você chegou aqui? — pergunto.

— Tenho um mapa deste setor da Terra. Nunca vou a nenhum lugar do seu planeta sem um mapa.

— Por que está aqui?

— Fui enviado ao seu planeta para coletar dados científicos sobre o que vocês, terráqueos, chamam de emoções.

— Não foi isso que eu quis dizer. Por que está parado em frente à minha casa a essa hora?

— Vi você deitado no telhado. E, ali, atrás daquela árvore grande do outro lado da rua, esperei educadamente sua parceira amorosa partir.

Eu apenas o encaro.

Ele estava me espiando, o que deveria me assustar, mas, por algum motivo, não fico assim. Estou mais interessado em saber por que ele veio à minha casa.

— Podemos nos sentar lá em cima e identificar tudo o que vemos no cosmos? — pergunta ele, apontando para o telhado.

Não sei por quê, mas, de repente, de maneira quase involuntária, faço que sim, e ele entra em casa comigo.

Meu pai, que pegou um trabalho extra de uma às nove da manhã, está saindo.

— Você é o garoto novo? — pergunta ele.

— Esse é o termo humano pelo qual vocês vão me chamar, terráqueo? — questiona o Garoto21. — *Garoto novo?*

— Ele acabou de me chamar de *terráqueo*? — indaga meu pai.

Ele estreita os olhos, e sua expressão transparece o desconforto que sente diante da situação.

Dou de ombros.

— Seus avós estão preocupados com você — diz meu pai para o Garoto21, olhando intrigado para a camiseta em que está escrito N.A.S.A. — O treinador ligou perguntando por você. Vou avisar que está aqui.

Papai vai para a outra sala.

— As pessoas da vizinhança não conhecem você, filho. Não é seguro andar sozinho à noite por essas bandas — diz vovô.

— Nada neste planeta poderia me machucar — retruca o Garoto21.

— Gostaria de que isso fosse verdade, mas não é.

— O treinador está vindo buscar o Russ — avisa meu pai. — Vocês dois podem esperar lá na frente se quiserem conversar. Agora preciso ir embora.

Meu pai sai para o trabalho, e eu e o Garoto21 sentamos nos degraus da frente da casa.

— Gostaria de me sentar com você em seu telhado um dia desses e lhe contar sobre meu lar… o espaço — diz Russ. — Sua presença é tranquilizadora, Finley. Seria possível nos sentarmos em seu telhado um dia desses?

Nunca me disseram que minha presença é tranquilizadora. Talvez as pessoas pensem isso, mas simplesmente não digam.

— Claro — respondo.

Gosto muito mais das palavras *presença tranquilizadora* do que de *Coelho Branco* ou *mudinho idiota*.

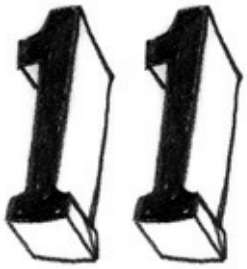
Presença tranquilizadora.

Observo seu rosto, tentando descobrir se ele está debochando de mim ou sendo irônico, mas não é o caso — ele parece estar falando sério. Bom, pelo menos acho que está.

Ficamos sentados em silêncio esperando o treinador, que chega dez minutos depois, visivelmente cansado.

Constrangido, ele sorri para mim em agradecimento, e leva Russ para casa em sua caminhonete.

Fico acordado a noite inteira pensando no Garoto21.



11

NA NOITE ANTERIOR À VOLTA às aulas, Erin e eu estamos nos beijando no telhado, quando de repente ela se afasta e diz: — Aquela é a caminhonete do treinador?

Eu me endireito e dou uma espiada. Lá está o velho Ford.

— Finley! — grita papai da sala.

Erin e eu entramos pela janela do meu quarto e descemos a escada correndo.

— Espero não estar interrompendo nada — diz o treinador.

Ele e meu pai sorriem.

— Não — diz Erin. — Não mesmo.

— Pode dar uma volta comigo, Finley?

— Claro.

— Vão ser só dez minutos, Erin. Prometo — diz o treinador.

— Tudo bem.

Erin se joga no sofá e pega o controle remoto da mão do vovô, que apagou bêbado novamente com o rosário da minha vó preso firmemente em torno da sua mão esquerda, como um soco-inglês. Ele está com uma garrafa verde de uísque Jameson entre as pernas.

— Vou assistir à TV um pouco com meu velhinho preferido.

Meu pai balança a cabeça quando vê o estado do vovô, mas ninguém diz nada.

Quando entramos na caminhonete, vejo que a testa do treinador está pingando e que sua camisa está com algumas manchas de suor. A noite está quente e úmida, mas percebo que ele está nervoso.

Ele dá a volta no quarteirão, depois para com o motor ligado e o ar-

condicionado no máximo, o que é ótimo, porque não temos ar em casa.

— Você ainda está disposto a ajudar o Russ?

Sei o que ele quer ouvir, então é isso que digo.

— Ótimo — diz o treinador. — A situação é a seguinte: foi difícil convencê-lo, mas o garoto concordou em parar de falar sobre o espaço e aceitou ser chamado de Russ Washington. Então nada de Garoto21, pelo menos não na escola. Mas, por causa do estresse causado pelas aulas e por um novo ambiente, não há nenhuma garantia de que ele não vá voltar a agir como antes, por isso quero que você dê uma força para ele. Quero você ao lado dele a cada segundo do dia. Se ele tiver que ir ao banheiro, você vai com ele. Entendido?

Parece que o treinador está me preparando para marcar um jogador em uma partida de basquete, porque está levantando a voz como faz quando nos reunimos para discutir estratégias. Ele está sendo ainda mais enérgico do que de costume — a sensação é de que tudo isso não é mais um favor, e sim minha obrigação como parte do time. Estou disposto a ajudar, mas sinto que as circunstâncias mudaram. Ou estou apenas sendo paranoico?

— E se não fizermos as mesmas aulas? — pergunto.

— Não se preocupe com isso. Digo para o sr. Allen trazer o Russ que horas?

— Trazer ele para onde?

— Para sua casa, para vocês poderem ir para a escola juntos.

Erin e eu sempre vamos andando para a escola sozinhos, e essa é minha parte favorita do dia. Gosto de conversar com ela de manhã cedo, e de beijá-la também.

Penso rápido e sugiro: — Será que o sr. Allen pode deixar o Russ na casa da Erin por volta das sete e vinte?

— Combinado.

Assim posso ir para a casa da Erin às sete e passar pelo menos vinte minutos sozinho com ela. Isso significa que precisarei acordar um pouco mais cedo, mas não me importo.

— Finley.

— Sim?

O treinador estende a mão e aperta meu ombro.

— Russ é… especial. E vê-lo bem aqui em Bellmont é muito importante para mim. O pai dele era um grande amigo.

Faço que sim, mostrando que entendo.

— Você não vai me deixar na mão, não é?

— Não, senhor.

— Ótimo. Sete e vinte na casa de Erin. Qual é o número da casa dela?

Na verdade, não me lembro.

— Fica a um quarteirão da minha casa, descendo a rua. Vamos estar sentados nos degraus da frente.

Impossível o sr. Allen não nos ver.

— E você não disse nada a Erin sobre tudo isso, certo?

— Só o necessário, nada mais.

— Muito obrigado. Vamos manter a verdadeira identidade de Russ em segredo pelo menos até a temporada de basquete começar.

Quero perguntar ao treinador sobre minha posição de titular — e por que ele está me pedindo para ajudar o garoto que pode tirá-la de mim —, mas não digo nada, e o treinador me leva para casa.

— Diga a Erin e à sua família que estávamos conversando sobre basquete, ok? Eles não precisam saber do nosso segredo.

Faço que sim. Estou um pouco desconfortável com tudo isso, mas, quando seu técnico lhe dá uma missão, você vai lá e cumpre.



12

— ENTÃO ESSE RUSS vai andando para a escola com a gente *todos os dias*? — pergunta Erin.

Estamos sentados nos degraus da varanda da casa dela, esperando os avós do Garoto21 chegarem, para nós três irmos para a escola e começarmos nosso último ano.

— Parece que sim — respondo.

— Por quê? — pergunta ela.

Dou de ombros.

Eu me sinto mal por mentir para ela, mas o treinador me pediu para não revelar a verdadeira identidade do Garoto21, então é isso que vou fazer. Sei que posso confiar em Erin e que ela sabe guardar segredo. Mas, por alguma razão, sinto que deveria deixar as pessoas formarem as próprias opiniões sobre o Garoto21…

inclusive minha namorada.

— Sabia que o treinador foi ao pub irlandês falar com meu irmão?

Arregalo os olhos, surpreso, porque geralmente as pessoas negras da cidade não vão ao pub irlandês. Mas Rod já jogou com o treinador, então os dois se conhecem.

— O treinador pediu ao Rod para espalhar por aí que Russ é nosso amigo — diz Erin.

Franzo o cenho.

— Sério?

Isso significa que o treinador pediu a proteção de Rod.

Provavelmente pediu o mesmo ao irmão mais velho de Terrell Patterson, Mike. Mike Patterson controla a parte da cidade de maioria negra.

— É meio estranho o treinador estar se arriscando tanto por alguém que nem joga basquete — diz ela, tentando pescar alguma coisa.

— O treinador tem um interesse pessoal em Russ — digo.

— Por quê?

— É como se o Russ fosse da família, entende?

— Sim — responde Erin, e, em seguida, acrescenta: — Você não se esqueceu de nada?

Ela me lança um olhar engraçado que me deixa excitado.

Inclino a cabeça e estreito os olhos.

Erin se levanta e gira, fazendo seu vestido branco novo levantar um pouco, deixando os joelhos à mostra.

Olho fixamente para ela. Erin é provavelmente a única garota da escola que vai estar de vestido hoje. Todas as outras estarão de calça jeans, short curto ou minissaia apertada.

— Como estou, Finley?

Abro um sorriso, levanto os polegares e uma sobrancelha.

— Obrigada — diz ela. — Você também está muito bonito com sua camisa nova dos Sixers.

Erin apoia as mãos nos meus joelhos e se inclina para um beijo, mas, antes que nossas bocas se toquem, ouço uma buzina de carro e vejo o Garoto21 saindo de um Cadillac grande e antigo.

Colocamos as mochilas nos ombros e vamos até o carro encontrá-lo.

O Garoto21 está com uma roupa novinha.

Camisa de botão da Tommy Hilfiger.

Calça jeans azul-escura.

Tênis Nike Zoom Soldier.

Seu cabelo foi cortado bem curto — nada de tranças grossas e emboladas.

Em vez de uma mochila, ele usa uma bolsa-carteiro de couro.

Ele parece um aluno de escola particular, e isso pode prejudicá-lo e fazê-lo chamar atenção, porque ninguém em nossa escola tem dinheiro, a não ser os traficantes de drogas.

Erin estende a mão para ele e diz: — Oi, eu sou a Erin. Prazer em conhecê-lo.

— Russ.

O Garoto21 aperta a mão dela sem fazer contato visual.

— De onde você vem, Russ?

— Do oeste.

É então que percebo que ou o terapeuta curou Russell, ou o Garoto21 se tornou mesmo uma incógnita.

Do oeste?

É uma resposta verdadeira, fundamentada e nada estranha.

Fico surpreso em ver como estou decepcionado.

— Você vai cuidar do nosso menino? — pergunta o sr. Allen de dentro do Cadillac.

— Sim, senhor — respondo.

— Obrigado — diz ele, então sorri e me olha nos olhos, de baixo de seu chapéu estilo antigo, do tipo que tem uma pena saindo da faixa vermelha em volta.

No caminho para a escola, Erin tenta puxar conversa com o Garoto21, mas as respostas dele são sempre curtas. Ele não lhe pergunta nada, e de certa maneira age da mesma forma que eu em situações desse tipo, o que me leva a crer que talvez ele também prefira ser minimalista em relação às palavras, dizendo apenas o necessário.

Continuo esperando que Erin faça a esse garoto de um metro e noventa e seis de altura a pergunta mais óbvia, e, é claro, ela acaba fazendo.

Quando ela pergunta se o Garoto21 joga basquete, ele responde com convicção: — Não.

Tenho vergonha de admitir isso, mas fiquei feliz em saber que ele não joga mais basquete. E me sinto aliviado por meu lugar no time estar garantido.

Ela pergunta de que lugar do oeste ele é exatamente — que cidade, que estado?

— Não lembro — diz ele.

Erin olha para mim, intrigada, e então pergunta se o Garoto21 está gostando de Bellmont.

Russ dá de ombros.

— Era seu avô lá no carro?

Ele faz que sim.

— Você mora com ele?

— E com a minha avó.

— Onde estão seus pais?

— Chega de perguntas — diz ele, então sorri sem jeito e acrescenta: — *Por favor*.

Erin me lança outro olhar preocupado.

Quando entramos na rua Jackson, ela diz: — Aí está. Bellmont High.

Nossa escola é um prédio de tijolos com três andares, e há sempre um carro de polícia estacionado em frente.

Junto à entrada principal ficam pessoas robustas e mal-humoradas com detectores de metais, revistando as mochilas aleatoriamente. A parte de fora já

foi pichada de todas as maneiras possíveis. Alguém escreveu há muito tempo, com tinta prateada e numa letra cursiva desleixada, BELLMONT HIGH CHUPA UM PINTO GIGANTE. A pichação foi feita ao lado da enorme silhueta do mascote da escola, que é um galo. E essas são as primeiras palavras que lemos todas as manhãs.

Os corredores são amarelos e muito barulhentos.

Garotas riem. Pessoas se empurram. As portas dos armários batem. Ninguém parece notar o Garoto21, assim como ninguém parece nos notar.

Nós nos espremeMos em meio à multidão e checamos as listas afixadas no corredor.

O Garoto21 está na minha turma de orientação, embora elas sejam organizadas por ordem alfabética e os outros alunos com sobrenomes que começam por *M* e *W* não tenham ficado juntos.

Então me dou conta de que teve dedo do treinador nisso. Sob seu comando, nosso time de basquete tem ido tão bem e por tanto tempo que ele tem poder para fazer o que quiser por aqui.

O armário do Garoto21 é bem ao lado do meu, e é claro que faremos as mesmas matérias, e é claro que todos os professores decidiram nos colocar sentados juntos em seus mapas de lugares. Isso também significa que o Garoto21 está em todas as aulas do curso avançado, como eu, mas isso não quer dizer muita coisa, na verdade, porque nossa escola não é muito exigente.

Não pense que sou inteligente. Se você é educado e parece bem-comportado, é colocado nesse curso.

O Garoto21 é muito respeitoso e formal com os professores, sempre olhando em seus olhos.

Mas ele não troca uma palavra com nenhum dos outros alunos. Mesmo quando tentam puxar conversa, ele não responde, e permanece olhando para o chão ou para o teto.

Tenho medo de que ele fique com fama de arrogante, o que não é uma coisa boa em nossa vizinhança, a menos que você goste de apanhar.

Durante o almoço, os outros jogadores de basquete, que já notaram a estatura dele, vêm até minha mesa, e Terrell pergunta: — Ei, Coelho Branco, quem é esse cara?

— Esse aqui é Russ Washington. Ele é novo na escola — diz Erin.

— Você faz algum esporte? — pergunta Sir.

Sir é nosso ala titular. Sua mãe lhe deu esse nome porque queria que as pessoas o respeitassem, independentemente da situação. Ele tem ascendência porto-riquenha, o que é uma raridade por aqui.

O Garoto21 só balança a cabeça.

— Acho que o basquete pode ser uma boa para você — diz Hakim, o nosso ala-pivô. — Você é alto, é perfeito para o esporte.

— Você está no nosso curso avançado de literatura. Quem é seu autor preferido? — pergunta Wes.

Wes, além de jogar como pivô, lê vorazmente. Está sempre devorando livros no ônibus quando nossa equipe viaja. Ele até usa uma lanterna presa à cabeça à noite para continuar lendo quando já está escuro.

O Garoto21 não olha para ele nem responde à pergunta.

— Ok. Entendi — diz Terrell. — Você é caladão, como seu amiguinho aí.

— O que tem de errado em não falar muito? — pergunta Erin.

— Nada, cenourinha.

Vejo a mágoa no olhar de Erin quando ela se levanta de repente para jogar o lixo fora, mas não digo nada. Eu *queria* dizer alguma coisa. Às vezes, realmente odeio ser tão econômico com as palavras.

— Senhoras e senhores! — grita Terrell, com as mãos para cima. — Senhoras e senhores!

Todo mundo no refeitório para de falar.

Quando todos estão em silêncio, ele diz: — Por favor, deem as boas-vindas ao novo aluno.

Este aqui é o Coelho Preto, grande amigo do Coelho Branco, e tão quieto quanto. Esses caras são meus amigos também, beleza? Então deixem que eles façam suas coisas de coelho em paz. É isso aí. Bom almoço para todos.

Algumas pessoas riem do novo apelido do Garoto21, mas todos entendem que Terrell está oficialmente colocando Russ sob a proteção de sua família.

— Ok. Agora vocês, coelhos, façam o que os coelhos costumam fazem. E, Coelho Branco, prepare-se para fazer muitas assistências nesta temporada, está me ouvindo?

— Pode deixar.

Terrell está usando um diamante enorme em cada orelha. São novos. Ele não usava diamantes no ano passado.

Quando o pessoal do time sai, Erin volta para a mesa, mas não olha para mim.

Sei que ela queria que eu a tivesse defendido quando Terrell a chamou de cenourinha, mas preciso que ele goste de mim para a temporada de basquete ir bem, o que é minha prioridade número um. Sem contar que algumas garotas na escola têm que aturar apelidos bem piores. É por isso que estou tão ansioso para que a temporada comece. Então haverá jogadas para memorizar, e estarei no ginásio quase todas as noites. O restante do mundo vai desaparecer.

Quando o Garoto21 termina o sanduíche que sua avó preparou, ele diz: —

Nós não somos coelhos.

Pela primeira vez no dia, ele está olhando nos meus olhos, e talvez eu esteja louco, mas é como se ele estivesse tentando se comunicar comigo, mandando mensagens direto de suas pupilas para as minhas. E, por mais estranho que isso possa parecer, acho que entendi o que ele quis dizer.

Quando saímos do refeitório, somos inundados por centenas de referências a coelhos pelos corredores.

— Ei, Coelhos Preto e Branco!

— Qual é a boa, Coelho Grande e Coelho Pequeno?

— As cenouras estão chegando. Vamos dar comida para os coelhos!

Sei que eles só estão brincando, principalmente porque estamos sob a proteção de Rod e Mike, mas, mesmo assim, é um pouco irritante.

Nem o Garoto21 nem eu dizemos uma palavra, e tenho que admitir que é bom não ser o único coelho da escola.



13

O SR. GORE É UM homem alto e magro, com óculos fundo de garrafa e um cabelo cacheado estilo Lionel Richie no início da carreira que é motivo de chacotas impiedosas entre os alunos. Ele é meu orientador, mas não gosto muito dele, embora ele sorria bastante, tenha uma voz suave e esteja sempre falando sobre cuidar dos meus interesses.

Ele me tirou da turma de literatura no primeiro dia de aula, o que foi desnecessário e me deixou nervoso, porque o treinador não vai gostar nada de eu ter abandonado o Garoto21.

A sala do sr. Gore é coberta por adesivos de para-choque — do chão ao teto. Cada adesivo tem o nome de uma faculdade, o que é meio irônico, porque a maioria dos alunos ali não vai conseguir entrar em nenhuma delas.

— Então… — diz o sr. Gore quando me sento. — Você tem pensado sobre seu futuro?

— Faculdade comunitária — respondo, porque é tudo o que posso bancar sem uma bolsa de estudos, e minhas notas nos exames de admissão para a faculdade são bem medíocres.

Meu pai diz que posso ficar na faculdade comunitária por dois anos e depois pedir transferência, o que economiza bastante dinheiro. Assim não vou precisar pedir empréstimos muito altos, o que me parece inteligente. E, então, pretendo seguir Erin para onde quer que ela vá jogar basquete.

— Você é capaz de muito mais que isso — diz o sr. Gore. — Mas teremos tempo para discutir essas coisas depois. — Ele se inclina para a frente na cadeira. — Então, me fale sobre o garoto novo, Russ Washington.

— O que você quer saber?

— Ah, não sei. Talvez por que o treinador pediu a você para ajudá-lo, por exemplo. — O sr. Gore sorri e umedece os lábios. — Por que você acha que ele

o escolheu?

Dou de ombros.

— Sei sobre o passado de Russ, Finley. Faço parte do círculo fechado, por assim dizer.

Ele me avalia, tentando descobrir o que sei, ou talvez esteja me testando, para ver se consegue alguma informação sobre Russ. Não gosto do seu olhar. Parece que ele gosta de fazer esses joguinhos e brincar com minha mente.

— Me diga uma coisa: vê alguma semelhança entre você e Russ?

— Nós dois jogamos basquete — digo, e depois me arrependo, porque não sei se o sr. Gore já sabia disso.

— Sim — diz ele, o que me deixa aliviado —, mas, na verdade, estou pensando em outra semelhança, uma sobre a qual você talvez devesse falar. Algo que vem sendo mantido preso aí dentro por muito tempo.

Sei exatamente a que ele está se referindo, porque vem tentando me fazer falar sobre esse assunto desde o primeiro ano, mas isso realmente não é da conta dele. O sr. Gore não sabe no que está se metendo. Algumas coisas definitivamente não devem ser ditas. Está na cara que ele não mora por aqui.

— Posso ir embora? — pergunto.

— Só estou tentando ajudá-lo, Finley.

— O treinador me pediu para não deixar Russ sozinho, então tenho que voltar para a aula.

— Você faz tudo o que o treinador pede, sem nem questionar seus motivos?

— Sim.

— Por quê?

— Ele é meu treinador.

— Estou preocupado com você, Finley. Se sentir que está se afogando em algo com que não pode lidar, que não está conseguindo voltar à superfície, sempre pode falar comigo. Quero que saiba disso. Sou um bom salva-vidas.

Salva-vidas?

Olhe em volta, sr. Gore. Não estamos exatamente na piscina pública da cidade.

Começo a ficar irritado, e o sr. Gore deve ter percebido, porque ele escreve uma justificativa de atraso para eu apresentar na próxima aula e a estende para mim, com o papel posicionado entre o dedo indicador e o dedo médio.

— Você já pode ir — diz ele.

Saio depressa.



14

O ÚLTIMO SINAL DO DIA toca, e eu e o Garoto21 vamos para o ginásio, onde normalmente me encontro com Erin para treinarmos.

Quando vou trocar de roupa, pergunto ao Garoto21 se ele vai treinar com a gente.

— Vou só ficar assistindo mesmo — responde.

Faço que sim com a cabeça e sigo para o vestiário sem conseguir esconder meu sorriso, porque não quero ajudá-lo a ficar com minha posição de titular caso decida entrar para o time. Fico feliz que ele esteja ali como espectador, à medida que me torno mais forte e mais rápido. Enquanto eu estiver na quadra suando, sentindo meu coração bater acelerado e meu corpo se mover, não vou pensar em nada, mais ou menos como aconteceu quando ficamos observando as constelações de adesivos, só que de forma mais intensa. Jogar basquete faz todo o restante desaparecer.

Russ senta na arquibancada enquanto Erin e eu treinamos nossas jogadas, praticamos lances livres e corremos. Vamos para o estádio de futebol, e ele fica sentado enquanto corremos quicando a bola pelos oito quilômetros de sempre. E depois senta no canto da sala de musculação, enquanto levantamos peso. O tempo todo ele nos observa sem esboçar qualquer reação.

Em determinado momento, ele começa a fazer o dever de casa.

O Garoto21 espera na calçada quando levo Erin até sua porta e me despeço dela com um beijo. E, então, eu e ele ficamos sentados, em silêncio, nos degraus da varanda da minha casa até o avô dele chegar para buscá-lo.

No dia seguinte, seu avô o deixa na casa de Erin, e ele vira minha sombra silenciosa outra vez.



15

NOSSO PROFESSOR DE FÍSICA, O sr. Jefferies, anuncia que quer nos levar para assistir a um filme em uma sala IMAX sobre uma expedição para consertar um telescópio espacial chamado Hubble.

— Por incrível que pareça, muitos dos assuntos dos quais vamos tratar este ano estão relacionados às viagens espaciais — diz o sr. Jefferies enquanto distribui os formulários de autorização. — Vocês vão ficar loucos com as imagens do filme!

Meus colegas parecem felizes com o passeio, principalmente porque vamos fazer algo diferente e ficar fora da escola durante metade do dia, mas o Garoto21 não dá a mínima, o que é estranho. Pensei que ele fosse ficar todo empolgado em viajar pelo espaço, ainda que apenas através de uma tela de cinema.

Entre uma aula e outra, eu pergunto: — Está animado com o filme?

— Claro — diz Russ, e só.

Deixo pra lá, porque acho melhor não falar muito sobre o espaço. No entanto, sempre que o sr. Jefferies menciona nossa ida ao cinema, Russ começa a bocejar e a bater a caneta na mesa, e isso faz com que todos olhem para ele. Será que é um tique nervoso ou algo assim?

No dia da excursão, formamos uma fila em frente ao colégio para esperar o ônibus. Eu me decepciono ao perceber que o sr. Gore vai com a gente, mas digo “oi” mesmo assim quando ele me cumprimenta.

Nossa turma enche o pequeno ônibus que nos leva para o Instituto Franklin, que fica em Center City, na Filadélfia, a apenas meia hora de distância da nossa escola. Esta é a segunda vez que vou a Center City, e a primeira no Instituto Franklin. Meu pai me levou a alguns jogos dos Sixers e dos Phillies ao longo dos

anos, mas nenhum deles foi lá.

Russ e eu nos sentamos lado a lado no ônibus. Olho pela janela o tempo todo, porque quase não tenho oportunidade de sair de Bellmont. Antes de pegarmos a rodovia, passamos por uma cidade chamada Robin Township, onde há mansões por todos os lados. Não há lixo nas ruas nem pichações nos muros e nas árvores, e há carros novos e reluzentes onde quer que se olhe.

Algumas casas parecem tão grandes quanto nossa escola, com jardins maiores do que campos de futebol.

Parecem aqueles casas que vemos na TV. Eu me pergunto como deve ser viver em uma cidade como essa e se o Garoto21 morava em uma casa assim na Califórnia, mas não digo nada.

Cruzamos a cidade e passamos por uma rua com bandeiras enfileiradas de vários países. Ao chegarmos, subimos um lance de escada de concreto que leva a enormes colunas de aparência antiga, e então ao Instituto Franklin. Enquanto o sr. Jefferies compra nossos ingressos, esperamos junto a uma estátua branca gigantesca de Ben Franklin sentado na maior cadeira que já vi. Várias turmas de física de outras escolas também vieram assistir ao filme, e nossos colegas acabam se misturando com os desconhecidos, mas o Garoto21 e eu só esperamos silenciosamente ao lado do sr. Franklin.

— Tudo bem com vocês, meninos? — pergunta o sr. Gore.

Faço que sim.

— Tudo — diz Russ.

Noto que Russ não para de abrir e fechar as mãos, como se estivesse nervoso ou algo assim.

O sr. Jefferies reúne nossa turma, distribui os ingressos e diz: — Quando eu tinha a idade de vocês, nunca pensei que um dia viveria algo parecido com a experiência que estão prestes a ter. Contemplem as maravilhas modernas da ciência! Avante, jovens mentes!

Ele é um completo idiota. Está totalmente pirado com esse lance nerd de experiência IMAX.

Entramos no cinema logo atrás dele e nos sentamos.

É como estar dentro de um globo, porque a tela levemente curvada para dentro dá a impressão de que estamos no interior de um paraquedas azul-celeste aberto. Sinto como se eu estivesse caindo.

Assistimos a um vídeo com instruções sobre o que fazer em caso de enjoo. Devemos fechar os olhos ou nos dirigir à porta dos fundos, mas, como estou no meio de uma longa fileira, as chances de isso acontecer são nulas. Espero que as pessoas atrás de mim não vomitem na minha cabeça.

É uma experiência incrível, exatamente como o sr. Jefferies prometeu que

seria. O som é alto, as cores são vivas, e as imagens são quase tridimensionais. Parece que estamos flutuando pelo espaço e que somos parte da missão espacial. Os alto-falantes são tão potentes que fazem meu corpo vibrar. É como se eu pudesse esticar as mãos e pegar planetas e estrelas com a mesma facilidade que arrancaria as folhas de uma árvore. E eles ainda colocaram Leonardo DiCaprio para narrar.

— Isso é realmente incrível — sussurro para Russ, mas ele não responde. Está cobrindo a boca com a mão, como se tentasse não vomitar.

Quando uma foto do ônibus espacial aparece na tela, o Garoto21 grita: — Não quero mais ver isso!

Várias pessoas fazem *Shhh!* , e então vejo Russ de pé, esbarrando nos joelhos dos outros, tentando sair da sala.

— Senta aí! — grita alguém na escuridão, mas ele segue em frente.

Eu me levanto para ir atrás dele e ver se está tudo bem — o cinema é escuro, os degraus são íngremes e o Garoto21 pareceu bem incomodado —, mas o sr. Gore diz: — Fique onde está, Finley!

E então ele sai da sala também.

Imagino que o sr. Gore vá cuidar da situação, então volto para o meu lugar e tento me concentrar no filme, mas não consigo.

Por que o Garoto21 ficou tão chateado?

Os astronautas flutuam em espaços apertados onde não há gravidade. Eles colocam trajes especiais para consertar o telescópio espacial Hubble. Algumas imagens do cosmos são realmente deslumbrantes. Ver o tanto de coisa que existe lá fora e como tudo é grande mexe um pouco comigo. Leonardo DiCaprio diz que existem bilhões de galáxias, cada uma com bilhões de estrelas. É até difícil imaginar. Eu chego a me perguntar aonde Russ e o sr. Gore devem ter ido e sobre o que estão falando, mas, na maior parte do tempo, fico entretido com o filme.

Quando a sessão termina, o sr. Jefferies nos conduz até o lado de fora do instituto; comemos os lanches que trouxemos de casa embaixo das enormes colunas no alto dos degraus, de onde vemos, entre a Biblioteca Pública da Filadélfia e alguns arranha-céus, uma fonte lançar jatos de água no ar. Quando já estou na metade do meu sanduíche de atum, vejo o Garoto21 e o sr. Gore caminhando na nossa direção. Eles atravessam a rua e sobem a pequena escada. Como nossos colegas estão rindo e conversando, sou a única pessoa que nota que Russ voltou.

— Você está bem agora? — pergunta o sr. Gore.

A mão dele está apoiada no ombro de Russ, como se os dois fossem velhos amigos.

Russ faz que sim e senta ao meu lado.

O sr. Gore vai até o sr. Jefferies, deixando-me sozinho com o Garoto21, e o silêncio é estranho, até mesmo para mim. Então eu digo: — O filme foi ótimo, você devia ter visto. As estrelas parecem muito diferentes de perto. E os aglomerados… parece que um gigante enfiou seu dedo enorme no universo e rodopiou tudo, algo assim. Estou falando besteira?

Russ olha para os carros passando ali perto e não me responde.

— Por que você saiu? — pergunto.

— Não quero falar sobre isso, está bem?

— Claro.

Entendo isso de não querer falar nada, realmente entendo.



16

É NO FINAL DE SETEMBRO que geralmente começam a servir cenoura no almoço. Já estou esperando alguém se aproximar para jogá-las no meu prato e mantenho os olhos em Terrell, mas um garoto que não reconheço dá início aos trabalhos. Ele parece pequeno em uma camisa enorme dos Eagles, mas tem um ar convencido. Quando nos encaramos, ele diz: — Hora de alimentar os coelhos.

O garoto tenta despejar uma papa laranja na minha comida, mas Russ grita: — NÓS NÃO SOMOS COELHOS!

Russ não está fora de si, como no IMAX. Só está muito nervoso. Age de forma bastante intimidadora, com um olhar ameaçador e um jeito bruto de falar. Isso sem mencionar seu tamanho.

O garoto dá um pulo para trás e deixa o prato cair no chão.

Todos no refeitório se viram para assistir à cena.

Um silêncio mortal.

Meus olhos estão arregalados, mas então começo a sorrir. Não preciso me preocupar com meu novo amigo.

Ele pode se cuidar sozinho — e talvez cuidar de mim também.

Nunca mais tentam despejar cenouras no prato do Garoto21 ou no meu.

Durante o outono, Russ passa todos os segundos do dia ao meu lado. Até nos fins de semana ele vem assistir ao meu treino com Erin, mas nunca toca na bola e nunca diz nada relevante.

Ele só está sempre lá.

Nós o levamos ao shopping e ao cinema algumas vezes. Vivo me perguntando se alguma coisa vai perturbá-lo de novo, despertar sua fúria, como na história da cenoura, mas suas expressões são sempre as mesmas. Ele não dá gargalhadas quando gargalhamos.

Não sorri quando sorrimos. Ele apenas paira entre mim e Erin, e, como nós dois somos pessoas muito tranquilas, não ligamos, mas ficamos cada vez mais curiosos.

Quando estamos sozinhos no telhado, Erin me faz perguntas sobre ele, mas só dou de ombros. Não conto a ela o que sei, até porque não sei muito. Prometi ao treinador que não falaria nada, então fico de boca fechada.

— Ele diz alguma coisa interessante quando não estou por perto? — pergunta Erin.

— Não — respondo.

E é verdade, talvez porque eu nunca lhe faça perguntas.

— O que você acha que há de errado com ele?

— Algumas pessoas simplesmente são quietas. Como eu.

Ela sorri.

— Quieto pode ser sexy.

Então a boca de Erin está tocando a minha, e meus lábios estão quentes e escorregadios. Ela se afasta um pouco e diz: — Não tem problema você ser quieto, mas é que Russ está sempre por perto agora. Quase não ficamos mais sozinhos.

— Isso incomoda você?

— Um pouco. Mas pelo menos ele não atrapalha nossos momentos no telhado.

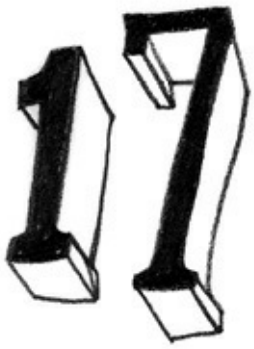
Voltamos a nos beijar. Uma sensação quente e doce.

Depois de uns dez minutos, meus pensamentos começam a vagar para longe dali, e me pergunto por que o Garoto21 não falou mais sobre o espaço desde o dia em que nos conhecemos, mas também me dou conta de que é melhor não tocar no assunto. Ele está se saindo muito bem em Bellmont, e não quero estragar tudo.

Sobreviver a isso aqui já pode ser difícil o bastante. Além do mais, não quero provocar outra situação como aquela no cinema.

Respeito a privacidade dele.

Sem contar que gosto de beijar a Erin, então decido me concentrar no presente.



17

UMA NOITE, NO FINAL DE outubro, estou voltando da casa da Erin quando vejo o Garoto21 sair de repente de trás de uma árvore e dizer: — Podemos ficar no seu telhado?

Já está bem tarde, mas é sexta-feira, então respondo que sim.

Não fico mais surpreso com essas aparições repentinas do Garoto21. Ele está sempre me seguindo.

Mas, como eu disse antes, pelo menos ele não atrapalha meus momentos a sós com Erin.

Nós vamos caminhando para minha casa. Ele carrega uma caixa branca amarrada com uma corda, além da bolsa-carteiro de sempre. Está um pouco inquieto e não para de abrir a boca, como se estivesse alongando a mandíbula ou bocejando como um leão, só que não parece nem um pouco cansado.

Quando entramos, meu pai está vestindo o casaco e se preparando para ir trabalhar. Em seu rosto, vejo a mesma expressão infeliz e resignada que ele exibe sempre que acha que não estou olhando, ou quando está cansado demais para fingir. Ao nos ver, meu pai pergunta: — Seus avós sabem que você está aqui, Russ?

— Sim, senhor — diz o Garoto21. — Meu avô vem me buscar em uma hora.

— O que há na caixa? — pergunta meu pai.

— Cupcakes — diz o Garoto21.

— Sério?

O Garoto21 assente.

— Bem, estou indo trabalhar.

Vovô, para variar, está apagado em sua cadeira de rodas, alheio a tudo, com

uma lata de cerveja em uma das mãos, o rosário da vovó enrolado na outra e o controle remoto no colo. Na TV está passando um comercial de um produto de limpeza qualquer aprovado por Magic Johnson: “Esse produto é como eu… *mágico*!”, diz o jogador toda vez que a moça da propaganda limpa a mancha de um sofá ou de um tapete com a varinha “mágica” de limpeza.

— Gostaria de ficar para ver o maior armador de todos os tempos dos Lakers se humilhar em uma propaganda, mas alguém tem que pagar as contas por aqui, então eu vou, eu vou, para o trabalho agora eu vou! — brinca meu pai.

O Garoto21 acha graça da piada, e isso faz meu pai rir também e levantar a mão. Eles fazem um *high-five* meio sem jeito, e então meu pai vai embora.

“Caiam fora, velhos produtos de limpeza!”, diz Magic Johnson, enquanto faz arremessos espetaculares de embalagens velhas em uma lata de lixo. “Esse produto é mágico! Mágico! Preparem-se, manchas! Vocês não têm chance! Mágico! Mágico! Mágico!”

Magic Johnson está ficando velho.

— Vamos — digo.

Pulamos a janela do quarto e nos sentamos no telhado.

A temperatura está agradável, tipo aquele friozinho de quando abrimos a porta da geladeira.

Ele abre a caixa e, surpreendentemente, tira um pequeno pacote de velas. Os dois cupcakes parecem ter sido comprados em uma loja. Percebo que há ônibus espaciais desenhados na cobertura. Começo a me preocupar, porque me lembro na mesma hora de sua reação descontrolada no cinema.

Ele enfia bem fundo uma vela em cada cupcake, deixando apenas os pavios para fora, para dar a impressão de que as chamas saem dos ônibus espaciais.

Com um isqueiro, ele acende as velas e diz: — STS-120. T menos dez segundos. Oito segundos. T menos cinco. Quatro. Três. Dois. Um. E *Discovery* é lançado, trazendo harmonia para os céus e abrindo novas portas para a ciência internacional.

O Garoto21 começa a cantar “Parabéns para você”.

Seu olhar é frenético, louco e obcecado.

— Parabéns, Garoto21. Parabéns para você, nesta data querida, muitas felicidades, muitos anos de vida — canta ele, e então sopra as velas.

Ele me entrega um dos cupcakes e diz: — Trouxe um de baunilha para você e um de chocolate para mim.

Depois dá uma grande mordida no seu.

Eu me pergunto se essa história de baunilha e chocolate foi uma piada. Ele não está rindo, então eu digo: — Feliz aniversário. Se eu soubesse…

— Faltando um dia para eu completar minha décima quinta viagem ao redor

do sol, meu pai não me leva à escola — diz o Garoto21, com um tom de voz muito sério. — Na verdade, seguimos de carro na direção oposta. Quando pergunto para onde estamos indo, ele apenas ri. Paramos no aeroporto e, quando fazemos o check-in, percebo que vamos para a Flórida. Então, eu digo: “Pai, você está cumprindo sua promessa?” Quando ele pisca para mim, meu coração começa a bater depressa, porque sei exatamente para onde estamos indo.

Chegamos à Flórida e vamos para um hotel. Ele nem precisa dizer mais nada, porque sei que estamos prestes a realizar o sonho das nossas vidas.

O vento sopra e as poucas folhas quebradiças e secas ainda presas às árvores farfalham. Eu estremeço um pouco.

— No dia seguinte, vamos de carro ao posto de observação, e eu o vejo… o ônibus espacial *Discovery*.

Ele se ergue, enorme, na torre, e apenas um pequeno volume de água nos separa. Esperamos seu lançamento pelo que parece uma eternidade, nos perguntando se haverá complicações. Mas ele é lançado às onze e quarenta. Ouvimos um barulho impressionante quando os foguetes são ligados. Depois, nuvens enormes de fumaça explodem na base da nave e ondulam pelo horizonte, e, então, o ônibus sobe lentamente, impulsionado pelo que parece um cone laranja brilhante.

Uma longa coluna de fumaça se forma em seu rastro.

Acho que foi a coisa mais linda que eu já vi. Eu me lembro do meu pai passando o braço por meus ombros enquanto assistíamos ao espetáculo de pé. Quando acabou, não dissemos nada. Só ficamos lá, sorrindo. Foi o melhor aniversário que já tive. O melhor dia da minha vida.

Eu não sei o que dizer.

Então foi por isso que ele surtou quando fomos ao cinema.

— Coma seu cupcake — diz ele.

Acabo com o bolo em apenas algumas mordidas.

Baunilha. Delicioso. Úmido. Tão doce que sinto uma fisgada na boca.

Ficamos sentados em silêncio por um longo tempo.

— Quer ver esse lançamento? — pergunta o Garoto21.

— Como?

— YouTube — diz ele, pegando um notebook na bolsa. Ele dá play no vídeo, que é bem curto. As palavras que anunciam o lançamento no vídeo são exatamente as mesmas que o Garoto21 entoou agora há pouco, toda aquela história de harmonia para os céus e portas. Eu me pergunto quantas vezes ele já assistiu a isso.

— Seu pai... ele se interessava pelo espaço? — pergunto.

— Era fascinado. Lia livros e mais livros sobre o assunto. Era um grande fã

de *Star Trek* também.

Adorava ler sobre a fronteira final. Tínhamos vários telescópios de alta potência em casa. Ainda os tenho; estão guardados em um depósito perto de casa.

O Garoto21 me encara, e sinto como se ele estivesse tomando uma decisão. É estranho. Esse é o máximo que já falou sobre seu passado. Sinto que ele já se desarmou mais do que pretendia. Mas, de repente, sua expressão muda, e ele se arma de novo.

— Meu pai me mandou hoje um cartão de aniversário telepático. Ele diz que tem um presente para mim, mas, devido a uma chuva de meteoros imprevista em uma galáxia que vocês, terráqueos, nem sequer sabem que existe, ele acredita que vai chegar alguns dias depois do que havia planejado. Portanto, parece que você e eu vamos passar mais algum tempo juntos, terráqueo conhecido como Finley.

Parte de mim quer lhe fazer algumas perguntas objetivas sobre toda essa história, principalmente depois de tudo o que ele revelou. Russ veio aqui por conta própria e contou a história sobre o pai porque quis.

Então, obviamente ele deseja falar sobre essas coisas, mas, por alguma razão, não lhe pergunto nada. Talvez seja apenas uma faceta da minha personalidade permanecer calado quando estou inseguro — o que sempre acontece —, mas sinto que devia conversar com ele, fazer perguntas, porque talvez isso o ajude um pouco. No entanto, me dou conta de que ele só deve estar desabafando comigo justamente porque não faço perguntas e deixo que ele viva como quiser. Não me importo de ele ser o Garoto21, mas de certa forma gosto do Russell também.

Em vez de falar, simplesmente nos deitamos e olhamos para o céu, mesmo que esteja nublado e não dê nem para ver a lua.

Quando o avô dele para em frente à minha casa, o Garoto21 diz: — Obrigado por comer cupcakes comigo, terráqueo.

Vou com ele até a porta.

Pouco antes de entrar no carro, o Garoto21 vira e diz: — Eu queria que você e eu pudéssemos viajar juntos pelo cosmos, Finley. Sua presença me tranquiliza. Feliz aniversário para mim… e obrigado.

— A gente se vê, cara — digo, e ele vai embora.



18

ESTOU EM MEU QUARTO TENTANDO ler *O mercador de Veneza* para a aula de literatura, sem muito sucesso. De repente, escuto algo bater na janela. Um bola de neve escorre pelo vidro. Abro-a e o ar frio invade o quarto pouco antes de eu ser atingido no rosto por outra bola de neve.

— Guerra de neve! — grita Erin, do lado de fora.

Coloco depressa o casaco e os tênis e desço correndo.

— Onde é o incêndio? — pergunta meu pai quando passo por ele na sala.

Erin acerta meu peito assim que saio pela porta.

Está nevando bastante, os flocos de neve imensos cobrindo a vizinhança de branco. Algo muito mágico acontece quando neva por aqui. O bairro fica muito tranquilo, e tudo — o lixo, os vidros quebrados e as pichações — se esconde sob a camada branca, pelo menos por um tempo. Ninguém esperava que a essa altura já estivesse nevando, o que torna esta noite ainda mais bonita, como se fosse um presente inesperado.

Enquanto junto um pouco de neve e tento fazer uma bola, Erin me acerta três vezes, e só então percebo que ela já tem uma pilha de bolas prontas esperando para me atacar. Assim que termino a minha, miro e lanço a bola, mas ela consegue se abaixar a tempo, e eu erro. Corro em sua direção e a derrubo. Como ainda não há muita neve no chão, tomo cuidado para que ela não se machuque. Erin não oferece muita resistência no início, mas depois tenta lutar e sair de baixo de mim. Então seguro seus pulsos e prendo seus braços com meus cotovelos. Nós nos beijamos.

Nossas bocas são os lugares mais quentes no mundo nesse momento.

— Não é incrível? — diz ela, enquanto a neve passa por minhas orelhas e cai

em volta da cabeça dela.

— É.

— Vamos sentar no telhado e ver a neve cair a noite inteira.

— Vamos.

Vemos dois faróis se aproximando, e isso é estranho, porque a maioria das pessoas por aqui tem medo de dirigir na neve.

Ficamos de pé, e reconheço a caminhonete.

— Por que o treinador está aqui?

— Não sei.

Ele reduz a velocidade e abaixa o vidro.

— Finley, você pode dar uma volta no quarteirão comigo?

Olho para Erin e dou de ombros.

— Vou acertar o vovô com uma bola de neve — diz Erin.

Ela pega uma bola de sua pilha e depois corre para minha casa. Eu me pergunto se ela vai realmente atacar o velho. Na verdade, ela bem que se safaria dessa facilmente, porque vovô ama Erin tanto quanto eu.

Entro na caminhonete, e o ar quente que sai do aquecedor queima meus dedos quando tento aquecer minhas mãos.

O treinador não dá a volta no quarteirão.

— Como Russ está indo? — pergunta ele.

— Bem.

— Você chegou a falar com ele sobre jogar basquete?

— Sim — minto.

Desde o aniversário, Russ tem estado ainda mais quieto, e tenho a sensação de que ele não quer falar sobre basquete ou qualquer outra coisa, então o deixo em paz. Mas o treinador não quer ouvir isso.

— O que ele diz?

— Nada, na verdade.

— Nada?

— Nada.

— O que ele diz sobre o basquete?

— Não acho que ele queira jogar basquete.

— Russ disse isso ou é o que você *acha*?

— Ele ainda está muito instável.

— Virou psiquiatra agora, Finley?

O treinador nunca falou assim comigo antes. Há sarcasmo em sua voz, fico com raiva ao perceber que ele está irritado comigo, porque tenho ido para a escola com o Garoto21 todos os dias, tenho almoçado com ele e deixado que seja minha sombra por mais de dois meses. E eu estava aproveitando um

momento agradável com Erin antes de o treinador nos interromper.

— Não, senhor — digo.

— Espero que você se esforce para que Russ faça seu exame médico amanhã depois da aula e para que apareça na reunião da equipe na sexta. Entendido?

— Tudo bem.

— Quando você vir o garoto jogar, vai entender por que isso é tão importante. Confie em mim.

— Ok.

O treinador estende a mão na escuridão do carro e aperta meu ombro.

— Obrigado, Finley. Isso não tem a ver só com o basquete. Ou com o time. Russ gosta de você. Você está ajudando ele.

Não sei o que dizer sobre isso, porque com certeza não estou conseguindo ajudá-lo, e ele realmente não está melhorando, pelo menos não parece.

— Diga à sua família que mandei um oi.

Faço que sim com a cabeça e depois corro pela neve em direção à minha casa.

Erin está assistindo ao jogo dos Sixers com meu pai. A camisa do vovô está toda molhada, o que significa que ela jogou mesmo uma bola de neve no velho.

— Essa mocinha é bem atrevida — diz vovô para mim.

Papai ri.

— Ela entrou correndo e acertou o vovô no peito!

— Ah, se eu tivesse pernas…

— Ih, vai começar. A velha desculpa de não ter pernas — brinca Erin.

São poucas as pessoas que poderiam falar com o vovô desse jeito, mas Erin é especial para nós. Ela já faz parte das nossas vidas há muito tempo. É da família.

— Vamos, Finley.

E então estamos no telhado de novo, vendo Bellmont ficar toda branca, um floco de neve de cada vez.

— O que o treinador queria?

— Ele acha que eu deveria incentivar Russ a jogar basquete — respondo sem qualquer emoção.

— Legal — diz Erin enquanto sobe em mim.

*

De manhã a neve já está quase toda derretida, então nada de magia por hoje.

A caminho da escola, Erin pergunta: — Russ, você pensa em jogar basquete?

— Não sei — responde o garoto.

Olho para ele e vejo que está mordendo os lábios. Ele me encara, como se

estivesse pedindo permissão. Sei que deveria incentivá-lo a jogar, mas, por algum motivo, não faço isso.

— Os exames médicos vão ser hoje, depois da aula, na enfermaria — diz Erin. — Melhor fazer, por via das dúvidas. Você pode ir com o Finley.

Russ assente.

Continuo sem dizer nada.

Nós dois fazemos nossos exames médicos no final da tarde, mas não conversamos sobre basquete.

No dia da reunião pré-temporada, o sr. Allen liga para dizer que Russ está doente e não vai à escola. É a primeira vez que ele perde um dia de aula, e me pergunto se isso tem alguma coisa a ver com o basquete.

Após a aula, nossa equipe se acomoda no refeitório, e o treinador entrega os formulários de autorização e a agenda de treinos, que começam logo depois do dia de Ação de Graças. Sinto o coração disparar só de guardar os papéis na mochila, porque este é o primeiro evento oficial de basquete do ano.

Depois da reunião, meus colegas saem se empurrando para o treino de futebol.

— Finley, podemos conversar? — pergunta o treinador.

Eu continuo na sala e, quando ficamos sozinhos, ele fala: — O que Russ vem falando sobre basquete?

Esse papo de novo? Por que o treinador não deixa isso pra lá?

— Nós fizemos os exames médicos — digo.

— Isso é bom. Mas o garoto se recusou a vir à escola hoje, bem no dia da reunião. Os avós dele me disseram que ele está falando sobre o espaço de novo, dizendo que seus pais estão vindo buscá-lo em uma nave espacial.

Vejo o zelador esvaziar as latas de lixo do outro lado do refeitório.

— Você falou que seria bom se ele jogasse basquete?

Tem incentivado Russ, Finley?

— Ele não quer falar sobre basquete. Nós quase não conversamos.

O treinador suspira, visivelmente indignado.

— Olha, faça com que ele vá ao primeiro treino.

Vamos ver como ele reage a ser parte de uma equipe de novo, fazer exercícios, tudo o que ele já fazia antes.

Russ precisa de uma rotina. Mesmo que ele nunca jogue, só fazer parte de algo já pode ajudar. Você, mais do que ninguém, devia saber disso.

Tenho que admitir que estou ficando um pouco irritado com o treinador. Por que ele não está perturbando Terrell ou Wes ou qualquer um dos outros titulares, pedindo que *eles* ajudem o Garoto21? Por que essa missão é só minha? Eu só quero jogar basquete.

— Sei que você não vai me decepcionar — diz o treinador, e me dá dois tapinhas de leve na bochecha direita.



19

NO DIA DE AÇÃO DE Graças, estamos usando luvas, cachecóis e gorros.

Erin, o Garoto21 e eu tomamos chocolate quente enquanto vemos nosso time de futebol perder o último jogo da temporada.

As pessoas daqui até gostam de futebol, mas nada que se compare à empolgação dos jogos de basquete. Por ser feriado, o clima está um pouco mais animado do que o habitual, mas não muito. Bellmont definitivamente não é muito fã de futebol.

A banda da cidade, no entanto, faz um show incrível no intervalo do jogo. Ela preparou um tributo a Michael Jackson, e a apresentação termina com uma execução surpreendente de “Thriller”, acompanhada pelos zumbis dançantes.

Estamos em uma seção da arquibancada em que quase todas as pessoas são brancas, e isso faz com que o Garoto21 se destaque um pouco, mas ninguém arranja problema.

Nosso estádio não tem uma política de segregação racial nem nada, mas os cidadãos de Bellmont geralmente preferem ficar com seus semelhantes.

Sempre foi assim.

Nós comemoramos quando nosso time faz uma boa jogada, mas não interagimos muito mais que isso. O tempo todo penso em perguntar ao Garoto21 se ele vai se candidatar a uma vaga na equipe de basquete amanhã, mas, ao mesmo tempo, tenho medo de ouvir a resposta.

Quando Terrell sofre uma interceptação já no último tempo do jogo, perdemos de 2 a 6, e, por isso, o time de Bellmont não vai para a final. Ninguém da equipe de basquete se machucou, então acho que já posso considerar a temporada de futebol americano um sucesso absoluto, e sei que o treinador

pensa o mesmo.

Ao sairmos das arquibancadas, nos deparamos com a sra. Patterson, fã número um do time de basquete e mãe de Terrell. Ela está usando um chapéu com estampa de leopardo e um sobretudo de couro que parece um roupão de banho. Ela é muito estilosa. Quando me vê, grita: — Coelho Branco! Dá um pulo aqui, garoto.

Eu me aproximo, e ela me dá um abraço apertado e um beijo em cada bochecha. Então se vira para as amigas, mães dos jogadores de futebol que não fazem parte da equipe de basquete, todas usando camisas do time por cima dos agasalhos, e diz: — Vocês sabiam que esse garoto aqui é o filho de Pat McManus? Agora chegou a hora da verdadeira temporada: a de *basquete!* Esse jovem vai fazer muitas assistências para o meu filho, e vou torcer como uma louca para eles chegarem ao campeonato estadual. Não é, Coelho Branco?

— Sim, senhora.

— Olha como ele é calado e respeitoso, igual ao pai na época do colégio — diz uma mulher corpulenta com apliques de cabelo roxos.

Todas as outras riem e dizem: — Hum-humm!

— Ok, Coelho Branco — diz a sra. Patterson. Com um aceno de cabeça breve mas respeitoso, ela cumprimenta Erin, que está com o Garoto21 a uns três metros de distância. — Pode voltar para sua namorada e para essa sua sombra alta e silenciosa. Vai lá.

No estacionamento, encontramos o treinador e mais alguns professores da escola. Eles estão tomando cerveja em copos de papel e fingindo que nós, alunos, não sabemos disso. O treinador fala que me vê pela manhã — o começo oficial da temporada de basquete —, deseja boa sorte para Erin e, então, diz que vai levar o Garoto21 para casa, porque vai jantar com os Allen.

Finalmente sozinhos, Erin e eu caminhamos de volta para nosso bairro de mãos dadas.

As poucas árvores que ainda restam perderam suas folhas, mas, como ninguém na vizinhança se dá ao trabalho de limpar as calçadas, andamos ouvindo o barulho das folhas sendo esmagadas pelos nossos pés.

— Sabe, talvez a gente possa ficar junto nessa temporada de basquete. Talvez a gente não tenha que terminar.

Eu não falo nada.

Erin e eu temos essa conversa todo ano.

Ela argumenta que vamos estar tão ocupados que não fará diferença se estivermos juntos ou não. Mas, para mim, namorar durante a temporada de basquete é só mais uma distração. Além disso, é impossível ser apenas amigo da Erin. Se eu a vir todos os dias no almoço, antes da aula ou enquanto estiver

mexendo no armário da escola, vou ficar com tesão e não vou conseguir me concentrar cem por cento nos jogos. Amo Erin tanto quanto amo basquete, e isso acaba causando um conflito de interesses. Se ficarmos nos beijando no telhado ou andando de mãos dadas por aí, com certeza vou perder o foco. Com os trabalhos da escola e o vovô para cuidar, não vou ter cabeça para namorar durante a temporada.

Adoro estar com Erin, abraçá-la, sentir o cheiro de pêssego de seu cabelo depois que toma banho... tanto quanto adoro o cheiro do ginásio, fazer parte de uma equipe e treinar com os caras. Embora ter uma namorada e estar em uma equipe não sejam compromissos mutuamente excludentes, ambos preenchem uma necessidade — talvez a mesma: Erin e o basquete fazem o restante do mundo desaparecer, me deixam concentrado, me ajudam a esquecer tudo e fazem as endorfinas fluírem. Mas é melhor ficar viciado em apenas uma coisa de cada vez. Esta será a quarta temporada em que Erin e eu damos um tempo, e sempre acabamos voltando. Mas, então, por que estou com essa sensação estranha e terrível hoje?

Quando está evidente que não vou discutir, Erin pergunta: — Você não tem medo de que eu comece a namorar outro cara?

Dou uma risada, porque sei que ela está brincando.

O basquete vai ser o único relacionamento dela durante o inverno, assim como será o meu.

— E aí? — pergunta ela.

— Você também precisa se concentrar na *sua* temporada.

Erin sabe que tenho razão, porque, no fundo, também quer se concentrar exclusivamente no basquete. Ela só fica um pouco carente na véspera do início da temporada.

— Não podemos, pelo menos, caminhar juntos para a escola e conversar? Sentar juntos na hora do almoço?

Você não está exagerando um pouco?

Erin abre um sorriso, está só brincando comigo. Sei que ela entende por que precisamos terminar durante a temporada.

— Preciso me manter focado — digo.

Penso na possibilidade de o Garoto21 realmente jogar e, então, acrescento: — Principalmente esse ano.

— Por quê?

Dou de ombros, porque não posso contar a verdade para ela.

Ela me dá uma leve cotovelada nas costelas.

— Por que *esse ano*? Fala!

Não sei mais o que dizer.

— Por que você tem que ser tão estranho? — diz Erin, enquanto aperta minha mão, deixando claro que não está com raiva de mim.

Penso em beijá-la. Como ainda não estamos oficialmente na temporada de basquete, é o que eu faço.



ERIN E EU JANTAMOS COM a família dela no Dia de Ação de Graças. A sala de jantar é tão estreita que mal dá para abrir as cadeiras dobráveis, todas diferentes umas da outras. A velha mesa de madeira está toda arranhada, e os talheres de má qualidade também não guardam semelhança alguma entre si. Os pais dela vestem moletons deprimentemente velhos. A mãe usa um conjunto rosa da Minnie e o pai, um azul-marinho liso.

Rod também veio, e tenho que admitir que tenho medo dele, ainda mais depois do que ele supostamente fez com Don Little.

— Alguém no bairro anda incomodando você? — pergunta Rod.

— Não.

Rod agora tem uma tatuagem no pescoço. Algo escrito em irlandês, acho, mas não sei irlandês.

— E quanto a você, Erin?

— Também não — diz ela. — Você ainda joga basquete, Rod?

— Não.

A resposta de Rod me deixa triste, porque ele era um grande armador, e jogava basquete o tempo todo com a gente, quando éramos mais novos.

Meu pai sempre me levava para ver Rod quando ele jogava pela escola, no time do treinador. Rod era incrível. Certa vez, eu o vi marcar um triplo-duplo contra Pennsville — dezesseis assistências, dezoito pontos e dez rebotes.

— Seu time vai se dar bem este ano? — pergunta ele.

— Acho que sim — respondo. — O time da Erin também.

— O treinador é praticamente o único homem negro bom que já conheci — comenta Rod, ignorando o que acabei de falar sobre a irmã dele. — E isso quer

dizer muito.

Erin abre a boca, sem dúvida para chamar a atenção de Rod por causa do comentário racista, mas pensa melhor e acaba desistindo. Ela não quer que a família brigue no Dia de Ação de Graças, até porque agora Rod raramente os visita, e isso a incomoda. Ela sente falta do irmão — do *antigo* Rod que costumava jogar basquete com a gente quando nós éramos crianças. Ele nunca dizia essas coisas racistas.

Penso também em falar algo do tipo "Eu conheço vários negros que são bons homens", mas sei ficar no meu lugar. A verdade é que tenho medo do novo Rod com a tatuagem da máfia irlandesa tanto quanto as outras pessoas.

Comemos em silêncio por alguns minutos.

Os pais da Erin são mais velhos que meu pai e um pouco estranhos também. O pai dela é calado como o meu e evita fazer contato visual durante a refeição. A mãe é uma mulher tensa que vai e volta para a cozinha tantas vezes que mal tem tempo para se sentar e comer, muito menos para conversar.

Os pais dela parecem zumbis enrugados e desanimados. Isso soa engraçado, mas é verdade. Não se vê em nenhum dos dois muito vigor ou vontade de viver.

Em alguns aspectos, a casa geminada deles é um pouco melhor do que a minha. Eles têm até uma TV de tela plana, um computador com acesso à internet, mas me pergunto quanto disso é bancado por Rod, já que o sr. Quinn está sem trabalhar há um bom tempo e a sra. Quinn é secretária da prefeitura, portanto, não ganha muito. Aqui em Bellmont, há algumas perguntas que simplesmente ninguém faz, porque é melhor não saber as respostas.

— Vou pegar um pouco mais de carne para você. — É o máximo que a sra. Quinn me diz durante a refeição.

Erin tenta fazer com que todos conversem e pede para que cada um diga pelo que é grato.

— Pelo peru — diz o pai.

— Pela minha família — diz a mãe.

— Guinness e Jameson — diz Rod.

— Basquete — digo.

— Finley — diz Erin.

— E pela Erin — respondo.

— E pelo basquete — completa ela.

Erin e eu nos encaramos.

Rod bufa e balança a cabeça.

Termino de comer em silêncio.

Assim que acaba de engolir o último pedaço da torta de abóbora, Rod vai embora.

O sr. e a sra. Quinn adormecem no sofá.

Depois de lavarmos e secarmos a louça, Erin e eu vamos para minha casa, e encontramos o vovô apagado, bêbado na cadeira de rodas de novo, segurando o rosário verde da vovó, como em todo feriado. As ocasiões especiais fazem com que ele sinta ainda mais falta dela.

Entregamos ao meu pai o prato de comida que Erin trouxe e nos sentamos com ele enquanto come.

— Pelo que você é grato? — pergunta Erin ao meu pai.

— Por meu filho ter uma grande amiga como você. E também por este delicioso prato de comida.

Erin sorri.

— Vocês estão prontos para a temporada de basquete?

— Você sabe que sim — responde Erin.

— Nossa, como eu queria ainda estar na escola jogando basquete — diz meu pai.

Ele fica com aquele olhar triste e distante, provavelmente porque namorava minha mãe naquela época.

Ninguém diz nada e meu pai termina de comer.

Quando o pedaço de torta acaba, Erin e eu subimos para o meu quarto e vamos para o telhado. Levamos meu edredom, nos enrolamos em um casulo gigante e respiramos o ar frio do outono, que me faz pensar de novo em geladeiras abertas.

Eu tinha planejado dar uns amassos na Erin durante meia hora direto, porque é provável que esta seja a última vez que vamos nos beijar nos próximos três meses. Se um dos nossos times for bem nas eliminatórias, podem ser até quatro meses sem sentir novamente o gosto dos lábios dela. Enquanto passo as mãos sob sua camisa, em suas costas fortes e macias, tento me concentrar só nela e deixar o basquete fora da minha mente, mas não consigo.

— Qual é o problema? — Erin finalmente faz a pergunta. — Você está com a cabeça longe.

— Estou tenso por causa de amanhã.

O vento sopra forte, e eu estremeço, mesmo com o corpo quente dela em cima de mim.

— Por quê? — questiona ela. — Você já é o armador titular há duas temporadas. O treinador adora você. Está no auge da forma e treinou muito na pré-temporada. Já fez tudo o que podia para se preparar. Vai ser um grande ano. Tudo alcança aquele que trabalha duro enquanto espera, certo? Lembre-se do nosso lema de verão.

Como não falo nada, Erin continua: — O que está acontecendo? Você tem

andado estranho nas duas últimas semanas. É melhor me dizer agora ou isso vai consumi-lo por meses.

— Pode guardar um segredo? — pergunto a Erin, porque sei que ela tem razão: preciso falar sobre isso.

Posso estar traindo o treinador ao contar para ela, e me sinto culpado, mas não aguento mais guardar esse segredo.

— Você sabe que sim.

Fito seus olhos cor de trevo e então, antes que eu mesmo me impeça, digo: — Os pais de Russ foram assassinados.

— O quê?

— Ele veio morar aqui na cidade porque os pais foram assassinados. E então surtou e foi internado em um lar para jovens com estresse pós-traumático. Sempre que estamos sozinhos, tenho que chamá-lo de Garoto21. Ele diz que veio do espaço e que seus pais virão buscá-lo em uma nave espacial.

Erin fica boquiaberta, sem dizer nada.

— Estou falando sério. Quando ele veio morar com os avós, o treinador me contou tudo e me pediu para ajudá-lo. O pai do Russ era um grande amigo do treinador.

Russ está usando um sobrenome falso, porque ele é um armador requisitado nacionalmente. Ele costumava jogar na Califórnia. O treinador quer que eu o ajude a se adaptar a Bellmont para que ele jogue na nossa equipe.

Ele vai tomar o meu lugar, Erin. Não falei nada sobre isso antes porque o treinador me pediu para não contar a ninguém.

— Uau! Quero dizer, *uau*! Isso explica muita coisa.

Ele realmente acredita que veio do espaço?

— Acho que pode ser uma encenação, mas ele só fala nisso.

— Ele tem corpo de atleta. Qualquer um pode ver isso. Por que você não me contou antes?

— O treinador me pediu para não contar.

— Devia ter me contado. Eu conto *tudo* para você.

Nós dois sabemos que os segredos mantêm as pessoas presas aqui em Bellmont para sempre. Você quer esse destino? Ou quer ir embora comigo?

— Você sabe que meu lugar é com você. E com certeza quero sair daqui.

— Então?

Erin parece realmente chateada.

— Sinto muito, ok?

Olho para o céu. Há tantas nuvens que não dá para ver as estrelas.

Erin tem razão quanto aos segredos, mas ela sabe que faço tudo o que o treinador me pede.

Quando sinto que a tensão se desfez, falo: — Não quero que Russ tome o meu lugar.

— Talvez o treinador esteja exagerando. Talvez Russ não seja tão bom assim.

— Não sei. Esse é o problema. Eu queria entender melhor isso.

Erin beija a ponta do meu nariz.

— Você nem sabe se Russ vai aparecer amanhã, certo?

— Ele não parece muito a fim de jogar basquete.

— Mesmo que ele apareça, já faz tempo que não treina. Ele não está em forma, então você está com a vantagem. O treinador nunca se esqueceria de você... toda a sua dedicação à equipe, além do que fez pelo Russ também. O treinador pediu que você se tornasse amigo dele, e você fez exatamente isso... pelo treinador. E vamos supor que o seu maior medo se torne realidade. Mesmo que perca a posição de titular, que é a pior coisa que poderia acontecer, ainda assim o treinador usaria você como o sexto homem, certo?

— Não quero ser o sexto homem. Quero ser o armador titular e capitão da equipe.

— Como eu disse... dê o seu melhor amanhã. Seu jogo é a única coisa que você pode controlar.

Beijo o rosto de Erin, que se inclina até deitar, e encosta a cabeça no meu peito.

— Os pais de Russ foram mesmo assassinados? — pergunta ela.

— Sim.

— Isso, infelizmente, explica por que ele é tão calado.

Quero dizer, meu Deus... *Assassinados*... — Erin faz uma pausa e fala: — É por isso que o treinador escolheu você para ajudar o Russ?

— O que quer dizer?

— Não sei. Só pensei que... bem...

— O quê?

— Esquece.

— Desculpa não ter contado antes, mas o treinador...

— Como isso aconteceu?

— Como *o que* aconteceu?

— Como os pais de Russell foram assassinados?

— Não sei — respondo. — Ele não gosta de falar sobre isso. Dá para notar.

— Ele não gosta de falar sobre *nada*.

— Posso entender por quê — falo, e isso parece encerrar a conversa.

Ficamos ali deitados por um tempo, ao luar, enquanto presto atenção no ar que sai da minha boca.

Sinto meu coração bater bem perto do dela.

— Já percebeu como o Russ gosta de ficar com você? — pergunta Erin. — Ele segue seus passos o dia inteiro como um cachorrinho perdido. E a maneira como ele olha. Você não vê, não é? Ele gosta de você. Ele precisa de você. Você tem sido um bom amigo. Tem ajudado o Russ. Se ele decidir entrar para a equipe, provavelmente vai ser só para continuar sendo sua sombra. Para vocês dois poderem permanecer juntos.

— Ele só me segue porque o treinador falou para ele fazer isso. Esse é o único motivo.

— Não, não é, Finley. É porque você é uma boa pessoa. Porque é fácil ficar perto de você. Porque você é *você*. Não exige nada de ninguém nem diz qualquer coisa negativa... nunca. Há tanta gente que suga a vida de todos ao redor, mas você não. Você dá força às pessoas, apenas por ser quem você é.

Não concordo com ela, mas não falo nada.

Ficamos abraçados no telhado até meia-noite.

Quando a deixo em casa, nos beijamos mais uma vez nos degraus da entrada.

— Boa sorte nessa temporada.

— Este ano será ótimo para você — diz ela.

— Ok.

Dou um passo para trás.

— Temos mesmo que dar um tempo?

— Só por uns meses.

— Você vai voltar a ser meu namorado quando a temporada de basquete acabar?

Faço que sim, mesmo que isso seja contra as regras.

Nos últimos anos tenho argumentado que temos que terminar de verdade e que dar um tempo não é o mesmo que terminar, porque perderíamos o foco no basquete, pensando no dia em que voltaríamos. Mas, no fundo, sabemos que será só uma separação temporária. Com certeza vamos passar o resto da vida juntos.

— É melhor eu ir. Precisamos dormir, descansar para o primeiro dia — digo.

Ela faz que sim e, em seguida, entra.

Sou um homem livre.

Sou simplesmente um jogador de basquete — um armador.

E esta vai ser uma temporada interessante, sem dúvida.

A TEMPORADA



“Às vezes, o maior desafio de um jogador é entender seu papel na equipe.”

Scottie Pippen



21

ASSIM COMO EM TODOS OS outros anos, sou o primeiro a chegar.

O ginásio ainda não está aberto, e tenho que ficar esperando o treinador do lado de fora.

Está frio, principalmente porque estou de short.

Wes Reese, com seus dois metros de altura, chega com o nariz enfiado num livro coberto por um papel marrom. Ele tenta abrir a porta, e não repara que estou ali. Quando percebe que está fechada, tira os olhos do livro e diz: — Oi, Coelho Branco. Não tinha visto você.

— E aí? — digo.

Ele levanta o livro.

— Ralph Ellison. *Homem invisível*. Coisa boa.

Faço que sim, embora nunca tenha lido Ralph Ellison, e, sinceramente, nem sequer saiba quem ele é.

Sir e Hakim aparecem depois e nos cumprimentamos batendo as mãos.

Cada vez mais chegam mais jogadores, mas nada do treinador.

Terrell aparece com seu irmão, Mike, que dirige uma BMW extravagante equipada com rodas cromadas e janelas com insulfilm. O baixo de seu aparelho de som atinge meu peito enquanto ele vai embora.

— Cadê o treinador? — pergunta Terrell.

— Não sei — respondo.

Ele está usando uma corrente de ouro com o número 3 pendurado — o número da sua camisa. É nova, eu acho.

Watts, o treinador assistente, aparece, e então percebemos que o treinador está de fato muito atrasado, já que o assistente nunca chega na hora.

O treinador nunca se atrasa.

Nunca.

O que está acontecendo?

De repente, enquanto estou ali reunido com os outros jogadores, me dou conta do que está acontecendo.

Começo a suar frio.

Ele está tentando convencer o Garoto21 a vir treinar.

— Coelho Branco, por que você está tão nervoso? — pergunta Terrell.

Balanço a cabeça e dou de ombros.

— Você devia abrir mais essa maldita boca — diz Hakim. — A única hora em que ouço sua voz é quando você fala as jogadas.

— O que você está lendo? — pergunta Terrell a Wes.

— Ralph Ellison — responde Wes, sem levantar os olhos.

— Quem é esse? — questiona Terrell.

— Um dos mais importantes escritores afro-americanos — diz Wes, com um tom como o que as pessoas chamam de *metido a besta*. — É parte de sua herança. Um autor que você realmente deveria ler.

Terrell olha para o restante de nós com uma expressão engraçada e, então, pega o livro das mãos de Wes.

— Me devolve isso! — diz Wes.

Terrell examina o livro e então grita: — *Harry Potter!* Esse idiota está lendo sobre um menino bruxo!

Todo mundo ri de Wes, até mesmo o treinador Watts, mas não entendo bem por quê.

E daí se Wes quer ler *Harry Potter*?

Quem se importa?

Quero dizer algo a Terrell, mas minha língua não funciona, e sinto meu rosto ficar vermelho.

— Temos que ler esse livro para o Curso Avançado de Inglês — diz Wes. — É leitura obrigatória. Não é culpa minha!

— Isso é verdade, Coelho Branco? — pergunta Sir para mim.

— Sim — digo, só para livrar Wes de parecer um mentiroso. Ele me lança um olhar agradecido antes de pegar de volta seu livro do Harry Potter.

— Tem algum negro nos livros do Harry Potter? — questiona Terrell.

— O que isso tem a ver? — pergunta Wes.

Antes que Terrell possa responder, o treinador chega em sua caminhonete com o Garoto21.

— Olha só quem está ali, Coelho Branco — diz Terrell. — Sua sombra. Pensei que o Coelho Preto não jogasse basquete.

— Por que ele está vindo com o treinador? — pergunta Hakim.

— Não sei.

Olho para o céu. Cinza por toda parte.

O treinador abre a porta do ginásio e todos nós entramos.

Decido ignorar o Garoto21 e simplesmente me concentrar nos meus objetivos. Se eu não falo nem com a Erin durante a temporada de basquete, e ela é minha melhor amiga desde o ensino fundamental, então não deveria me sentir mal por ignorar o Garoto21. É hora de priorizar. Hora de jogar basquete. Meus companheiros de equipe precisam de mim.

Certo?

O único problema é que os pais do Garoto21 foram assassinados e eu sei que deveria ajudá-lo, porque ele está sofrendo.

Enquanto treinamos, o Garoto21 dá um jeito de ficar sempre perto de mim, mas eu continuo me movimentando, atrás de rebotes. Nunca me importei em ter uma sombra, mas agora a presença do Garoto21 parece pesada, como se estivesse me atrasando. É mais ou menos como ter uma namorada durante a temporada — uma preocupação extra.

Olho para Russ por um momento e ele parece muito nervoso e assustado, e isso me deixa com raiva porque, se a avaliação do treinador está correta, o Garoto21 é o melhor jogador de basquete presente no ginásio, então com o que ele precisa se preocupar?

Quando o treinador sopra o apito, todos nos sentamos contra a parede. O Garoto21 se joga ao meu lado, mas eu não olho para ele. O treinador diz que só tem uniformes para dezoito jogadores e que os cortes serão na semana seguinte. Há vinte e seis jogadores sentados ali, o que significa que oito não farão parte da equipe.

Ele fala sobre a meta de ganhar um campeonato estadual. Fala sobre trabalho em equipe e dedicação máxima aos treinos e sobre como nos tornaremos uma unidade, uma família. Todo ano ele diz as mesmas coisas.

Já ouvi isso milhares de vezes, mas, mesmo assim, as palavras do treinador fazem com que eu me sinta mais leve, focado. Meu corpo está pronto. Meu coração quer bater forte. Minha cabeça quer se desligar. É como entrar em transe.

Só a temporada realmente faz sentido na minha vida.

Há um objetivo claro. As pessoas se reúnem para alcançar esse objetivo, e a comunidade comemora. O basquete é a única coisa que se faz direito por aqui, a única coisa que as pessoas apoiam de verdade. É de longe a melhor parte da minha vida, talvez perdendo só para Erin.

Logo estamos treinando na quadra, mas não consigo nem perder de vista o

Garoto21 em meio às linhas, porque seu desempenho é tão ruim que todos notam.

O primeiro passe que ele faz vai parar nas arquibancadas.

Os quatro primeiros arremessos são bolas aéreas ou acertam o aro.

O Garoto21 é derrotado todas as vezes em que tenta fazer uma defesa.

Ele parece péssimo. É como se estivesse bêbado ou algo assim.

Seus ombros estão curvados para a frente, os joelhos estão juntos, e essa é uma postura terrível para o basquete. Ele fica o tempo todo olhando para as luzes no alto, como se esperasse ser teletransportado para o espaço sideral ou algo do tipo, ou talvez como se estivesse rezando. Está claro que ele não quer estar aqui.

Mas o engraçado é que eu não estou feliz com isso.

Realmente começo a me preocupar com o Garoto21, porque a expressão em seu rosto indica que ele está prestes a chorar. Eu me preocupo tanto com o Garoto21 que isso começa a afetar o *meu* jogo, e, quando faço um passe ruim, o treinador grita: — O que há de errado com você, Finley? Está competindo pela sua posição de titular também! Ninguém vai ter nada de graça!

O treinador nunca gritou comigo assim. Isso me deixa muito tenso e confuso.

Para o treinador ficar feliz com meu desempenho, tanto o Garoto21 quanto eu precisamos jogar bem, o que me parece injusto. Estou ligado ao Russ de uma forma que os outros jogadores não estão.

Quando o treinador repassa as novas jogadas ofensivas, fico aliviado ao ver que ainda estou treinando com o primeiro pelotão.

O Garoto21 treina com o segundo time, mas ele parece não conseguir se lembrar das jogadas, mesmo depois de me assistir executá-las por uns bons vinte minutos.

Ele é muito ruim.

Demais.

Inacreditavelmente péssimo.

É quase cômico.

Os outros titulares trocam olhares furiosos, balançam a cabeça e resmungam palavrões, porque Russ está arruinando, sozinho, o andamento do treino.

É como se o Garoto21 nunca tivesse tocado em uma bola de basquete na vida.

É como se ele estivesse intencionalmente...

Então eu enfim entendo o que está acontecendo e por que o treinador parece tão frustrado e irritado.

Durante as duas horas seguintes, dou o melhor de mim, mas minha cabeça está em outro lugar.

Quando o treino já está quase acabando, a equipe das garotas entra no

ginásio. Dou uma olhada em Erin. Ela observa cada movimento que faço, torcendo por mim com os olhos e lutando contra o impulso de acenar. Eu queria poder contar a ela o que está acontecendo, mas não vamos nos falar pelos próximos três meses, então não há muito o que fazer.

Meu uniforme de treino está tão molhado de suor que chega a ficar pesado. Meu cabelo e minha pele estão úmidos. Meus corpo está cansado, assim como minha cabeça, por causa do Garoto21. O basquete nunca foi tão estressante. Estou pensando demais. É melhor quando os atletas não pensam.

Quando fazemos nossas corridas de fim de treino, eu me empenho para terminar em primeiro lugar todas as vezes, ainda que Sir, Hakim, Terrell e, provavelmente, o Garoto21 sejam muito mais rápidos do que eu quando não estão cansados. Também estou cansado, mas, como não sou tão talentoso quanto os melhores jogadores, tenho que superar o talento, como diz meu pai. Então, eu me esforço ao máximo e ganho cada corrida com um metro e meio a três metros de vantagem.

Tento compensar meu treino ruim e logo meus pulmões ficam em chamas e minhas pernas gritam, ameaçando não me obedecerem mais.

E, em todas as vezes, o Garoto21 termina em último.

Ele parece patético.

— Venham cá — diz o treinador.

Nós nos juntamos em círculo e estendemos nossos braços para a frente, formando uma grande roda com as mãos unidas no centro.

O treinador diz: — A segunda sessão começa às três. Finley e Russ, vejo vocês na minha sala. No três, time! Um, dois, três...

— Time! — gritamos.

Sigo o treinador até a sala e Russ vai atrás de mim.

O treinador Watts leva os outros para o vestiário, e as garotas ocupam a quadra, fazendo o barulho de uma dúzia de bolas de basquete sendo quicadas e o dobro disso de tênis pisando forte no piso de madeira.

O Garoto21 e eu ficamos em lados opostos da sala.

O treinador fecha a porta e diz: — Finley, pedi para você ajudar o Russ a se adaptar aqui em Bellmont, certo?

Faço que sim.

— De acordo com o que contei para você sobre ele, não acha que nossa equipe teria mais chance de alcançar os objetivos se Russ jogasse conosco este ano?

O Garoto21 olha para seus tênis.

— Contei a ele sobre nossas conversas. Desde o início, ele sabe de tudo — diz o treinador. — Então, responda minha pergunta, Finley.

— Sim.

Sim, a equipe estaria melhor com um armador de elite, de nível nacional, jogando no meu lugar.

— Então por que você disse ao Russ para não entrar para o time? — pergunta o treinador.

Meus olhos quase saltam do rosto. Eu nunca disse ao Garoto21 para não entrar para o time. *Nunca!* Abro a boca, mas as palavras não vêm. Minha língua simplesmente não funciona.

Parece que meu coração é um esquilo tentando subir pela garganta. Minhas mãos estão fechadas. Gotas de suor caem do meu rosto.

— Ele nunca falou *exatamente* isso para mim — diz o Garoto21. — Não com palavras.

— O quê? — diz o treinador para o Garoto21. — Você me contou esta manhã que Finley disse que você não devia jogar no nosso time.

— Não foi bem isso — diz o Garoto21. — Falei que podia perceber que ele não queria que eu jogasse. Ele nunca me disse para não jogar, mas também nunca me pediu... ele nunca me incentivou, e eu notei. Treinador, este é o último ano do Finley. Não quero entrar e estragar tudo para ele.

— Nós fazemos o que é melhor para *a equipe* — respondeu o treinador. — Você se lembra do que estávamos falando?

— Treinador, Finley tem sido muito legal comigo. Ele é uma boa pessoa. E ama esse esporte muito mais do que eu. Ele treinou tanto na pré-temporada. Muito mais do que eu. Não posso simplesmente entrar e tomar a sua posição de titular. Que tipo de amigo eu seria?

Estudo o rosto do Garoto21 por um bom tempo.

Ele não sorri.

Nem sequer pisca.

Está sendo completamente sincero.

Ele não ia jogar só para que eu continuasse como titular. Por isso fingiu que não sabia jogar durante o treino — por minha causa. Ao perceber o que se passa pela cabeça do Garoto21, fico com uma sensação parecida com a que sinto pela minha família, por Erin e pelo treinador. Não tenho certeza se alguém já se ofereceu para fazer um sacrifício desses por mim.

— Também não posso tomar o número dele. Não seria certo — diz o Garoto21.

Olho para o número 21 na minha camisa de treino, o mesmo que uso desde o primeiro ano. Eu sabia que isso aconteceria, mas agora me sinto diferente do que imaginei. Antes estava claro que ele iria querer usar esse número.

— Finley, você nunca disse ao Russ para não jogar? — pergunta o treinador.

— Não, senhor — respondo.

— Então devo a você um pedido de desculpas.

Não quero exatamente um pedido de desculpas, mas me sinto aliviado. Só quero jogar basquete. Só quero que o treinador fique satisfeito comigo.

— É uma situação estranha para todos nós. Ouçam. Vamos tentar o seguinte: vou sair da sala por alguns minutos, enquanto vocês procuram encontrar alguma solução — diz o treinador, e logo em seguida sai.

O Garoto21 e eu ficamos em silêncio pelo que parece ser um longo tempo.

Posso ouvir o barulho dos tênis na quadra e a treinadora do time feminino gritando para que elas se esforcem. A sala do treinador tem cheiro de suor e couro — como uma velha luva de beisebol. Está muito empoeirada também.

Estou um pouco chateado por ter sido colocado nessa situação. Não é trabalho do treinador garantir que todos estejam em sintonia? E ele simplesmente sai da sala?

O Garoto21 acaba dizendo: — Não quero estragar sua última temporada, Finley.

Já nem ligo mais para basquete.

Não sei o que dizer, então me mantenho calado.

O fato de o treinador ter gritado comigo me desestabilizou. Ainda estou um pouco mal-humorado, mesmo me dando conta de que o Garoto21 de certa forma mentiu para ele. Mas não estou irritado com o Garoto21. Nunca conheci alguém que deixaria de fazer aquilo em que é bom só para que eu tivesse uma chance.

Acho que eu não deixaria de jogar basquete por *ninguém*.

— E eu não posso jogar se não for com o número vinte e um. Eu tenho que ser o vinte e um. É simplesmente um fato — diz ele.

— Por quê? — pergunto.

— Meu pai era o número vinte e um na escola, e ele está me monitorando do espaço. Prometi que sempre usaria o número vinte e um por ele, enquanto eu jogasse basquete. E agora que ele está em uma nave espacial tão distante, sinto que é mais importante do que nunca... mas, se eu não jogar basquete este ano, não vou precisar me preocupar com números. Isso é bom, porque você já é o número vinte e um, e é meu melhor amigo terráqueo.

Eu podia só torcer para você das arquibancadas, deve ser muito divertido. Eu podia me sentar com seu pai e seu avô, e poderíamos incentivá-lo até eu ir embora deste planeta. Acho que em breve mamãe e papai virão me buscar, então qual é o sentido de eu jogar basquete?

Fito Russell nos olhos. Ele luta para conter as lágrimas. Eu me pergunto se ele realmente acha que seus pais estão em uma nave espacial ou se só usa essa história como uma espécie de escudo — uma camada de palavras que lhe

permite se expressar de maneira quase camuflada, por mais estranho que isso possa parecer.

Alguma coisa está acontecendo. É como se o Garoto21 estivesse me dando pistas ao inventar histórias sobre o espaço sideral.

Por quê?

Esta é a primeira vez que Russ fala sobre o espaço desde que acompanhamos, no meu telhado, o lançamento do ônibus espacial, para comemorar seu aniversário.

Se ele é tão bom quanto o treinador diz, sei que é o melhor para a equipe, e sempre coloquei o time em primeiro lugar. Isso é o que os bons jogadores de basquete fazem.

Acho que sei o que é melhor para o Russell.

Penso no que os bons amigos fazem.

Eu tiro minha camisa de treino número vinte e um e jogo para o Garoto21.

Ele a pega e diz: — Finley, se eu ficar com isso, se eu começar a jogar basquete usando todas as minhas habilidades, principalmente se usar meus poderes extraterrestres, não vai ter como você ganhar a posição de armador. Você não vai ter nenhuma chance.

— Isso é o que nós vamos ver.

— Você tem que me prometer que vai ser meu amigo independente de qualquer coisa. Preciso que você seja meu amigo. Por favor, prometa.

— Sou seu amigo, não importa o que aconteça — digo sinceramente.

— Eu vou me segurar o máximo que puder, mas vai chegar uma hora em que não conseguirei me controlar.

Quando jogo basquete, algo dentro de mim muda. É só a maneira como sou programado.

— Não quero que você se segure.

Se ele vai tomar meu lugar, quero pelo menos que não seja tentando se segurar. Quero ganhar ou perder de forma justa.

Como o Garoto21 não fala nada, eu digo: — Você acha mesmo que seus pais estão vindo em uma nave espacial para levá-lo embora?

— Sim. Logo no início do próximo ano, provavelmente, mas é difícil dizer, porque mamãe e papai não estão mais usando calendários terráqueos, já que não vivem mais neste sistema solar. O calendário deles se baseia unicamente na rotação da Terra em torno do Sol.

Depois que passa de Plutão, os calendários terráqueos não fazem sentido.

— Mas você não vai falar sobre isso com nossos colegas de time, certo?

— Eles vão saber que não sou humano quando me virem jogar. Não vou conseguir manter isso em segredo, porque minhas habilidades são... *de outro*

mundo.

Faço que sim lentamente, esperando o Garoto21 começar a rir, e o treinador entrar correndo com o restante da equipe, apontando para mim, às gargalhadas, depois de me pregarem essa peça, mas isso não acontece.

Se viessem de qualquer outra pessoa, essas palavras soariam como exagero ou simplesmente bobagem, mas o Garoto21 fala muito sério. É como se ele nem tivesse orgulho de suas habilidades. Ele está disposto a esconder seu talento, como se fosse algo de que deveria se envergonhar.

— Você acredita em mim, certo, Finley? Acredita que vou voltar para o cosmos com meus pais? Você sabe que é verdade, não é?

Faço que sim.

— Posso conversar a sós com o treinador? — pergunto.

— Ok.

Ele sai e o treinador fecha a porta.

— Desculpe se duvidei de você, Finley. Essa situação tem sido difícil para mim. O pai dele era um grande amigo meu, então me sinto um pouco...

O treinador não termina a frase, então engulo em seco e espero.

Então ele fala: — Você deu seu número ao Russ?

Balanço a cabeça, confirmando.

— Você é um bom garoto, Finley. *Um bom garoto mesmo*. Vou colocar você e Terrell como capitães. Não ia dizer isso para você até mais tarde, mas, dadas as circunstâncias, eu...

— Treinador, ele acha mesmo que os pais estão vindo buscá-lo em uma nave espacial.

— Não tenho tanta certeza disso.

— Ele precisa de ajuda.

— E ele tem recebido. Russ vai a um psicólogo duas vezes por semana. Quer saber o que ele disse aos avós duas semanas atrás?

Acho que o treinador não devia me contar o que o Garoto21 diz aos avós confidencialmente, mas ele continuou falando.

— Russ disse que seus pais viriam buscá-lo em outubro... em sua nave espacial, mas ele mandou uma mensagem usando sua mente ou algo assim. Ele perguntou aos pais se poderia ficar na Terra por mais algumas semanas porque tinha um amigo chamado Finley, que era uma “presença tranquilizadora”. Ele disse que estava gostando de sua companhia.

Engulo em seco novamente.

— Ele está no limite, Finley. Acho que não preciso dizer o que isso significa, porque você é um garoto esperto. Quando você o vir jogar, jogar pra valer, tudo vai fazer sentido para você. Confie em mim.

Quando saio da sala dos treinadores, vejo que o restante do meu time já foi embora há muito tempo. O time reserva das meninas está repassando a defesa por zona, e Erin está encostada na parede, abraçando as pernas e com o queixo apoiado nos joelhos. Ela está de olho em mim, e é então que percebo que estou sem camisa. Noto que ela está preocupada, mas não posso pensar nela agora, então dou as costas e vou me trocar no vestiário.

Encontro o Garoto21 do lado de fora, e ele me segue até a biblioteca da cidade.

Na seção para jovens, há dois exemplares disponíveis de *Harry Potter e a pedra filosofal*, então pego emprestado os dois e entrego um deles para o Garoto21.

— Pegaram no pé do Wes por estar lendo isso. Então ele disse ao Terrell que era uma leitura obrigatória do Curso Avançado de Inglês — explico.

O Garoto21 balança a cabeça, mostrando que entendeu.

Wes é nosso colega de equipe; portanto, nós o apoiamos.

O Garoto21 me segue até em casa, onde preparo sanduíches para nós dois. Comemos com o vovô, que está sóbrio o suficiente para se comportar bem e nos fazer perguntas sobre o treino, às quais respondo de maneira vaga. Depois, o Garoto21 e eu vamos para o meu quarto e ficamos lendo *Harry Potter* até a hora de voltar para o ginásio e recomeçarmos o treino.

O livro é sobre um garoto que tem uma vida horrível, mas que consegue a chance de escapar dela ao descobrir que seus falecidos pais eram bruxos. Ler o livro me faz pensar se algum dia vou escapar de Bellmont e, caso consiga, que tipo de vida terei em outro lugar.

Chegamos cedo para a segunda sessão, por isso continuamos lendo na arquibancada, enquanto as meninas terminam o treino delas.

Wes se senta ao nosso lado, nota o que estamos lendo e, então, fala baixinho: — Vocês não precisam fazer isso.

Posso ver que ele está comovido pelo jeito que olha para mim, então dou um sorriso. Fecho meu punho e estendo para ele, que dá um soco de leve na minha mão.

— É um livro muito bom — diz Wes, pegando seu exemplar. — Surpreendentemente bom.

Quando Terrell, Hakim e Sir nos veem lendo *Harry Potter*, eles balançam a cabeça.

Durante a segunda sessão de treino, o Garoto21 joga melhor, mas não muito. Acho que ele joga o suficiente para apenas fazer parte da equipe, sem ter que tomar minha posição.

Meu ego faz eu me perguntar se toda aquela conversa dele e do treinador

sobre como ele é bom poderia ser só exagero, mas algo dentro de mim diz que o Garoto21 ainda está se segurando.

Ele não está rendendo cem por cento e não faz contato físico com ninguém.

Está só jogando o básico, sem cometer nenhum erro.

Ele *está* no jogo, mas não está jogando *de verdade*.

Depois de se trocar no vestiário, Erin fica um tempo sentada sozinha na arquibancada, vendo a gente jogar, mas, na metade do treino, olho para cima e percebo que ela foi embora.

Não gosto que ela me veja treinando porque isso me deixa nervoso, mas já sinto falta dela.



EU E O GAROTO21 TREINAMOS, vamos à escola, fazemos nosso dever de casa, lemos *Harry Potter*... nossos dias se resumem a isso.

Quando ele pergunta por que não vemos mais Erin, respondo: — O basquete é minha namorada agora.

Isso o faz rir, e acho mesmo que soa engraçado.

Terminamos de ler o primeiro livro do Harry Potter alguns dias depois do Wes.

Antes do treino de sexta à tarde, enquanto praticamos arremessos no ginásio, Wes diz: — E aí, o que vocês acharam de *Pedra filosofal*?

— Se um de seus amigos tivesse poderes mágicos, você ia querer saber? — pergunta o Garoto21.

— Como o Harry? — retruca Wes, dando um passo para trás e franzindo o rosto. — Poderes mágicos *de verdade*?

— Poderes que ninguém mais tem — diz o Garoto21.

— É claro que eu ia querer saber — diz Wes.

— E se isso significasse que você nunca mais o veria?

Nem todo mundo vai para Hogwarts, certo? — O Garoto21 começa a esfregar as palmas das mãos nas pernas.

— Por que está me perguntando isso, Russ?

O Garoto21 faz um movimento de alongamento, girando a parte de trás da cabeça sobre os ombros.

Wes olha para mim, mas eu não falo nada.

— Vocês querem ir na minha casa hoje à noite ver *Harry Potter e a Pedra*

Filosofal? — pergunta Wes. — Minha mãe encontrou na Netflix.

Então, naquela noite, nós três assistimos à versão cinematográfica do livro, que é muito boa. Muita magia, castelos e amizade.

Depois do filme, Wes nos leva ao seu quarto e coloca para tocar o N.E.R.D., seu grupo de rap favorito. A música , diferente do *gangsta rap* que geralmente ouço pelo bairro, é muito *funky*, embora tenha um monte de palavrões.

(Não costumo muito ouvir música, talvez porque não tenho um iPod. Música é uma coisa legal, mas não sou fanático por nenhum tipo específico.) — Vocês sabem o que N.E.R.D. quer dizer? — pergunta Wes.

— O quê? — pergunto.

— *No one. Ever. Really. Dies* — responde o Garoto21. — Ninguém nunca morre de verdade.

— Você é fã deles, Russ? — diz Wes.

O Garoto21 faz que sim e sorri.

— Você já viu o jogo Seeing Sounds no site deles? — pergunta Wes. — Retrô. É muito maneiro e futurista .

Wes acessa o site do N.E.R.D. em seu computador.

Depois, clica em um dos links. O tema do jogo Seeing Sounds é o espaço sideral.

Está explicado porque o Garoto21 gosta do N.E.R.D.

Um gorila gigante persegue os membros do grupo por uma paisagem lunar.

— É um jogo como os videogames de antigamente.

Você joga controlando um dos integrantes do grupo — diz Wes.

Ele e o Garoto21 se revezam jogando.

Quando terminam de vasculhar o site do N.E.R.D., Wes sugere que a gente forme um clube de leitura dos livros do Harry Potter. Ele quer ler toda a série e assistir aos filme entre as leituras. Sempre pensei que clubes de leitura fossem coisas para mulheres ricas, mas é bom ser incluído em outra coisa além do basquete.

Nós dois concordamos em nos juntar a ele e arrumar exemplares de *Harry Potter e a câmara secreta.*

Gosto do Wes. Sempre nos demos bem, e estou começando a achar que talvez ele possa ser um bom amigo para mim e para o Garoto21 — alguém com quem a gente saia regularmente. Talvez porque ele seja o tipo de garoto estranho que começa um clube de leitura de *Harry Potter*. Wes é esse tipo de estranho. Estranho como nós.

Por que nunca saí com o Wes?

Enquanto eu e o Garoto21 caminhamos, pergunto sobre o N.E.R.D. e o tema espacial do site.

— Aquilo é inventado, não é o espaço real, mas é verdade que nunca ninguém morre de fato.

Ergo as sobrancelhas quando ele olha para mim.

— A matéria não pode ser destruída nem criada — diz ele. — Esse é um dos princípios básicos do universo.

Mas existe sua força vital, que está contida e interditada aqui na Terra pelo seu corpo, sua carne, como se fosse uma prisão. Quando vocês, terráqueos, morrem, sua força vital é liberada e isso permite que viajem pelas galáxias novamente. Não é morte, é libertação.

— Humm... *como é que é?*

— Só falo para você essas coisas, Finley, porque você parece ser mais esclarecido. Os outros não conseguem lidar com essas ideias.

Sinto um pouco de orgulho de saber que o Garoto21 me acha especial, mas também fico meio triste, porque ele está sofrendo. No interior da cabeça dele há uma guerra sendo travada — uma guerra que ele está perdendo.

Não há muito que eu possa fazer para ajudá-lo.



23

VEJO ERIN NOS CORREDORES DA escola e no ginásio.

Quando estamos no mesmo lugar, ela sempre tenta chamar minha atenção ou esbarrar em mim, fingindo que foi acidental, mas eu continuo andando, olhando para a frente, como se não a notasse.

Durante uma reunião, o treinador nomeia Terrell e eu capitães da equipe este ano. O time comemora comendo umas doze pizzas.

Na véspera do nosso primeiro jogo, o time titular é anunciado, e eu fico como armador.

Tudo está saindo como o planejado, e de certa forma esqueço que o Garoto21 ainda pode roubar minha posição.

Estou jogando basquete com foco total de novo.

Na quadra, tudo é adrenalina e suor e movimento e couro e comemoração e barulho de tênis arrastando na quadra e cumprimentos e a sensação de que eu posso e estou realizando algo.

Fora da quadra, tudo é expectativa, ansiedade, contagem dos minutos até o próximo treino ou jogo, jogadas desenhadas nos meus cadernos, visualizações de mim mesmo em quadra: eu mergulhando atrás de bolas perdidas e sentindo os machucados dos joelhos arderem — marcando tão próximo dos joelhos e cotovelos dos adversários que chego a ficar com hematomas nas pernas, nos braços e no peito —, dando passes criativos para meus companheiros de equipe; até mesmo fazendo algumas bandejas; o treinador me dizendo que me saí bem; papai e vovô sorrindo orgulhosos.

É tudo treino pesado e sonho até que, de repente, estou no primeiro jogo pra valer, contra o fraco Rockport, fazendo *mesmo* todas as coisas que visualizei.

Isso é tão incrível, que me pergunto se é verdade — como se eu estivesse sentado na aula de ciências sonhando acordado.

Mas não estou sonhando acordado na aula de ciências, estou jogando basquete.

Marco quinze assistências, e Terrell faz trinta e dois pontos.

Estamos vencendo de quarenta no final do terceiro quarto, e então o treinador coloca o segundo pelotão na quadra.

No banco, sinto meu coração desacelerar, meus músculos esfriarem e sou tomado pela maravilhosa sensação de ter cumprido meu dever.

Vejo o Garoto21 na quadra e mais uma vez posso dizer que ele não está jogando tudo que pode. Ele não comete nenhum erro, mas parece apenas passar a bola para que os outros tentem marcar ponto. Ele não corre a toda velocidade; não arremessa quando está livre; não há nenhuma intensidade.

É muito generoso com os parceiros de time, o que é bom de ver, mas também me dá a sensação de que está se escondendo em plena luz do dia — como se estivesse com medo de mostrar ao mundo o que realmente pode fazer.

Vencemos por 101 a 69.

Meu pai está orgulhoso.

Vovô também.



24

O SEGUNDO JOGO DO ANO, contra Pennsville, é a rodada dupla anual, em que jogam os times masculino e feminino contra o mesmo adversário. Pennsville é nosso arquirrival e, de longe, nosso maior desafio do campeonato. Na véspera do jogo, o treinador nos faz sentar encostados na parede para ouvi-lo.

— Com base nos relatórios dos nossos observadores, Pennsville vai executar o que chamamos de defesa triângulo em Terrell. Significa que vão fazer dupla marcação contra ele toda vez que estiver com a bola.

— Droga — pragueja Terrell. — Odeio dupla marcação.

— Wes, Hakim e Sir vão encarar uma defesa combinada. Isso vai deixar Finley livre — retruca o treinador, ignorando Terrell.

O que o treinador quer dizer é que Pennsville não acha que consigo fazer cestas saltando, ou seja, as chances de eu pontuar são mínimas. Não me sinto ofendido, porque é fato que, de todo o time, sou o que menos oferece ameaça. Sou armador, não pontuador. Esse não é meu papel, e outras equipes já fizeram dupla marcação em Terrell antes, mas, por alguma razão, meus arremessos em salto parecem um pouco piores este ano do que no ano passado. Não acertei nenhum dos dois que tentei no primeiro jogo.

— Finley vai ter que escapar de algum jeito da defesa triângulo e arremessar — diz o treinador. — E todos nós sabemos que ele pode e vai fazer isso. Ele só tem que acertar alguns arremessos iniciais para obrigá-los a mudar a marcação para homem a homem. Com isso, vamos poder executar nossas principais jogadas de ataque.

O treinador ensina ao segundo pelotão a estratégia defesa triângulo de Pennsville, para praticarmos contra eles. Quase todos os meus arremessos batem no aro.

Tenho a impressão de que não ouço o som da bola girando pela rede há anos.

— Continue arremessando — diz o treinador. — Erre tudo hoje. Deixe para marcar suas cestas amanhã.

Continuo arremessando, mas fico mais ansioso a cada erro. Quando olho para os meus colegas, sinto um ar de dúvida na expressão deles — ou estou sendo paranoico?

O treinador me substitui pelo Garoto21 em determinado momento. Ele erra todos os arremessos também, mas isso não faz eu me sentir melhor. Estou realmente começando a acreditar que ele está errando de propósito. Isso me deprime e me faz sentir culpa, muito embora eu tenha dito para ele que não deixasse de dar seu melhor.

No vestiário, depois do treino, Wes, Sir e Hakim me dão um soco de leve no braço e um tapinha nas costas, dizendo coisas como: "Você já errou hoje os arremessos que tinha para errar", "As cestas de amanhã são as que contam" e "Dia de jogo é que é para valer".

— É melhor você tirar logo no começo aquele homem extra da minha marcação, Coelho Branco. Entendeu?

Quero chegar aos mil pontos antes do fim da temporada — avisa Terrell.

O treinador está sempre dizendo que não devemos buscar recordes pessoais, mas sabemos que vai ser uma grande comemoração quando Terrell marcar seu milésimo ponto. Ele precisa que eu jogue bem para que possa chegar aos mil pontos este ano.

Já estou bastante preocupado com o jogo do dia seguinte. Para piorar, sinto um aperto no estômago quando o treinador me chama em sua sala. Ele fecha a porta e diz: — Não deixe de arremessar a bola sempre que puder amanhã. Você arremessa bem, Finley. Além do mais, Hakim e Wes vão cuidar dos rebotes. Confie em mim.

— Sim, senhor.

— Talvez você poderia pedir a Russ para se empenhar mais durante o treino também.

— Então você acha que ele está errando de propósito?

— Ainda não vimos o verdadeiro Russ jogar. E você não imagina o show que está perdendo.

Ele me encara por um longo tempo, como se estivesse tentando controlar minha mente ou algo assim. Acabo desviando o olhar e encarando meus tênis.

— Vejo você amanhã, Finley.

— Sim, senhor — digo, e em seguida vou me trocar no vestiário.

Imaginei que todos tivessem ido embora, por isso me assusto quando ouço: — Finley?

O Garoto21 está logo ali, enrolado em uma toalha. Ele é o único jogador que usa aqueles chuveiros imundos, que não são lavados há décadas. Está de chinelo para não ficar descalço no chão sujo.

— O que houve?

— Pedi ao meu avô para me buscar na sua casa hoje à noite.

— Por quê?

— Achei que poderíamos nos sentar no seu telhado.

Dou um suspiro. Estou cansado, e só de pensar em ter que conversar em código com o Garoto21 — sobre toda aquela bobagem de cosmos e espaço sideral — já me sinto esgotado.

— Tenho que fazer meu dever de casa.

— Podemos fazer juntos.

Russ está esfregando o queixo sem parar e me encarando com um olhar louco e intenso. Mais uma vez me pergunto se ele tem mesmo errado seus arremessos de propósito. Por algum motivo, concluo que provavelmente sim. Há alguma coisa estranha na maneira como ele está parado... é quase uma postura submissa, como um cachorro com o rabo entre as pernas. Por que alguém iria se submeter a mim?



ENQUANTO MEU PAI ESQUENTA UMA pizza congelada para o jantar, vovô nos bombardeia com perguntas sobre a estratégia de jogo contra Pennsville.

— Eles vão colocar dois jogadores para marcar o Terrell, não é? — pergunta meu pai.

— Sim — respondo.

— Finley vai ter que acertar várias cestas — diz o Garoto21.

— Marcar alguns pontos pelos irlandeses! — fala o vovô.

— Por Bellmont — diz papai. — Você acha que vai entrar no jogo, Russ?

— Não sei.

— Você está bem, Finley? — pergunta o vovô. — Não tocou na sua fatia.

Meu pai me olha.

Apenas dou de ombros.

O Garoto21 e eu fazemos o dever de casa no meu quarto, mas cada um faz o seu. Ele fica na mesa e eu na cama, durante mais ou menos uma hora. Depois vestimos nossos casacos e saímos para o telhado.

Não está tão frio para uma noite de inverno. A distância, posso ouvir uma sirene de polícia, mas, fora isso, é uma noite bem tranquila. Sempre gosto de ficar no telhado e ver as coisas por uma perspectiva diferente.

Começo a viajar para longe — e é uma sensação boa.

Depois de uns dez minutos de silêncio, Russ pergunta: — Se eu entrar no jogo de amanhã, você se importa se eu usar meus poderes extraterrestres?

Não estou com muita disposição para esse papo de espaço sideral.

— A única possibilidade de você entrar no jogo é se eu não conseguir marcar

nenhuma cesta.

— Você vai fazer suas cestas.

— Bem, então não vem muito ao caso, certo?

— Acho que sim.

Olho para cima e vejo parte da lua saindo de trás de uma nuvem.

— Eu só queria saber o que devo fazer *se* entrar no jogo — continua Russ. — O treinador disse que vai me colocar por alguns minutos, mesmo que eu não queira.

Como vocês querem ganhar o campeonato, se eu tiver a chance, acho melhor usar meus poderes para ajudá-los a vencer o Pennsville. Usei telepatia para me comunicar com meu pai e saber a opinião dele, e ele disse que não tem problema se eu acabar me expondo um pouco, porque, de qualquer forma, ele vem me buscar em breve.

Estou cansado das fantasias espaciais do Garoto21.

Estou cansado do treinador me pressionando. Estou preocupado com a minha dificuldade de fazer cestas.

Então, não respondo nada. O silêncio sempre foi meu modo preferido de agir — minha melhor defesa contra o mundo.

Quando o avô do Garoto21 chega, fico feliz.

— Vejo você amanhã — diz Russ, enquanto volta para o meu quarto.

Aceno com a cabeça, mas permaneço no telhado.

Ouço o Garoto21 se despedir do vovô e do papai.

Depois, vejo que ele entra no Cadillac do sr. Allen.

Conforme as luzes das lanternas traseiras do carro diminuem, tento me ver acertando uma cesta atrás da outra, mas, mesmo assim, continuo errando.



A PARTIDA DAS GAROTAS É antes da nossa, e as arquibancadas já estão lotadas. Como costumamos alternar — elas jogam fora de casa quando estamos aqui e vice-versa —, esta é uma das poucas vezes em que vou conseguir ver um jogo da Erin este ano.

Sento com meus colegas de time no local designado na arquibancada e, quando Erin sai, vejo que ela mudou o número de sua camisa para 18 — meu novo número.

Fico meio comovido enquanto as meninas se aquecem na quadra. Começo a me sentir exatamente como não quero ficar durante a temporada de basquete, e isso me deixa feliz e irritado ao mesmo tempo.

Wes e o Garoto21 estão lendo o segundo livro do Harry Potter. Wes brinca com o zíper de seu casaco. O Garoto21 franze a testa e balança a cabeça de vez em quando, como se concordasse com o que está lendo.

Meus outros colegas de time, por outro lado, estão ouvindo música em seus iPods ou falando bobagem. O treinador Watts nos acompanha.

Há um pequeno grupo de irlandeses que vieram torcer por Erin. Estão sentados com o vovô e nossos pais, e todos estão vestidos de verde. Um homem pintou o rosto de verde, branco e laranja, as cores da bandeira da Irlanda.

Mas a maioria das pessoas no ginásio é negra, porque Pennsville é praticamente uma escola só de negros.

Erin abre o jogo marcando uma cesta de três pontos, e a torcida vibra. Ela está linda na quadra, e, toda vez que faz uma boa jogada, meus colegas socam meu braço de brincadeira ou bagunçam meu cabelo.

Erin acerta uma cesta atrás da outra, pega rebotes, rouba a bola, e, no tempo

de jogo até o intervalo, leva a equipe a ficar com uma vantagem de vinte pontos.

Quando está indo para o vestiário, ela olha para as arquibancadas, me vê e sorri.

Ela está tão feliz fazendo o que nasceu para fazer — e eu começo a invejá-la, porque sinto que vou vomitar a qualquer momento.

Estou pensando na defesa triângulo.

Depois do intervalo, Erin bloqueia três arremessos, intercepta dois passes, avança pelo garrafão várias vezes para fazer bandejas, escapa de inúmeros bloqueios, faz uma cesta atrás da outra e, com facilidade, garante a vitória do time. Estou feliz por ela. Até sorrio de volta quando ela olha para mim no final do jogo, mas ainda me sinto como se estivesse prestes a vomitar. Típico nervosismo antes de um jogo importante. E este pode ser decisivo.

Quando nos alongamos no vestiário, o Garoto21 parece calmo. Fico pensando em como ele poderia ser a arma secreta perfeita esta noite, e quero dizer para ele que não há problema em jogar tudo o que sabe se entrar, para ele não se preocupar comigo, mas, por algum motivo, não falo nada. Talvez por achar que ele não está pronto, ou talvez por achar que está, e que pode ameaçar minha posição de titular.

— Faz logo suas cestas para sairmos da defesa triângulo — diz Terrell para mim. — Nós dois sabemos que o time joga melhor quando sou o principal jogador de ataque. Certo, Coelho Branco?

— Certo.

Concordo plenamente.

Quando anunciam os jogadores do nosso time, Terrell é quem, sem dúvida, recebe mais aplausos, embora o grupo dos irlandeses grite bem alto para mim. Vejo vovô parado na área de deficientes, usando um lenço verde, branco e laranja. Papai e Erin estão sentados ao lado dele. Ela está toda suada e, na verdade, devia estar com suas colegas de equipe. Sei que esta é a maneira que ela encontra de ser minha namorada quando não deixo que seja. Eu até me sinto bem por isso, mas faço questão de lembrar que não devo pensar em Erin esta noite.

Nós não namoramos durante a temporada de basquete, lembra?

O basquete é sua namorada agora.

O ginásio está agitado.

Os alunos estão gritando: — *Bellmont! Bellmont!*

Quando nos reunimos antes do começo do jogo, o treinador diz: — Acho que não preciso lembrá-los de que este jogo é decisivo. Só vamos jogar contra eles duas vezes, e temos que vencer as duas se quisermos ficar em primeiro lugar na divisão e garantirmos uma pós-temporada tranquila. Boa defesa homem a

homem.

Avisar sobre as trocas. Transições rápidas... e arremesse a bola, Finley. Precisamos que você faça isso, para sairmos da defesa triângulo.

Engulo em seco.

— No três, time. Um, dois, três...

— Time!

E então estou na quadra.

Wes vence a bola ao alto com facilidade, e, exatamente como o treinador previra, Pennsville faz dupla marcação em cima de Terrell, por meio de uma zona de triângulo, e me deixa livre.

Sei que tenho que arremessar a bola, mas tento deixar essa tarefa para Wes. Isso resulta em inversão da posse de bola.

— Arremessa a bola, Finley! — grita o treinador.

Na próxima vez em que partimos para o ataque, quando eles me deixam livre, o treinador grita: — Arremessa!

Tento uma cesta de três pontos; a bola bate na parte da frente do aro, e um defensor do Pennsville pega o rebote.

Erro os três arremessos seguintes.

Estamos perdendo de oito a zero.

Isso não está dando certo.

Não consigo acertar uma cesta por nada nesse mundo.

— Continue arremessando! — grita o treinador. — Continue arremessando, Finley!

Depois, tento fazer a bola chegar em Hakim, mas erro outro passe. Com isso, tenho duas inversões de posse de bola e quatro arremessos perdidos em sequência.

Olho para o vovô e para o papai e reparo que os olhos deles parecem pequenos; os rostos estão acanhados, como se estivessem com vergonha por mim.

— Continue arremessando! — grita Erin. — Continue arremessando!

Pennsville me deixa livre, e eu peço um tempo.

Quando corro para fora da quadra, o treinador diz: — Quem disse para você pedir tempo, Finley? *Quem?*

Engulo em seco.

O treinador me olha nos olhos.

Ele vê que estou abalado.

Vê que estou com medo.

— Russ, apresente-se para entrar no lugar do Finley — diz ele, decidido.

Russ não se mexe. O treinador Watts pega Russ pelo cotovelo e o empurra. O

Garoto21 olha para mim, mas desvio o olhar.

Enquanto Russ se apresenta aos oficiais de mesa, aos poucos me torno invisível — todos evitam contato visual, estão envergonhados por mim.

O Garoto21 toma o meu lugar e se junta aos titulares.

— Mesmo plano de jogo — diz o treinador. — Russ... você tenta arremessar agora.

— Treinador — diz Terrell —, ele não sabe fazer isso. Nós já estamos perdendo de oito.

— Você pode se surpreender — responde o treinador.

— Agora sigam com o plano de jogo.

— Finley... — diz o Garoto21.

Todos olham para mim. *Todos.*

— Você quer que eu use meus poderes extraterrestres para ganharmos este jogo?

— O que ele disse? — pergunta Terrell.

— Extra... *o quê?* — diz Sir.

— Hã? — diz Hakim.

— Russ! — grita o treinador. — Agora não!

— Finley — diz o Garoto21, um pouco mais devagar —, você quer que eu use meus poderes extraterrestres para vencermos este jogo de basquete? Você decide.

— Mas de que raios você está falando? — pergunta Terrell. — Temos um jogo para ganhar!

O Garoto21 olha para mim, aflito. Está se comunicando com os olhos. Posso ver que ele, na verdade, não quer fazer o que está prestes a fazer.

Parte de mim quer descobrir se ele é mesmo tão bom assim.

Parte de mim quer apenas derrotar o Pennsville.

Parte de mim sabe que tenho sido egoísta desde o começo, e que devia estar encorajando meu amigo a usar seu talento.

A campainha toca.

O intervalo acabou.

— Finley — diz o Garoto21 —, preciso que você diga que está tudo bem.

— Está tudo bem — respondo, enfim.

De alguma forma, sei que isso significa que não vou voltar para o jogo esta noite.

— Ok, mesmo plano de jogo — repete o treinador.

Vou para a outra ponta do banco, enquanto o restante da equipe volta à quadra.

Eu me sinto envergonhado de estar no banco. É como se eu estivesse nu ou

coisa parecida.

Sei que todos no ginásio estão assistindo ao jogo, mas tenho a impressão de que os olhos estão em mim.

Começo a sentir meu rosto esquentar e a ficar ansioso.

Nunca me vi sentado no banco. Não é assim que as coisas deviam acontecer.

Sir lança a bola de fora para o Garoto21, que está no meio da quadra.

— Treinador! — grita o Garoto21, enquanto quica a bola sozinho, bem atrás da linha de três pontos da NBA.

— Você não vai ficar irritado comigo se eu usar meus poderes extraterrestres?

Meus colegas no banco de reservas estão todos sussurrando.

As pessoas nas arquibancadas estão repetindo as palavras do Garoto21 umas para as outras.

De alguma forma, sei que tudo está prestes a mudar.

O treinador grita: — Russell, apenas jogue como sei que você pode. *Por favor!*

O treinador do Pennsville olha para o nosso banco com uma expressão estranha.

E então acontece.

Sem ninguém para marcá-lo, o Garoto21 para, levanta a bola acima da cabeça e salta, arremessando do meio da quadra.

À medida que a bola descreve um arco pelo ar, o tempo desacelera na minha mente, como em um filme.

Vejo tudo ao mesmo tempo: o espanto dos meus companheiros de equipe, as expressões da torcida e os sorrisos debochados do time adversário.

Russ fez um arremesso saltando do meio da quadra, sem ninguém em cima dele!

As pessoas estão indignadas.

Como pode um garoto totalmente desconhecido que acabou de sair do banco tentar um arremesso em salto do meio da quadra?

Que audácia!

Quem ele pensa que é?

Mas a bola entra — *suish* —, e a torcida vai à loucura.

O rosto do Garoto21 muda.

Seus olhos se estreitam.

Ele comprime os lábios.

Seu corpo se solta.

Ele bate no chão com as palmas das mãos, assume uma posição defensiva e espera o adversário chegar com a bola. Enquanto o armador do Pennsville cruza

meia quadra, o Garoto21 se mantém firme na defesa. Depois, rouba a bola com facilidade.

Ele quica a bola quatro vezes e, em seguida, salta da linha de lance livre, abre as pernas e decola.

Enquanto está no ar, o Garoto21 lembra a famosa silhueta de Michael Jordan.

Todo o ginásio se levanta, de tanta expectativa, e o Garoto21 enterra a bola com uma autoridade impressionante.

Se nosso aro não fosse daqueles que cedem um pouco, a tabela teria se partido em um milhão de pedaços.

Meus colegas do banco estão fora dos lugares, gritando, socando o ar, abraçando-se, enlouquecidos.

Watts tem que puxar alguns deles para fora da quadra para não recebermos falta técnica, e o treinador me lança um olhar que diz: *Agora você entende do que eu estava falando?*

Pennsville pede tempo e o treinador deles grita: — Mas que diabo é isso, Tim? Não pense que não vou checar a ficha dele. Isso é suspeito. *Suspeito!*

— Caramba, Russ! — diz Hakim.

— Você tem mesmo poderes mágicos — diz Wes. — Eu me sinto como se estivesse em Hogwarts.

— Vamos ganhar este jogo — diz Sir.

Terrell me lança um olhar que enuncia: *Você sabia, não é?*

— Tudo bem — fala o treinador. — Vamos nos concentrar no plano de jogo.

Ninguém me diz uma palavra quando nos juntamos para conversar sobre a estratégia, e acabo sumindo no meio de todos eles.

Quando a partida recomeça, o Garoto21 a domina.

Ele faz cestas de três pontos.

Pega rebotes.

Faz ataques rápidos.

Enterra a bola.

Bloqueia arremessos.

Rouba uma bola atrás da outra.

É como se um jogador da NBA tivesse decidido aparecer e jogar na nossa equipe do ensino médio — o Garoto21 é bom nesse nível. Ele é Andre Iguodala jogando contra crianças. Um homem entre garotos. Os adversários caem, como se tivessem quebrado o tornozelo, quando tentam marcar Russ, porque ele é muito rápido. O Garoto21 corre, arremessa, salta e quica a bola melhor do que todos na quadra.

Logo passamos a frente no placar, com facilidade, mas, quando o segundo quarto termina, ainda estou no banco.

Enquanto o treinador e o sr. Watts discutem com os técnicos de Pennsville, que exigem dos juízes que verifiquem se o Garoto21 pode mesmo estar no jogo — como se o treinador tivesse como sacar do bolso um arquivo com a certidão de nascimento do Garoto21 e os papéis que documentem toda a vida dele —, a equipe vai para o vestiário e bombardeia o Garoto21 de perguntas.

Por que você estava fingindo que não sabia jogar?

Como você aprendeu a jogar assim?

O que foi aquilo que você disse antes, sobre ter poderes extraterrestres?

De onde você veio?

Mas o que diabo está acontecendo?

O Garoto21 senta no banco do vestiário ouvindo todas as perguntas com uma expressão muito tranquila.

Se eu não o conhecesse melhor, poderia dizer que parece presunçoso.

Mas eu o conheço.

Ele tem duas opções: contar a todos que seus pais foram assassinados e que passou um tempo em um lar para jovens com estresse pós-traumático ou falar sobre o espaço sideral.

Sei o que ele vai escolher antes mesmo que abra a boca.

— Meu nome é Garoto21 — diz Russ para o time. — Sou um protótipo enviado para este planeta para coletar dados sobre o que vocês, terráqueos, chamam de emoções. Não sou humano, como vocês podem ver claramente quando jogo basquete usando o máximo das minhas habilidades.

Todos ficam de boca aberta.

Silêncio.

Wes estreita os olhos como se esperasse que eu contextualizasse tudo para ele, mas o que eu diria, mesmo que tivesse o costume de falar?

— De que *raios* você está falando, Russ? Ei, pare de brincar — diz Hakim, e então todos riem de nervoso.

— Você não está falando sério, não é? — pergunta Sir, sorrindo, como se o Garoto21 tivesse contado uma piada. — Você está só brincando com a gente, certo, Russ?

O Garoto21 balança a cabeça do jeito que um pai faria diante de um filho pequeno que não entende alguma coisa elementar, algo simples que todos os adultos sabem — como, por exemplo, o porquê de os lagos congelarem no inverno ou de onde vêm os bebês.

— Ele não está brincando — diz Terrell, em tom de seriedade. — Ele acredita nisso. Dá para ver nos olhos dele. Esse cara é *louco*.

O Garoto21 não faz mais que continuar sorrindo de um jeito meio triste.

Antes que alguém diga mais alguma coisa, o treinador entra na sala e começa

a explicar o novo plano de jogo, já que agora o Pennsville vai deixar de lado a defesa triângulo e vai focar mais em Russ.

É difícil para mim ouvir o treinador falar sobre basquete.

Penso nos repórteres e nos fotógrafos de jornais que eu vi de pé na beira da quadra, em todos os colegas de escola e nas pessoas da vizinhança que agora vão concentrar sua atenção no novo deus do basquete da cidade. Não vai demorar muito até que a notícia se espalhe e olheiros universitários comecem a aparecer — talvez até mesmo olheiros da NBA.

Isso tudo pode soar dramático demais da minha parte, mas todo mundo na sala está pensando a mesma coisa, ainda que em níveis diferentes, depois de ver o que o Garoto21 pode fazer.

Nós vamos ganhar o campeonato estadual, e isso é o que mais importa — não o fato de o Garoto21 afirmar que veio do espaço.

Conforme o treinador fala, o sorriso no rosto do Garoto21 fica cada vez mais estranho, mas ele não parece estar de fato prestando atenção no treinador, ou em nenhum de nós — ele está em seu próprio mundinho.

Quando saímos do vestiário e começamos o aquecimento de intervalo, vejo Erin olhando para mim com uma expressão muito preocupada. Não olho para o vovô e o papai. Imagino que o treinador vá me colocar de volta no jogo em algum momento, mas estou começando a me sentir humilhado e patético, sentado no banco, ainda mais levando em conta meu desempenho na temporada anterior e o que fiz para ajudar o Garoto21, a pedido do treinador.

Mas o treinador não me coloca de volta no jogo.

Pennsville se concentra em deter o Garoto21 depois do intervalo. Com isso, Sir, Hakim, Wes e Terrell conseguem marcar vários pontos.

Mantemos uma vantagem de dez pontos o tempo todo. Mesmo assim, o treinador não arrisca colocar ninguém do banco — nem mesmo quando Pennsville pede tempo, faltando apenas um minuto para a partida acabar.

Ao final do jogo, percebo que definitivamente perdi minha posição, e meus olhos começam a arder. Sinto como se eu fosse começar a chorar, por mais tolo que isso possa parecer.

Ter sido rebaixado dói.

Amo o basquete mais do que qualquer outra coisa.

Eu me dediquei mais do que qualquer um na equipe.

Passei todo aquele tempo com o Garoto21, do jeito que o treinador me pediu.

Ainda assim, fico no banco durante um dos jogos mais importantes do ano.

Na hora de apertar as mãos, depois que ganhamos, os poucos repórteres no ginásio correm para o Garoto21, fazendo perguntas sobre quem ele é e de onde veio.

— Podem me chamar de Garoto21 — diz, e em seguida aponta para o teto. — Venho do espaço.

O treinador está discutindo com o técnico de Pennsville, que grita: — O garoto não pode ter caído do céu! Por que ninguém sabia sobre ele, já que faz mesmo parte da sua equipe? O que você queria esconder? Estou contestando este jogo! Tem coisa aí!

Alunos e pais desceram correndo para a quadra, e meus colegas de time estão comemorando como se já tivéssemos ganhado o campeonato estadual.

O Garoto21 fala sobre o cosmos para um pequeno grupo de jornalistas confusos.

Meus companheiros estão trocando cumprimentos, gritando provocações, fazendo raps e até dançando. Pais e alunos estão na quadra. De repente, há um grupo grande de pessoas delirantemente felizes, como se fosse o Ano-Novo ou algo parecido. Eu devia estar comemorando também, mas não consigo.

Sinto que corro o risco de surtar.

Não deveria sair dali, mas fujo de fininho pela porta de trás e começo a correr, dando voltas na decadente pista de corrida.

Está frio do lado de fora, principalmente porque só estou com o uniforme de basquete. De repente, eu me vejo correndo a toda velocidade, embora não saiba bem por quê.

Agora que o Garoto21 emergiu como o melhor jogador do universo nunca mais vou conseguir ser o armador titular do time, e eu me esforcei tanto. Não consigo nem pensar em encarar meu avô e meu pai, e ter que dizer a eles que fiz o meu melhor, mas não conseguiu me destacar. Também sei que as coisas entre mim e o Garoto21 vão mudar. Como posso ser amigo dele, se o que mais quero é recuperar a posição de armador? Não é justo.

E então corro ainda mais rápido, tentando parar de pensar, desligar a mente, fazer as endorfinas fluírem, o coração bater acelerado, e descarregar o que não pude enquanto estava sentado no banco.

— Finley, espera! — Erin corre para me alcançar. — Você precisa voltar lá para dentro ou o treinador vai suspender você por ter saído antes da conversa com a equipe.

— Não posso falar com você — digo. — É temporada de basquete. Nós terminamos.

— Volte logo, antes que o treinador perceba que você saiu.

— Você viu como ele é bom?

— Vi.

— Então por que eu deveria voltar?

— Porque você se dedicou muito. *Nós* nos dedicamos muito. *Você me deve*

isso. O treinador colocou o Garoto21 no seu lugar porque você parou de arremessar, não porque ele é melhor. Se você tivesse continuado a arremessar no primeiro quarto, como o treinador havia pedido, ele teria colocado você de volta no jogo. Mas você não seguiu o plano de jogo, Finley. Ele está disciplinando você. E agora você está agindo como um bebê, correndo aqui fora sozinho, numa noite escura e congelante como essa.

Erin diz tudo isso enquanto corre ao meu lado. Por alguma razão, suas palavras me fazem acelerar o ritmo, até ela parar de correr.

Corro uma volta sem ela.

Erin está certa.

Eu *estava* sendo disciplinado, mereci isso.

E *estou* agindo feito um bebê.

A corrida me relaxa.

Quero dizer a Erin que ela estava incrível no jogo hoje, mas ainda estou chateado, então, ao me aproximar dela, aceno uma vez a cabeça, enquanto minha respiração ofegante sopra pequenas nuvens prateadas na noite fria.

Erin está tremendo de frio, mas luto contra a vontade de abraçá-la e aquecê-la.

— Leva logo esse traseiro lá para dentro! — Erin sorri para mim de um jeito meio engraçado. — Depressa!

Quero tocá-la. Uma noite no telhado com ela seria algo fantástico agora. Meus dedos das mãos e dos pés começam a formigar. Fico feliz quando ela me livra da tentação, ao levantar a mão para me cumprimentar. Dou um tapa leve em sua mão, e depois corro de volta para dentro. A equipe está finalmente indo para o vestiário.

Mais uma vez, o Garoto21 se senta com um olhar que poderia ser mal interpretado como bastante presunçoso, mas agora ninguém faz nenhuma pergunta.

Quando o treinador chega, ele começa a falar, como sempre, sobre o que deu certo no jogo e sobre o que precisamos melhorar. Ele não diz uma palavra sequer sobre o Garoto21.

O treinador fala um pouco mais sobre as coisas em que iremos focar no treino do dia seguinte e, então, diz que está orgulhoso pela maneira como jogamos em equipe. Isso soa um pouco irônico, porque eu só joguei durante cerca de um minuto, e os outros doze reservas, que *não* acham que vieram do espaço, nem entraram no jogo.

Quando a conversa acaba, estendemos a mão no meio do grupo e gritamos: — Time!

À medida que vamos nos dispersando, o treinador Watts fica entre o

Garoto21 e o restante da equipe, dando a impressão de que não quer que ninguém fale com o Russ.

O treinador Wilkins me pede para conversar com ele em sua sala.

— Russ é o novo armador, por isso, se você quiser jogar, é melhor arremessar a bola quando estiver livre.

Entendido? — diz ele, ao fechar a porta.

— Sim, senhor.

— Você não seguiu o plano de jogo, Finley. Tive que colocá-lo no banco. Eu teria feito a mesma coisa com qualquer outro jogador.

Acredito nisso.

— Você tem alguma coisa a dizer?

Penso um pouco e, então, respondo: — Acho que ele está fingindo.

— O quê?

— Russ. Ele só fala sobre o espaço para manter as pessoas distantes dele.

— Eu sei.

— Ele não quer jogar basquete.

— Se ele não quisesse jogar, acho que não teria dado esse show de hoje — diz o treinador.

— Tenho um mau pressentimento sobre isso, treinador.

— Nós estamos fazendo o melhor possível, Finley.

Não podemos mudar o que aconteceu com os pais dele, mas podemos dar a ele uma oportunidade de fazer aquilo em que é bom. Ele precisa jogar basquete, assim como você. Confie em mim.

O treinador precisa acreditar que está fazendo a coisa certa, porque não sabe mais o que fazer. Certa vez ouvi alguém dizer que, para quem está com um martelo na mão, tudo parece um prego. Quando ouvi a expressão pela primeira vez, pensei que era apenas um clichê piegas, mas acho que, na verdade, isso se aplica ao treinador agora, o que me deixa meio triste.

Quero jogar basquete e ganhar o campeonato estadual.

Quero ser o armador titular.

Também sinto que deveria ajudar o Garoto21, mas não tenho certeza se o treinador está certo quanto ao fato de ser importante para o Russ jogar basquete.

Mas não sou o técnico, por isso digo: — De agora em diante, vou arremessar a bola sempre que me pedirem.

— Bom — diz ele. — Vejo você amanhã no treino.



MEU PAI SAIU ASSIM QUE o jogo terminou, porque não podia chegar atrasado no trabalho.

Como quero ficar sozinho, digo ao vovô que vou sair para comer umas asinhas picantes de frango com o time.

Os pais da Erin levam o velho para casa, e eu caminho pelas ruas cinzentas, sujas e cheias de lixo de Bellmont.

Atiraram pedras em quase todas as lâmpadas dos postes, por isso as ruas estão escuras.

Faz muito frio do lado de fora e eu ainda estou de short, com um casaco de inverno por cima. Enquanto ando, fico surpreso porque não penso no jogo ou no fato de ter perdido minha posição.

Estou pensando no Garoto21, e em como ele deve estar sofrendo.

As pessoas não saem por aí dizendo que são do espaço sideral por nada.

Um carro tocando música no volume máximo se aproxima por trás. Viro a cabeça, mas só vejo dois faróis brilhantes. Por algum motivo, sei que o carro vai parar, e é exatamente o que acontece quando ele chega mais perto. A música para, e eu ouço: — Ei, Coelho Branco, entra aí.

É a voz do Terrell.

Vou até a janela do lado do passageiro. Ele está com o irmão, Mike. Os dois usam correntes de ouro e brincos de diamante enormes.

— Não fique aí parado olhando para a gente — grita Mike do banco do motorista. — Traga esse seu traseiro branco aqui para dentro antes que ele congele nesse short de basquete. Seus joelhos parecem bolas de neve!

Abro a porta de trás e entro, mas Mike não dá a partida.

— Você estava por dentro dessa bosta de história de espaço sideral, não é? — pergunta Terrell.

Não vejo por que mentir, então confirmo.

Terrell se vira e fica de frente para mim, mas Mike me olha pelo espelho retrovisor, por trás dos óculos escuros.

Já passa das dez da noite, e ele está de óculos de sol.

Sinto um cheiro adocicado no ar e, então, noto que Mike está fumando um baseado. Quero sair do carro, mas sei que não devo.

— Que tipo de maluco ele é? — pergunta Terrell.

— Não sei.

— Maluco do tipo que iria para a escola com uma arma para atirar nas pessoas ou maluco que só diz coisas engraçadas sobre o espaço? — insiste Terrell.

— O segundo tipo, acho — respondo.

— Então ele é só gogó?

— Não sei mesmo.

— O treinador pediu para você dar uma força pra ele, certo? — diz Mike.

— Foi.

— Aí você ficou amigo dele, mesmo sabendo que ele ia acabar roubando seu lugar no time? — pergunta Mike.

— Isso.

— Esse é o Coelho Branco — diz Terrell.

— Você é uma boa pessoa — fala Mike, e dá uma tragada em seu baseado. — Gosto de você, Coelho Branco. Você tem o que os mais velhos chamam de *caráter*.

— Russ é completamente pirado, mas ele torna nossa equipe melhor — diz Terrell.

— Vou levar você para casa — diz Mike. — Você é maneiro.

Não quero ir de carona com Mike porque ele está doidão, mas não há nada que eu possa fazer, então fico ali calado, no banco de trás. Quando um dos traficantes mais temidos do bairro quer levar a gente para casa, é melhor deixar. Sei que ele está armado. Provavelmente há várias armas no carro, e sabe-se lá o que tem no porta-malas.

Paramos em frente à minha casa, e, quando estou saindo, Mike pergunta: — Você precisa de algum papel, Coelho Branco?

— Dinheiro — completa Terrell, quando percebe que eu não respondo.

Balanço a cabeça negativamente.

— Avisa pra gente se sua família algum dia precisar de papel — diz Mike. — Sempre tem trabalho. A gente gosta de dar emprego para pessoas com caráter.

Faço que sim com a cabeça, mesmo que eu nunca vá querer ser um traficante de drogas, e então me afasto o mais rápido que posso.

Quando Mike e Terrell vão embora, entro em casa e encontro meu avô bebendo uma cerveja.

Meu pai já está no trabalho; portanto, somos só vovô e eu em casa hoje.

— Está se sentindo péssimo, não é?

— Sim — respondo.

— Bem, não deveria. Seu pai está sempre falando que você pode superar o talento, mas tenho uma coisa para dizer para você, Finley. Você poderia se esforçar o máximo dentro do humanamente possível pelo resto da sua vida e nunca seria tão bom quanto o que vimos hoje.

— Ele toma um gole de sua garrafa e diz: — Estou a fim de tomar um banho. Tudo bem?

Balanço a cabeça, concordando, e empurro o vovô para o banheiro, tiro as roupas do velho e o coloco na banheira.

Ele lava o cabelo enquanto seguro a ducha, e então fico observando a espuma correr por seu pescoço e pelo rosário verde da vovó que ele está usando. O vovô não o tira nem para tomar banho. Quando termina, ele pede para desligar a água e diz: — O treinador vai colocar você nos jogos. Não se preocupe. Vai dar certo.

Eu me pergunto o que o Garoto21 deve estar pensando agora. Será que ele gostou de jogar hoje? Será que isso fez com que se sentisse melhor? O basquete o ajuda da mesma maneira que faz comigo? E, se ajuda, ele precisa mais da posição de titular do que eu?

— Adoro ver você jogar, Finley. É a melhor parte dos meus dias ultimamente. Tenho até a sensação de que ainda tenho pernas. Mas a vida é mais do que jogos. Este Russ, ele é especial. Qualquer um pode ver isso. E é difícil ser especial, Finley. Você entende o que estou dizendo?

Não entendo o que o vovô está dizendo, mas, de qualquer maneira, concordo com ele.

— Você também é especial, Finley. Nem sempre é possível escolher o papel que vamos desempenhar na vida, mas, independentemente do que se faça, que seja da melhor forma possível. E sei que sou um maldito hipócrita por dizer essas coisas hoje, mas isso não significa que o que eu falei é mentira. Nossas vidas têm sido duras. Nada tem sido fácil para nenhum de nós.

Não consigo pensar em algo para dizer, ainda mais porque não sou nem um pouco especial, então tiro o vovô da banheira e o levo para a cama.

Fico acordado a noite toda pensando no que aconteceu e no que isso tudo significa.



28

NO DIA SEGUINTE, ASSIM QUE seu avô vai embora, o Garoto21 enfia a mão na bolsa-carteiro, pega uma túnica marrom feita de toalhas de banho presas com alfinetes e passa a cabeça e os braços pelos buracos.

Na parte da frente da túnica, ele escreveu a palavra ESPAÇO com recortes de tecido vermelho, que parecem um dia ter sido de uma camisa.

Ele então amarra uma capa dourada e brilhante no pescoço. A capa parece ter sido cara, porque tem um fecho prateado e o material é muito mais pesado do que os que em geral são usados em fantasias baratas de Halloween.

Fico olhando quando o Garoto21 coloca um capacete de moto que pintou com tinta prateada. Tem uma águia dourada colada no alto do capacete — o tipo de águia que se pode ver no topo de um mastro de bandeira em uma sala de aula.

Não entendo por que ele escondeu a túnica e a capa, já que seu avô deve ter visto o capacete, mas não pergunto, é claro.

— Russ Washington nunca mais — diz ele. — Agora, aonde eu for, serei sempre o Garoto21. Meu tempo na Terra está chegando ao fim. Não tenho mais por que mentir. Além do mais, todos já viram meus poderes extraterrestres.

Olho para ele como quem diz: *Você tem certeza disso?*

Ele ignora meu olhar e fala: — Depois do treino, quero que ouça um CD especial que explicará tudo. Vou chamar Wes também. Você vai ouvir comigo o CD de recrutamento?

Faço que sim.

Que tipo de CD poderia explicar tudo?

Gostaria de saber. Mas também noto que o Garoto21 está piorando... *ou será que não?*

Vários alunos nos cercam quando estamos chegando à escola. Perguntam por que o Garoto21 está usando aquela roupa, de qual lugar do espaço ele veio e quantos pontos fará no próximo jogo.

As garotas mais bonitas sorriem, chamando por ele: "*Ei,* Garoto21." Elas jogam beijos e até acariciam o capacete prateado de um jeito sexy.

Quase não dá para acreditar, ainda mais se você não tem ideia de como o basquete é popular em Bellmont.

Cada vez mais pessoas se aglomeram em torno de nós, mas o Garoto21 continua seguindo em frente, com um sorriso bastante misterioso no rosto.

Quem diria que agir como um completo maluco tornaria alguém tão popular?

Ou será que é só porque ele é um jogador de basquete sensacional?

Conforme as pessoas vão nos cercando e fazendo perguntas, começo a me sentir invisível, porque ninguém nem repara em mim, mesmo sendo óbvio para todos que o Garoto21 e eu somos muito próximos. Na verdade, nunca falaram muito comigo antes, mas, agora que o Garoto21 apareceu, me dou conta de que talvez ele tenha algo que eu não tenho. Não só na habilidade no basquete, mas também nesse jeito de astro, sem trocadilho.

Quando finalmente chegamos aos degraus da entrada da escola, ele para e diz: — Vou marcar muitos pontos no próximo jogo... com certeza mais de quarenta. Venho de um lugar que vocês nem sabem que existe. Voltarei para o espaço em breve.

Qualquer outra coisa que queiram saber sobre mim, terão que perguntar ao meu guia turístico terráqueo aqui em

Bellmont, Finley, que também será meu documentarista.

A maioria dos alunos à nossa volta ri, como se o Garoto21 estivesse brincando, mas vejo Erin mordendo os lábios, a umas vinte pessoas de distância, no meio da multidão.

— Finley — pede o Garoto21 —, por favor, diga ao povo tudo o que precisam saber sobre mim.

As pessoas estão me encarando agora, mas, é claro, eu não falo nada — de fato, não sou muito de falar, mas também o que eu diria, mesmo se fosse um tagarela?

— Não é justo!

— O Coelho Branco nunca diz *nada*!

— Como você joga basquete desse jeito?

— Queremos saber o que você acha que está fazendo!

— Qual é a dessa roupa de *astronauta*? Você entrou para o Black Eyed Peas?

— Quem *é* você?

— Sou o Garoto21, do cosmos! — diz Russ, e vira tão rápido que sua capa dourada voa no ar.

Entro no prédio logo atrás dele.

As perguntas continuam o dia todo.

O Garoto21 não faz mais que sorrir e repetir que veio do cosmos para aprender sobre as emoções.

Quanto menos ele diz aos nossos colegas, quanto menos revela sobre si, mais popular parece ficar. Todo mundo quer saber seu segredo. É daí que vem seu poder — do fato de ele ter um segredo, um mistério a ser desvendado.

Os jornais locais não publicam nada sobre o Garoto21, a não ser sobre os pontos que ele marcou no jogo, as assistências e os rebotes que fez. É provável que os editores tenham ficado com medo de divulgar o que Russ disse, mas me pergunto quanto tempo levará até que a história real venha à tona e ele tenha que enfrentar a verdade sobre seu passado.

Nossos professores não questionam sua fantasia, o que me leva a crer que foram instruídos a não fazer isso, porque ele está completamente ridículo — como uma pessoa louca vestida para o Halloween, um desfile de fantasias ou algo ainda mais insano.

Eu me preocupo com o almoço, quando vamos encontrar o restante do time, sem a supervisão atenta dos professores. No entanto, somos chamados para a sala de orientação e separados pouco antes da hora de comer.

O Garoto21 é instruído a ir até a sala da sra. Joyce, e eu, para a do sr. Gore.

O cabelo do sr. Gore está ainda mais brilhante hoje.

— Eu tinha pedido comida — diz ele, enquanto me sento em frente à sua mesa. — Pode comer.

Olho para o sanduíche de peru.

Pão branco.

Molho de carne amarelado.

Parece bom.

Estou com fome, então como.

— Já descobriu por que o treinador escolheu você para ajudar o Russ? — pergunta o sr. Gore.

Balanço a cabeça e faço que não.

O sr. Gore abre um largo sorriso — largo demais, como se cada um de seus dentes estivesse me chamando de mentiroso.

Ele junta as pontas dos dedos e faz um movimento, como se uma aranha estivesse fazendo flexões em um espelho.

— Me diga uma coisa, Finley.

O sr. Gore me encara com firmeza, até eu abaixar o rosto em direção à

comida.

— Como seu avô perdeu as pernas?

Odeio quando o sr. Gore me faz perguntas irrelevantes, ainda mais esta.

Sinto meu rosto arder, como sempre acontece quando estou na sala dele. Odeio essa sensação que me dá toda vez que sou forçado a ouvir essas perguntas estúpidas e sem sentido.

— Você não acha meio estranho... não saber a resposta para essa pergunta? Nunca pensou em questionar seu avô sobre como ele perdeu as pernas?

Durante todos esses anos, nunca passou pela sua cabeça perguntar?

Meus punhos estão cerrados. Ele quer me fazer falar e por isso está tentando me deixar chateado. Não gosto disso.

— O que aconteceu com a sua mãe?

Começo a ficar realmente irritado com essa linha de questionamento, ainda mais quando na sala ao lado há um aluno que diz ter vindo do espaço.

Qual é a razão dessas perguntas?

Estou suando agora.

Não perca a cabeça, digo a mim mesmo. *Faça algo produtivo para tirar sua mente do que está acontecendo.*

Procuro me concentrar no sanduíche de peru. Dou grandes mordidas e desfruto da sensação de engoli-las.

Meu estômago começa a se sentir cheio. Saboreio o gosto da carne, do molho e do pão úmido.

— Finley? — diz o sr. Gore. — Você está me ouvindo?

Afirmo que sim com a cabeça, sem fazer contato visual.

— Então o que acha que devemos fazer em relação ao Russ? — pergunta ele.

— Não sei.

Como eu deveria saber?

— Como *você* está?

— Bem.

— Está chateado por perder a posição de titular?

Dou de ombros.

— Não tem problema em ficar chateado.

Como depressa o purê de batatas e bebo o leite.

Quero sair logo dali.

— Você quer saber como o sr. e a sra. Allen foram assassinados? — pergunta ele.

— Não — respondo, surpreso.

Não quero saber.

Por que diabo eu iria querer saber disso?

— Posso sair?

— Não tem problema em ficar chateado, Finley. É muita coisa para você processar. É mais do que aquilo com que a maioria dos jovens poderia lidar. Só quero que saiba que estou aqui para ouvi-lo, se você algum dia quiser falar sobre o Russell... ou sobre você mesmo.

Estou ao seu dispor. Sou alguém com quem pode desabafar.

— Obrigado — digo, já andando em direção à porta.

Quando estou quase saindo, o sr. Gore praticamente grita: — Você poderia ajudar o Russell, se contasse para ele sobre sua mãe.

Não quero pensar sobre o que ele quer dizer com isso.

Apenas saio da sala e sento num banco no corredor em frente às salas do Departamento de Orientação Escolar.

Cerro os punhos e, em seguida, estico os dedos o máximo que posso.

Repito isso várias e várias vezes, até me acalmar um pouco.

O Garoto21 sai alguns minutos depois, mas não me diz nada.

Parece tranquilo.

Ainda está vestindo a túnica marrom, a capa dourada e o capacete prateado.

Vou atrás dele pelo corredor até nossos armários. O inspetor vem nos perturbar, mas, como o Garoto21 se lembrou de pedir uma permissão assinada, não temos problemas.

Trocamos os livros da manhã pelos da tarde. De repente, ele diz: — Eles não querem que eu use minhas roupas do espaço. Dizem que isso perturba a rotina da escola. Você concorda?

— Não.

Minha resposta me surpreende e faz o Garoto21 sorrir.

Não gostei da minha conversa com o sr. Gore, e isso me deixa inclinado a discordar de qualquer coisa que os orientadores falem.

— Talvez eu consiga pedir aos meus pais que mandem uma capa espacial para você, Finley. Você iria gostar?

— Muito — respondo, e abro um sorriso.

Quando as aulas terminam, vamos ao treino.

O Garoto21 tira seu traje espacial e coloca o uniforme de basquete, voltando a parecer terráqueo, não um extraterrestre.

Como ninguém do time comenta nada sobre o que Russ disse na noite anterior, calculo que o treinador tenha instruído os outros a ficarem calados.

O Garoto21 convida Wes para ouvir o CD com a gente depois do treino. Diz que é um pouco como N.E.R.D., porque está ligado ao espaço. Wes concorda, embora mude logo de assunto: — Preciso treinar meu lances livres.

Então fazemos alguns lances livres até o treinador aparecer e dizer o que

temos que fazer.

Fico no time reserva, e esse rebaixamento dói um pouco, mas procuro encarar o desafio de jogar contra nossos melhores jogadores e consigo esquecer por um tempo os problemas, em meio ao suor, às dores musculares e à repetição dos exercícios.

— Você está bem hoje, Finley — comenta o treinador mais de uma vez, o que faz eu me sentir um pouco melhor.

Depois de pegarmos nossas coisas no vestiário, o Garoto21, Wes e eu entramos no Cadillac do sr. Allen.

— Quer que eu deixe seus colegas em casa? — pergunta o sr. Allen.

— Eles vão até lá em casa ouvir um CD importante.

— Vão?

O sr. Allen nos olha pelo retrovisor. Olhos castanhos.

Sobrancelhas grisalhas.

— Que CD?

— É uma coisa para a escola — mente o Garoto21.

— Tem a ver com ciências.

— Está bem.

Quando chegamos à casa dos Allen, a avó dele insiste para que a gente tome banho e, depois, sente para jantar.

— Eu não sabia que vocês viriam, mas damos um jeito — diz ela.

Tomamos um banho rápido e depois jantamos salada de frango.

Como Wes é muito educado, ele conduz a conversa quando os Allen nos perguntam sobre o basquete e a escola.

— Estamos lendo *Le Petit Prince* na aula de francês — diz ele. — Aliás, acho que você vai gostar desse, Russ, porque é sobre um menino de outro planeta.

— Eu gostaria de ler.

A sra. Allen olha de cara feia para Wes. Acho que ela não quer que incentivemos essa fixação pelo espaço.

— O basquete está indo bem? — pergunta o sr. Allen.

— Tudo ótimo — diz Wes. — Temos um bom time este ano. O treinador acha que podemos avançar bem na pós-temporada.

— É mesmo? — pergunta o sr. Allen. — Alguma nova defesa? Alguma tática defensiva mais fechada que talvez cubra uma área maior da quadra?

Wes conta ao sr. Allen tudo sobre nossas estratégias — tanto as que já executamos quanto as que ainda não tivemos chance de experimentar. Eles conversam sobre basquete por um bom tempo, enquanto ficamos ouvindo.

Com Wes por perto, sinto que posso ser eu mesmo e ficar calado. Os Allen

nunca me fazem uma pergunta direta, e Wes gosta de falar, por isso é um jantar fácil.

Algumas vezes, pego o sr. e a sra. Allen olhando para a túnica e a capa espaciais do Russ. Vejo tristeza no olhar deles. O Garoto21 não usa o capacete para jantar.

— Agora vamos para o meu quarto ouvir o CD para a aula — fala o Garoto21, assim que acabamos de comer.

— Tudo bem — diz a sra. Allen. — Estudem bastante.

— A comida estava ótima, senhora — agradece Wes.

Balanço a cabeça, concordando.

Subimos atrás do Garoto21 para o quarto dele, onde as paredes e o teto agora estão completamente cobertos por estrelas que brilham no escuro e que parecem pulsar energia. É um pouco estranho e desorientador, mas ao mesmo tempo bonito, de uma forma excêntrica.

— Sentem na cama — diz o Garoto21, ao fechar a porta do quarto.

Sentamos, e então Russ começa a andar de um lado para outro.

— Vamos ouvir o CD? — pergunta Wes.

— Vocês podem guardar um segredo?

— Claro — responde Wes.

— Você sabe que sim — digo.

— Eu costumava fazer isso com meu pai — conta o Garoto21, e continua andando. — Nunca contei para ninguém.

— Nunca contou o quê? — pergunta Wes, e então olha para mim ligeiramente tenso.

Isso me faz pensar que Wes talvez já saiba, de alguma forma, que os pais de Russ foram assassinados.

— Lá na minha casa, na Califórnia, ele costumava me levar de carro para onde não houvesse casas ou luzes, para podermos ver várias estrelas. Costumávamos ir até um lugar na costa. Um pequeno penhasco que dava para o oceano Pacífico. Parávamos o carro e caminhávamos pela beirada até não podermos mais ver a estrada... para que os faróis dos carros não quebrassem o clima.

O Garoto21 diminui um pouco o ritmo de suas passadas pelo quarto.

— Estendíamos um cobertor para nos deitar, colocávamos o aparelho de CD entre nossas cabeças e, enquanto olhávamos as estrelas, meu pai colocava essa música para tocar.

Ele nos mostra um CD.

Na frente, a imagem de um homem negro usando um traje espacial maluco, parecido com uma roupa de faraó, e uma longa capa. Atrás dele, estrelas e algo

que parece ser Saturno — o planeta com o anel em volta.

— O nome desse álbum é *Space Is the Place*. Uma das músicas é a trilha sonora de um filme que meu pai diz que é muito ruim, embora eu nunca tenha visto. É do músico de jazz Sun Ra. Ele dizia que sua música podia transportar as pessoas para o espaço. Pensei em ouvirmos o CD juntos, fingindo que estamos olhando as estrelas, para vermos o que acontece. Assim como meu pai e eu fazíamos.

Wes olha para mim de um jeito engraçado. Dou de ombros para mostrar que por mim tudo bem.

Por que não?

Afinal, isso pode ajudar a explicar por que Russ precisa ser o Garoto21.

Além disso, estou realmente curioso para descobrir como é esse tipo de música.

— Está bem — diz Wes, embora ainda pareça hesitante.

O Garoto21 sorri e para de andar de um lado para outro.

— Você vai adorar isso. *Space Is the Place!* Ok, podem deitar no chão. Fiquem confortáveis. Olhem para as estrelas. E não falem até o CD acabar. Essa é a única regra. Vocês saberão que a experiência acabou quando eu acender a luz.

Wes me lança outro olhar duvidoso, mas como já estou me deitando no chão, ele faz o mesmo.

O Garoto21 puxa as cortinas e apaga as luzes, para que as estrelas emitam aquele brilho verde estranho, coloca o CD para tocar e deita entre nós dois.

O CD começa com alguns ruídos espaciais estranhos e a voz de uma mulher entoando as frases: "*O mundo já acabou. Você ainda não sabia?*"

Logo depois, ouvimos ruídos pulsantes muito estranhos e ecos agudos que parecem uma trombeta sendo torturada até a morte.

Mas, quando olho para as constelações verdes, tenho a sensação de que estou mesmo no espaço. Isso é estranho: de que forma eu saberia como é estar no espaço?

No restante do CD, ouvimos longas sessões de percussão africana.

O som parece o de um piano caindo de uma escada.

Ouvimos Sun Ra pregando sobre o "destino alternativo", "o mito vivo" e a necessidade de energizar sua nave espacial com música — tudo isso em meio a barulhos estranhos, que parecem mais um computador com defeito do que jazz.

Durante algum tempo, uma mulher canta muito bem, fala de "um grande amanhã", e nos encoraja a "nos alistarmos na Outer Space Ways Incorporated" se "acharmos a Terra chata".

Depois toca uma canção que fala sobre o fato de o faraó estar no trono no

momento em que o homem negro governava a Terra, e me pergunto o que isso tem a ver com o espaço, mas, de certa forma, percebo que o álbum todo é sobre a cultura negra e sobre como ela pode prosperar mais facilmente no cosmos.

Essa música não tem nada a ver com a do N.E.R.D., mas é muito interessante. Enquanto estou ouvindo e contemplando o espaço de mentira do Garoto21, sinto como se estivesse em transe, ou algo assim, e me imagino de fato viajando através de galáxias distantes, o que é bem legal.

Nunca usei drogas, mas me pergunto se tomar ácido deve ser parecido com ouvir *Space Is the Place* no escuro, olhando para constelações de adesivos que brilham.

A última canção é a faixa que dá nome ao álbum. Ela é alegre e faz eu me sentir como se realmente quisesse ir para o espaço, onde "não há limites para as coisas que você pode fazer".

Depois de ouvir o CD inteiro, fica fácil entender de onde o Garoto21 tira suas fantasias e filosofias estranhas.

Wes e eu não fazemos nenhum barulho durante toda a experiência. Assim que acaba, o Garoto21 acende as luzes.

Wes e eu nos sentamos e piscamos.

— Isso foi diferente — diz Wes, enquanto faz uma careta, como se na verdade estivesse falando: *Mas que diabo foi isso?*

— O que vocês acharam? — pergunta o Garoto21.

— Sobre o quê? — diz Wes.

— O espaço sideral. Você quer vir comigo?

Wes ergue as sobrancelhas.

— Aonde exatamente você acha que está indo?

— Saturno. Depois, além — diz o Garoto21. — O homem negro e o cosmos! É lá que meus pais estão agora.

— Finley também vai? Ou o espaço é só para os negros? — pergunta Wes.

Noto o sarcasmo na voz dele.

— Finley tem uma presença tranquilizadora — diz o Garoto21. — Abriremos uma exceção. Ele será nosso representante dos viajantes espaciais brancos.

Sorrio. Tudo isso é muito louco. Russ pode estar brincando, fingindo, provocando a gente. Mas Wes parece desconfortável.

— Ok — diz Wes. — Vamos para o espaço com você.

Quando partimos?

— Mais cedo do que você pensa.

— Certo. Entendido. Agora Finley e eu precisamos ir embora. Temos que fazer o dever de casa e tudo o mais.

Vemos você amanhã de manhã?

— Está bem. Estou tão feliz por vocês irem comigo!

Podemos ouvir Sun Ra mais vezes para nos acostumarmos com o espaço sideral. Em breve, vamos praticar de novo como é estar no cosmos.

Quero conversar com Russ sobre a música e por que ele e o pai costumavam ouvi-la no penhasco, sob as estrelas, mas, como Wes já saiu do quarto e como vou voltar de carona com ele, deixo para perguntar a Russ no dia seguinte, quando estivermos sozinhos. De qualquer maneira, é sempre mais fácil falar quando estou a sós com ele.

Lá embaixo, nos despedimos do sr. e da sra. Allen.

— Quer uma carona para casa? — pergunta o sr. Allen.

— Moro logo ali, dobrando a esquina — diz Wes. — Meu pai vai levar o Finley em casa.

Um quarteirão depois da casa dos Allen, Wes diz: — Acho que é grave. Aquela música é coisa de doido.

Não acredito que fiquei aquele tempo todo, ouvindo aquilo deitado no chão. Ou ele é pirado ou está brincando com a gente.

Fico surpreso por Wes não ter achado a experiência interessante.

— Vai ver ele só está fazendo o que precisa para conseguir passar o dia — falo.

— O que quer dizer?

Não chego a responder, porque ouço alguém gritando meu nome. Eu me viro e vejo que o Garoto21 está correndo na nossa direção, com a capa esvoaçando.

— Finley! Finley! Espere!

Wes e eu nos olhamos; ele está tão preocupado quanto eu. Quando o Garoto21 nos alcança, apoia o braço no meu ombro e respira ofegante por alguns segundos.

— O que está acontecendo? — pergunta Wes.

— Meu avô está vindo nos buscar.

Vejo os faróis do Cadillac do sr. Allen vindo na nossa direção.

— Mas eu disse que não precisamos de carona — fala Wes.

— O treinador acabou de ligar — diz Russ, ainda ofegante. — Houve um acidente.

— O que aconteceu? — pergunta Wes. — Diz logo.

Russ ignora Wes, coloca a outra mão no meu ombro e fita meus olhos. Reconheço, nesse momento, o Russ que vi no meu telhado, no dia do seu aniversário, falando do pai — o verdadeiro Russ. Não o Garoto21.

— É a Erin — diz Russ. — Ela está no hospital. Foi atropelada por um carro.

— O quê? — indaga Wes. — Como?

— Não sei — diz Russ.

Tenho de novo a sensação de alguém estar apertando a minha garganta com o dedo; não consigo respirar.

O sr. Allen para, abaixa a janela e diz: — Vamos lá! Entrem!

Passo agora pelas piores ruas de Bellmont, vendo meu reflexo pálido e confuso na janela — meu rosto sobreposto ao nosso bairro horrível.

Respire.

Tente respirar, digo a mim mesmo.

Mas fica cada vez mais difícil.

— O que aconteceu? — finalmente consigo dizer. — Ela está bem?

Mas ninguém responde, nem mesmo o sr. Allen. Isso é um mau sinal.

Um péssimo sinal.

ERIN



“Se você tem as palavras, sempre há uma chance de encontrar o caminho.”

Seamus Heaney



29

O SR. ALLEN ME DEIXA perto do setor de emergência com Russ e Wes e vai estacionar o carro. As portas automáticas se fecham atrás de nós, e corro para vomitar na lixeira da sala de espera.

Sinto como se estivessem me virando do avesso.

Quando levanto a cabeça em busca de ar, metade da sala está olhando para mim. Há cerca de vinte pessoas cansadas e doentes, sentadas nas cadeiras, além de um mendigo andando de um lado para outro, na outra ponta da sala, gritando:
— Quando eu conseguir ajuda, vou ficar agradecido!

Quando eu conseguir ajuda, vou ficar agradecido!

A outra metade das pessoas está assistindo a um programa sobre tubarões na TV pendurada no canto.

Olho bem no momento em que as enormes mandíbulas de um grande tubarão-branco se fecham sobre um leão-marinho.

Russ põe a mão nas minhas costas.

— Você está bem?

Vomito outra vez e só depois disso é que me levanto para olhar para os meus dois colegas de time.

Eu não sei como estou me sentindo.

— Ouça — diz Wes —, você vai ter que mentir e dizer que é da família, ou não vão deixá-lo entrar. Sei disso porque, quando minha irmã teve bebê, os amigos dela tentaram visitá-la, mas o hospital só permitiu que os parentes mais próximos entrassem. Então diga a eles que você é o Rod. Provavelmente não vão deixar Russ e eu entrarmos, portanto você tem que se recompor.

Ele também está com a mão nas minhas costas.

— Você precisa ser forte, pela Erin. Seja homem. Ok?

Faço que sim, porque sei que é necessário, mas tenho a impressão de que vou vomitar de novo.

No balcão de informações, Wes diz à mulher que sou irmão da Erin. Assim como havia previsto, ele e Russ são obrigados a ficar na sala de espera, enquanto sou levado até o centro de trauma — como é chamado pela recepcionista.

Fico parado à porta por alguns segundos antes de entrar no quarto dela.

É como um pesadelo.

A perna esquerda está imobilizada, e há um colar cervical de plástico mantendo seu queixo em uma posição bem rígida.

O braço direito está todo enfaixado.

Há ataduras avermelhadas — de sangue — em seu rosto.

Todo o entorno dos olhos está roxo e preto.

A face está inchada e brilhando; parece que alguém passou vaselina nas maçãs do rosto dela.

A sra. Quinn está sentada ao lado da cama, que tem rodas, então talvez não seja uma cama. Não sei.

Elas estão de mãos dadas.

Erin está gemendo, com o rosto molhado de lágrimas.

— Vou deixá-la a sós com sua família — diz a enfermeira.

Fico paralisado por um longo tempo, apenas observando e me perguntando se isso está acontecendo de verdade.

Erin está muito mal.

O cabelo da sra. Quinn está crespo e todo bagunçado, seus olhos parecem pequenos e assustados. Ela olha para a janela, mesmo que as cortinas estejam fechadas. A princípio, nem Erin nem a mãe dela notam minha presença.

Caminho até o lado da cama e pego a outra mão da Erin.

Ela não a aperta.

Quando fazemos contato visual, nem sequer parece ela, por causa do inchaço, mas reconheço os olhos verdes cor de trevo.

Ela começa a falar muito rápido.

— Finley, minha perna está toda quebrada. Nunca mais vou jogar basquete na vida... *nunca.* Acabou. É isso. Minha temporada está arruinada. Minha carreira no basquete terminou. Não tenho mais chance de ganhar uma bolsa de estudos agora. Quando me acertaram, eles sabiam disso. Viram meu rosto. Eu voei por cima do capô do carro. Fui arremessada no meio da rua, e eles me deixaram lá, como se eu fosse um animal morto.

Parecia até que aceleraram quando... mas não pode ser verdade, certo? Quem faria uma coisa dessas? Não vou poder mais jogar basquete. *Como vou fazer*

faculdade?

Como vamos sair de Bellmont agora? Eu deveria ter me decidido e feito alguma coisa antes. Como puderam me deixar lá? Não quero que me veja assim, Finley. Devo estar tão feia. Talvez fosse melhor você sair. Não, não saia. E os paramédicos cortaram meu top novinho, que eu comprei há dois dias e que foi muito caro, e...

— Shhh — A sra. Quinn a silenciou. — Você está em choque, querida. Vai voltar a jogar basquete num piscar de olhos. Vamos comprar um top esportivo novo para você. Vai ficar tudo bem.

Muitos pensamentos passam pela minha cabeça, mas não consigo organizar nenhum deles.

— Dói, Finley. Dói tanto. Não consigo mexer minha perna.

Quando Erin começa a chorar, parece uma criança que foi torturada à exaustão. Posso ver a dor no rosto e no corpo dela.

Até chorar faz com que ela sinta dor.

Tenho vontade de dizer que tudo vai ficar bem, que ela logo vai voltar a jogar basquete.

Quero perguntar como ela foi atropelada... o que aconteceu...

Não sei se Erin vai poder voltar a andar um dia, quanto mais jogar basquete.

Em busca de ajuda, olho para a mãe dela.

— Ela não pode tomar analgésicos até verificarem se não há lesões na cabeça. Daqui a pouco, vão fazer uma tomografia cerebral nela e, assim que descartarem qualquer possibilidade de danos cerebrais, vão medicá-la — diz a sra. Quinn. — Você só tem que esperar um pouco mais, querida.

— E quanto à perna dela? — pergunto. — O que o médico disse?

Como a sra. Quinn não responde a minha pergunta, estudo sua feição. Ela também parece muito assustada.

De repente, entendo que é provável que seja pior do que eu imaginava.

— Finley — diz Erin.

Por mais que estejam avermelhados, os olhos verdes dela brilham — mesmo em meio ao inchaço e aos hematomas, talvez até mais.

— Você poderia voltar a ser meu namorado? — pergunta ela. — Preciso ser sua namorada agora. Estou com medo. Estou com muito medo. Por favor, volte a namorar comigo. Não posso passar por isso sozinha.

Por favor. *Por favor.*

Faço que sim.

É claro que volto.

— Preciso que você fale isso — diz ela, e sua voz soa frágil, infantil e tão diferente do normal que começo a me preocupar de verdade.

— Sou seu namorado de novo.

— Então converse comigo. Fale alguma coisa.

— Como o quê?

— Qualquer coisa que me faça parar de pensar na dor.

— Acabei de vomitar antes de entrar aqui.

— Sério? Você está bem?

— Wes e Russ estão na sala de espera. O Garoto21 nos fez deitar no chão do quarto dele, no escuro, e ouvir um CD de jazz sobre o uso da música para viajar através do espaço. Eu já estava confuso, quando, de repente, vim parar no hospital. Fiquei tão preocupado com você que vomitei. Duas vezes. Vomitei até bile amarela.

— Que romântico. Você sabe mesmo como fazer uma garota se sentir especial, Finley. — Erin sorri por um segundo ao dizer isso, e fico um pouco mais calmo. — Senti tanto sua falta. Olha o que tenho que fazer para chamar sua atenção.

Ela tenta rir, mas isso a faz sentir dor, e então começa a chorar outra vez.

Tenho medo de que Erin possa morrer, porque ela parece estar de fato muito mal.

— Vai ficar tudo bem.

— Não, não *vai*. Não vai ficar *nada* bem, Finley.

Ela tenta rir, mas acaba chorando ainda mais.

— Shhh. *Está* tudo bem, sim. Está tudo bem — diz a mãe, enquanto acaricia sua testa.

Como não sei mais o que fazer, começo a tocar levemente a mão da Erin como se fosse um gato, ou algo assim. Depois de um minuto, mais ou menos, ela grita: — Vocês querem, *por favor*, parar de tocar em mim?

A sra. Quinn se encolhe.

Tento fazer contato visual com Erin, mas ela está olhando furiosamente para o teto. Percebo que, de uma hora para outra, ela não quer mais olhar para mim e que é melhor ficar quieto.

Esperamos em silêncio por um longo tempo, até levarem Erin para a sala onde é feita a tomografia cerebral.

A sra. Quinn pode acompanhá-la, mas uma enfermeira me diz para permanecer ali.

Ficar sozinho em um hospital me assusta, por isso volto à sala de espera para ver se Wes e Russ ainda estão lá.

Encontro os dois com o sr. Allen, assistindo a um programa sobre cobras. Na TV, uma cobra com uma cabeça tão grande quanto uma bola de futebol está engolindo o que parece ser um cachorro, embora eu só possa ver as patas

traseiras saindo da boca da serpente.

Eu me pergunto por que exibem esse tipo de programa na sala de espera de um hospital, onde as pessoas já estão tristes e preocupadas com seus entes queridos.

Não poderiam colocar uma programação mais leve?

O sr. Allen, Wes e Russ se levantam quando me veem.

Russ não está mais usando a capa.

— Como está a Erin? — pergunta o sr. Allen.

— Nada bem.

— O que há de errado com ela? — indaga Russ.

— A perna está toda quebrada e ela tem vários hematomas no rosto. Estão fazendo uma tomografia cerebral agora para ver se houve alguma lesão. Ela falou de maneira desconexa por um tempo, depois ficou muito irritada e começou a gritar comigo, como se eu tivesse feito algo errado, quando eu estava apenas acariciando a mão dela.

— A menina está em choque — diz o sr. Allen. — Isso passa. Ela vai voltar ao normal logo.

— Lamento saber disso — comenta Wes. — Droga.

O Garoto21 não fala nada.

Levanto os olhos e vejo que a cobra acabou de engolir o animal. Parte dela está agora do tamanho de um cachorro; dá até a impressão de que é de mentira.

— Vou ficar aqui — digo. — Vocês podem ir.

Obrigado por esperar.

— Tem certeza? — pergunta Wes.

— Sim. Se eu precisar, pego uma carona para casa com os Quinn.

— Diga a Erin que estamos torcendo por ela — fala Russ.

— Sim, por favor — diz Wes.

— Vamos rezar por ela esta noite — fala o sr. Allen.

— Obrigado.

Volto ao centro de trauma, mas Erin e a mãe ainda estão na sala da tomografia.

Sozinho no hospital, penso em como as pessoas são frágeis, como qualquer um pode desaparecer em um segundo e ir embora para sempre — como cheguei perto de perder Erin —, e começo a me lembrar de coisas que não quero, então mordo a pele que fica entre meu polegar e o dedo indicador esquerdo, até doer o bastante para impedir que meu cérebro escave alguma parte do lixo depositado no fundo da minha memória.

Quando Erin é trazida de volta ao quarto, ela está com um soro no braço e semiconsciente.

— O cérebro dela está bem — diz a sra. Quinn. — Está tomando morfina agora.

Puxo uma cadeira e seguro a mão da Erin.

— Sou seu namorado de novo — digo a ela.

— Isso é bom — responde ela, e dá um breve sorriso, antes de fechar os olhos.



30

ALGUM TEMPO DEPOIS, O TREINADOR aparece com a técnica das meninas, a sra. Battle, uma mulher grande, atarracada e muito séria, que está sempre de casaco esportivo. Ela está usando um conjunto azul-marinho que tem três listras verticais prateadas, nos braços e nas pernas. A mãe e o pai da Erin repetem tudo o que sabemos sobre o estado dela.

O motorista não prestou ajuda e foi embora.

A perna está toda quebrada.

Uma grande cirurgia reconstrutiva será feita.

Depois que os Quinn falam sobre o fixador externo — um exoesqueleto colocado na perna para manter os ossos no lugar —, todos ficam em silêncio.

O que mais há para dizer?

A temporada dela acabou.

A treinadora balança a cabeça, com tristeza.

— Diga a Erin que a equipe virá visitá-la — pede a sra. Battle, com a testa franzida, como se isso fosse ajudar.

Todos balançam a cabeça em silêncio.

— Finley, eu levo você para casa, pode deixar — diz o treinador. — É melhor darmos aos Quinn algum tempo sozinhos. Erin está à base de remédios e provavelmente não vai mais acordar hoje. Não há nada para você fazer aqui.

Olho para os Quinn e vejo que as rugas ao redor dos olhos deles estão rosadas e bem marcadas. Parece mesmo que querem ficar a sós, então concordo e saio com o treinador do hospital.

Nós nos despedimos da sra. Battle no estacionamento e, em seguida, entramos na caminhonete do treinador.

As ruas de Bellmont passam silenciosamente pela janela. Vejo um homem dormindo na calçada. Uma pequena fogueira em um barril de óleo ilumina um beco.

Prostitutas de perucas, saias curtas e casacos de pele andam de um lado para outro sob o viaduto.

— Tenho que cuidar do meu avô — digo, só para quebrar o silêncio. — Preciso colocá-lo na cama.

— Vou levá-lo para casa — responde o treinador, e volta a ficar calado.

Ele não fala mais nada, e isso faz com que eu me sinta meio estranho.

Está tarde, portanto papai já saiu para o trabalho.

O treinador conta ao vovô sobre o atropelamento.

Explica que Erin estava voltando para casa, depois do treino, e que um carro, que dobrava a esquina na hora em que ela atravessava, acertou-a e depois fugiu.

Vovô balança a cabeça e segura o crucifixo na ponta do rosário que era da vovó.

— Odeio este bairro.

Troco a fralda dele, depois o carrego até o andar de cima e o coloco na cama. Quando apago as luzes, ele me pergunta: — O que a Erin disse para você sobre o acidente?

Alguma coisa que o treinador não tenha me contado?

— Só o que falamos.

— Nada mais? *Tem certeza?*

Penso um pouco e repito as palavras de Erin que ficaram na minha mente: — Ela disse que talvez tenham acelerado antes de acertá-la.

— Era o que eu estava pensando.

O velho balança a cabeça e sopra o ar através dos dentes quebrados e desalinhados.

— O quê?

— Talvez não tenha sido um acidente.

— O que está falando, vovô?

— Você não é burro, Finley. Pare de fingir que não entende o que está acontecendo.

Penso no que ele quer dizer e logo descarto sua hipótese sem sentido. *Por que alguém iria querer quebrar a perna da Erin?*

De volta à sala, vejo o treinador, que se serviu de uma das cervejas do vovô e está sentado no sofá.

— Queria falar com você — diz ele.

Antes mesmo que eu possa pensar melhor, pergunto: — Você acha que talvez alguém tenha acertado a Erin intencionalmente para se vingar do Rod?

O treinador arregala os olhos e me encara por um instante.

— Não sei e não *quero* saber. *Você* não quer saber, Finley. Até parece que não mora neste bairro há dezoito anos. Esquece isso. Não vai adiantar nada. Não vá ficar pensando nesse assunto, está me ouvindo?

Ele toma um gole da cerveja do vovô.

— Sente-se.

Faço o que ele pediu.

— Sinto muito pelo que aconteceu com a Erin. É uma pena. Uma grande pena.

O treinador olha para as próprias mãos por alguns instantes, mas, quando levanta a cabeça, está sorrindo.

Isso faz eu me sentir muito estranho.

— Mudando de assunto, todos já sabem da verdade sobre Russ, então você não precisa mais guardar segredo.

Mudando de assunto? O treinador começou a falar de outra coisa, assim, de repente?

— Já estou recebendo telefonemas dos melhores programas. Coach K ligou de manhã — o próprio Coach K, um dos treinadores mais famosos do mundo, veja só o basquete da universidade Duke. Russ realmente tem chance de ir longe, e é louvável ver você o ajudando a superar este período complicado. Quero que saiba que admiro muito isso e que você terá seus minutos de jogo, não se preocupe. Sei que é uma noite difícil para você, Finley, e é por isso que queria dizer que estou orgulhoso.

Fez uma coisa boa ao ajudar o Russ. Mas o trabalho ainda não acabou.

Apenas encaro o treinador. Sei que ele está tentando fazer com que eu me sinta melhor por ter perdido minha posição de titular, que ele está me agradecendo, mas, com a Erin no hospital — e eu tendo acabado de ver como ela está mal, além de descobrir que suas esperanças de conseguir uma bolsa de estudos foram por água abaixo —, esse não me parece o momento mais adequado para falar sobre o Russ.

Meus punhos estão cerrados e posso sentir meu rosto ficando quente.

— Só queria tirar isso da sua cabeça, para que você não tenha mais uma coisa para pensar agora, com a Erin no hospital — diz o treinador. — Não estou insatisfeito com você. Muito pelo contrário. E os médicos vão dar um jeito na perna dela. Não se preocupe com o resto.

Você não pode controlar tudo. Então, esqueça essas perguntas que fez, ok?

Faço que sim, porque não quero continuar essa conversa.

O treinador toma mais um gole da cerveja antes de colocá-la na mesinha de centro e se despedir. Por fim, fico sozinho.

Eu me estico no sofá e espero meu pai chegar em casa para pedir seu conselho, mas caio no sono por volta das três da manhã.

Sento-me quando ouço a porta da frente abrir.

Então pisco.

— Finley? — diz meu pai. — Por que você está dormindo no sofá?

Meu rosto deve estar horrível, porque ele se senta ao meu lado, preocupado.

— O que aconteceu?

Após mais ou menos um minuto, entre acordar, pensar e lembrar, conto o ocorrido.

Lembrar é ruim, mas é ainda pior falar sobre as lembranças.

Meu estômago começa a revirar.

Eu me sinto culpado, mas não sei por quê.

É complicado.

— Você acha que atropelaram a Erin por conta de quem o Rod é e do que ele faz? Acha que pode não ter sido um acidente? — pergunto, finalmente.

Papai parece assustado. O olho esquerdo está tendo espasmos.

— Algum dia você e a Erin vão deixar este bairro para sempre. Que esse dia chegue logo.

Ele não responde minha pergunta diretamente, mas sei que está falando em código, da forma como as pessoas fazem por aqui. Isso confirma minha suspeita.

— Vá ajudar seu avô a se levantar, enquanto eu preparo o café da manhã.

E assim eu faço.



31

O GAROTO21 SAI DO CADILLAC do seu avô com a aparência de um terráqueo. Está usando calça jeans escura, uma camisa rugby da Polo, com o símbolo da marca bem grande, e uma jaqueta de couro bonita — nada de túnica, capa ou capacete. Pela expressão no rosto dele, imagino que não vou ouvir nada sobre o espaço hoje.

— Ei, Finley. Tudo bem?

Faço que sim.

— Tem mais alguma notícia da Erin?

Faço que não com a cabeça.

— Meus avós estão rezando por ela.

— Obrigado — digo, embora não tenha certeza se acredito em orações, até porque meu pai, vovô e eu paramos de ir à igreja quando eu era criança.

— Sinto muito que Erin esteja tão mal e não possa jogar.

— Eu também.

— Você não quer que eu jogue esta noite?

— Por que eu iria querer isso? — pergunto.

— Não sei.

— Ouvi dizer que Coach K ligou para falar de você.

— Já vi Coach K uma meia dúzia de vezes, nos acampamentos — diz Russ, como se Coach K fosse uma pessoa qualquer, não o chefe do possivelmente melhor programa de basquete universitário do país.

Isso significa que Russ frequentou acampamentos de verão para os melhores jogadores nacionais do ensino médio. Eles vão de graça e conhecem várias celebridades do basquete.

— Por que está aqui? — pergunto. — Quero dizer, você poderia estar em qualquer lugar. Qualquer escola preparatória do país adoraria ter você. O que está fazendo aqui?

— Eu queria ficar perto dos meus avós — responde Russ. — Além disso... talvez eu *precise* estar em Bellmont.

— Neste fim de mundo? Por quê?

— Para ser seu amigo.

Não entendo o motivo de ele dizer isso, então deixo para lá.

Estou cansado, mas chegamos à escola. Quando passamos pelos detectores de metal, as pessoas começam a me perguntar sobre a Erin. Volto para o modo silencioso.

Durante o dia inteiro penso em Erin e no fato de pessoas desconhecidas estarem operando sua perna, cortando-a, inserindo pinos ou o que quer que seja necessário para consertar os ossos. Tenho medo de que os cirurgiões façam alguma coisa errada e Erin tenha que andar mancando, ou algo pior. Não consigo prestar atenção em nenhuma das aulas. E, quando recebo um aviso para comparecer à sala de orientação na hora do almoço, nem ligo para o fato de ter que falar com o sr. Gore, porque isso significa que não vou estar perto do Russ. Ele fica me perguntando o tempo todo se estou bem — o que já está ficando irritante.

Quando me sento diante do sr. Gore, vejo um adesivo da Duke em cima de seu arquivo e começo a ficar furioso, embora não entenda direito a razão disso.

— Tudo bem com você? — pergunta ele.

Balanço a cabeça.

— Quer conversar sobre alguma coisa?

Os cachos dele estão um pouco amassados do lado esquerdo, como se ele tivesse dormido daquele lado da cabeça e não tivesse tido tempo de ajeitar de manhã.

— Estou cansado de Bellmont — digo.

— Como assim?

— Estou cansado de ver pichações todos os dias.

Estou cansado de traficantes de drogas. Estou cansado de todo mundo fingir que não vê o que está acontecendo no bairro. Estou cansado de presenciar pessoas boas se machucando. Estou cansado do basquete. Estou cansado de fazer coisas legais para os outros e levar a pior por isso. Só quero sair daqui. Só quero escapar.

Para minha surpresa, as palavras simplesmente saíram. O sr. Gore também parece espantado, porque, afinal de contas, nunca falo com ele sobre nada importante. Ele tenta não sorrir, mas posso ver que acha que está fazendo

progresso comigo. Talvez esteja.

— Você está cansado da Erin?

Os olhos dele estão muito empolgados agora.

— Não.

— E ainda assim terminou com ela por causa do basquete.

— O que isso tem a ver com a hospitalização dela?

— Absolutamente nada.

— Por que você me chamou aqui?

— Porque me preocupo com você.

O sr. Gore está inclinado para a frente. Sua testa está meio suada, como se estivesse nervoso, ou realmente se importasse. Quando nos olhamos de frente, sinto como se talvez eu estivesse errado a respeito dele o tempo todo. Não é fácil explicar. As últimas vinte e quatro horas têm sido estranhas, e não dormi muito na noite passada.

— Sabe, eu joguei basquete na escola — diz ele.

— Sério?

Acho difícil de acreditar, porque o sr. Gore é muito magro, de aparência frágil, embora seja alto.

— Joguei na faculdade também, até machucar o joelho. Eu conseguia enterrar.

Tento imaginá-lo enterrando, e o pequeno filme que crio em minha mente me faz rir.

— Dediquei minha juventude inteira ao basquete, e você sabe o que ele fez por mim? — pergunta.

— O quê?

— Nada.

Penso no que estarei fazendo quando tiver a idade do sr. Gore e não consigo me ver jogando basquete. Mesmo que me torne profissional, eu já teria parado de jogar. Por alguma razão estúpida, eu me vejo com a Erin — talvez casados. Nós dois velhos e com cara de bobos — em algum lugar longe de Bellmont, um lugar decente —, mas, ainda assim, juntos. Por conta disso, eu me pergunto se de fato ficaremos juntos.

— Você não deve nada ao treinador — diz o sr. Gore.

Apenas olho para ele, por um instante. O sr. Gore parece diferente, como se estivesse do meu lado. Talvez eu o tenha compreendido mal. E ouvi-lo dizer isso sobre o treinador faz com que eu me sinta melhor, por algum motivo.

— Você parece cansado, Finley.

— Não dormi muito na noite passada.

— Quer cochilar um pouco na minha sala?

— Está falando sério?

— Estarei em reunião esta tarde. Se quiser dormir um pouco, pode fazer isso aqui. Vou avisar aos seus professores que está comigo. Só não vá dizer a ninguém que minha sala é um hotel.

O sr. Gore dá uma piscadela brega.

— Estamos combinados?

Não sei se vou conseguir dormir na sala dele, mas gostaria de algum tempo sozinho. Por isso, respondo: — Obrigado.

— Tudo bem. Estarei na sala de conferências, aqui ao lado, caso precise de mim.

Ele dá dois tapinhas no meu ombro antes de sair e me deixar sozinho.

Olho pela janela, durante duas horas, e penso em Erin.

Na metade do último tempo de aula, saio de fininho do prédio antes que Russ ou qualquer outra pessoa me veja.



32

ANDO PELAS RUAS DECADENTES DE Bellmont por algumas horas, antes de voltar à escola para assistir ao jogo da nossa equipe júnior.

Quando passo por Terrell na arquibancada, ouço: — Como está indo sua cenourinha?

Eu paro e o encaro nos olhos.

— Não chame a Erin de minha cenourinha. Você sabe que ela não gosta. Ela já disse isso centenas de vezes.

Mostre algum respeito! — falo, percebendo a raiva na minha voz. Isso me surpreende.

— Ok, Finley — diz Terrell. — Caramba .

Hakim e Sir trocam olhares e, então, continuam a assistir ao jogo.

Terrell só estava tentando ser legal, e me sinto um pouco culpado por ter gritado com ele, mas, por outro lado, fico feliz por ele ter me chamado de Finley, não de Coelho Branco, o que me parece um avanço.

— Nunca mais chame a Erin de minha cenourinha. Ok?

— Relaxa, Finley — diz ele. — Se liga.

Sei que Terrell quer dizer que estou passando dos limites, que ignorei a hierarquia de poder de Bellmont, que eu deveria saber meu lugar, caso contrário serei lembrado disso, mas a verdade é que, nesse momento, nada disso me importa. Primeiro, minha posição de titular foi tirada de mim, e agora a Erin. O que mais importa?

Eu me sento.

Russ se aproxima de mim.

— Para onde você foi na hora do almoço?

— Eu estava com o sr. Gore — digo, e continuo assistindo ao jogo.

Nossa equipe já está perdendo de quinze. O técnico Watts pede tempo e grita com os titulares para partirem para o ataque.

— Qualquer tipo de ataque! — grita ele.

— Você está bem? — pergunta Wes.

— Sim — respondo. — Só quero ver o jogo, ok?

Wes e Russ se entreolham e me deixam em paz. O restante do time também.

Quando o jogo termina, começamos a treinar — eu acerto todas as cestas que tento —, mas, no vestiário, o treinador anuncia o time titular, deixando meu nome de fora. Ninguém fala nada comigo sobre eu ter perdido minha posição de titular, mas a verdade é que já não me importo muito.

Durante o aquecimento, vejo vovô e meu pai na arquibancada e lembro que papai está de carro. Eu poderia ir até ele e dizer: "Vamos ao hospital ver como a Erin está." Ele diria para eu ficar no jogo, porque assumi um compromisso com a equipe, mas me levaria se eu insistisse.

Russ, sem dúvida, recebe os maiores aplausos e gritos quando anunciam os titulares. Terrell olha para os próprios tênis. Agora, as palavras do treinador sobre *a equipe* vão soar um pouco diferentes para Terrell, já que ele não é mais o principal jogador do time.

Estou atrás do treinador quando ele repassa o plano de jogo — como vencer Brixton, o adversário da noite —, mas não presto muita atenção.

Do banco de reservas, vejo Wes ganhar a bola ao alto.

Ele lança para Russ, que sai quicando-a em direção à cesta. Russ passa para Hakim, que marca fácil de bandeja.

— Vermelho vinte e dois — grita o treinador, e a equipe parte para um 2-2-1.

Penso no sr. Gore dizendo que o basquete não significa nada para ele agora. E, de repente, percebo que não me importo se vamos ganhar a partida, ou mesmo se vou jogar. É apenas um jogo. Erin está no hospital. *O que estou fazendo longe dela?*

Nunca imaginei que um dia deixaria de me preocupar com o basquete, mas o fato é que, nesse momento, não poderia me importar menos.

— Sinto muito, treinador. Preciso ir — digo assim que me levanto.

— O quê? Aonde?

Passo pela equipe adversária e subo até meu avô e meu pai.

— Eu deveria estar no hospital. Quero estar lá quando a Erin acordar.

O técnico Watts me segue.

— Finley, é melhor você sentar sua bunda no nosso banco de novo!

O vovô olha para o técnico Watts.

— Ele tem uma dama que precisa dele.

— Você sabe que haverá consequências — avisa meu pai.

— Última chance, Finley — diz o técnico Watts.

Todas as pessoas na arquibancada estão olhando para mim, como se eu fosse uma verdadeira aberração.

O técnico adversário pede tempo a fim de decidir uma estratégia para furar nossa defesa, e meus companheiros de equipe olham para mim, enquanto saem da quadra.

Vejo preocupação no rosto do Russ.

— Eu devia estar no hospital, pai.

— Tudo bem — responde ele.

Empurro a cadeira de rodas do vovô para fora do ginásio. Na rua está mais frio do que dentro de uma geladeira — o ambiente parece um freezer.

Entramos no carro, com meu pai ao volante.

— Estou orgulhoso de você — diz o vovô. — Pessoas são mais importantes do que jogos.

— Sinto muito — fala papai.

Nós sabemos que minha saída deixa o treinador à vontade para me cortar da equipe.

Se eu tivesse pedido para não jogar, antes de começar a partida, é provável que ele me deixasse sair para ficar com a Erin. Mas sair do banco no primeiro quarto é algo inédito. Meu pai e o treinador sabem que isso significa basicamente estar fora do time.

— Está tudo bem — respondo, e em seguida saio do carro.

— Tome aqui — diz meu pai, ao me entregar uma nota de vinte dólares. — Quando quiser ir para casa, é só me ligar, mas, se eu já tiver saído para o trabalho, pegue um táxi.

Não temos muito dinheiro. Por isso, vinte dólares é muita coisa. É a maneira de o meu pai dizer que entende minha decisão e que me apoia.

Para me deixarem entrar, mesmo que não esteja em horário de visita, finjo que sou o irmão da Erin para os funcionários do hospital.

— Seus pais estão no refeitório — diz uma mulher, e, em seguida, me mostra a direção.

Encontro o sr. e a sra. Quinn olhando para as xícaras de café que estão segurando.

Eles levantam o rosto, e vejo o olhar cansado de ambos.

— Você não tinha jogo esta noite? — pergunta o sr. Quinn.

— Posso ver a Erin?

Eles balançam a cabeça, concordando.

— Só não a acorde, se ela ainda estiver dormindo — diz a sra. Quinn. — Ela

precisa descansar.

A sra. Quinn me diz o número do quarto e, quando o encontro, Erin está de olhos fechados.

Em absoluto silêncio, me aproximo da cama e a vejo respirar.

O inchaço em seu rosto diminuiu bastante.

O soro no braço significa que ela está tomando medicamentos fortes.

A perna ruim está presa em uma posição um pouco inclinada. Através do tecido do lençol, posso ver algumas coisas pontudas e imagino que sejam parte do exoesqueleto de metal que precisa ficar fixado à perna dela durante a fase de recuperação. Ainda não quero ver o estrago, por isso não espio por baixo do lençol.

Penso nas vezes em que corri com Erin, em que subimos no meu telhado — e percebo que ela sempre usou o joelho de todas as formas possíveis. Quase tudo pode ser arruinado. Tudo é frágil. Temporário.

Como não consigo evitar, acabo me curvando e dando um beijo na testa dela. Tenho a impressão de que ela sorri, por um segundo, mesmo dormindo, mas está escuro, então não tenho certeza.

— Você não deveria estar aqui — sussurra uma enfermeira, parada na porta. — Ela precisa descansar.

Balanço a cabeça, concordando.

Beijo a testa dela mais uma vez. Há um bloco e uma caneta na mesinha ao lado da cama, então escrevo uma mensagem rápida: Estive aqui.

Com amor, Finley Sigo a enfermeira, que pergunta: — Ela é sua colega de turma?

— É minha namorada.

Ela balança a cabeça, antes de dizer: — Você é um garoto de sorte.

— Sou.

Quero ir me sentar com os Quinn, mas, por alguma razão, em vez disso vou para a sala de espera e fico olhando para as pessoas que têm filhos e que passarão a noite ali no hospital, ou que estão esperando seus entes queridos acordarem de cirurgias, ou o que quer que seja.

É provável que todos estejam tão preocupados quanto eu. Vejo um casal de pais de mãos dadas, um confortando o outro. Uma mulher idosa fala com um padre durante algum tempo. Uma criança dorme com um urso de pelúcia no braço e o polegar na boca. Tantas pessoas com problemas, e familiares doentes, e dor.

Pouco antes de nos fazerem sair, dou mais uma olhada em Erin. Como vejo que ela está dormindo tranquilamente, decido pegar um táxi para casa.



33

NA MANHÃ SEGUINTE, ENQUANTO COMEMOS ovos e bacon, pergunto ao meu pai se eu deveria faltar aula para ver como a Erin está. Antes que ele possa responder, o vovô interrompe: — Sim.

— Você já perdeu algum dia de escola? — pergunta meu pai.

— Não. Nunca faltei. Então, qual é o problema de perder um dia?

— Você tem certeza de que não quer falar com o treinador?

— Acho que a equipe vai ficar bem sem mim.

— Tudo bem — diz meu pai. — Não gosto que você abandone nada, mas, dadas as circunstâncias... Só queria ter certeza de que você está preparado para as consequências, que depois não vai se arrepender dessa decisão. Quero dizer, você adora basquete, Finley.

— Erin é mais importante. Certo?

O vovô pega dois dólares no bolso da camisa e estende o dinheiro para mim.

— Compre algumas flores para a Erin! Diga a ela que estou ansioso para o próximo jogo de War.

— Obrigado, vou dizer — respondo, mesmo sabendo que as flores custam mais que dois dólares.

É um gesto bonito, que me deixa feliz. Ele, com certeza, guarda esses dois dólares há anos. Meu pai paga por tudo em casa, já que o vovô nunca mais trabalhou desde que perdeu as pernas.

Russ aparece na minha porta, a caminho da escola, mais uma vez com aparência de terráqueo. É como se o Garoto21 realmente tivesse deixado para trás aquela história de ser de outro planeta.

— Vou para o hospital hoje. Não vou à escola.

— Sinto muito por tudo que aconteceu, Finley. Mesmo.

— Tenho que ficar com a Erin agora, ok? Fique com o Wes na escola. Ele vai ajudar você.

— Isso vai além de ajudar. Podemos conversar mais tarde?

— Não sei.

Não tenho ideia do que vai acontecer no hospital.

— Preciso ir. Vejo você depois, cara.

Russ acena com a cabeça e segue para a escola. Ele parece solitário, mas, no momento, não há nada que eu possa fazer.

Papai e eu compramos flores na loja de presentes do hospital. Escolho uma rosa amarela em um vaso plástico, porque sei que Erin gosta de amarelo. Pego o arranjo mais barato que eles têm. Uso os dois dólares do vovô, e meu pai completa com o que falta.

Vamos até onde ela está fazendo o tratamento e dizemos à recepcionista que estamos ali para ver minha namorada. Não preciso inventar que sou o Rod porque ali as visitas são permitidas.

Ela olha um papel rapidamente, vai acompanhando uma lista com a ponta da caneta e informa: — Erin Quinn não receberá visitas hoje.

— Sou o namorado dela.

— Sinto muito.

— Você pode levar isso para ela e dizer que estou aqui? Ela vai querer me ver. Vai dizer isso a você. Eu garanto.

— A paciente pediu para não receber ninguém, exceto os pais.

— Ela não é uma paciente — digo, percebendo claramente como soa ridículo, porque Erin *é* uma paciente. — Ela é minha namorada.

— Talvez sim. Mas ela não quer ver você hoje. Volte amanhã. Pode ser que ela mude de ideia até lá.

— Você pode entregar um bilhete? — pergunta meu pai.

— Isso eu posso fazer.

A mulher suspira como se estivéssemos pedindo que ela fizesse cem flexões ou alguma coisa insana.

— Você tem um papel? — pergunto a ela.

A mulher me olha torto e bate com um bloco de papel no balcão.

— Você, por acaso, não teria uma caneta também?

Ela balança a cabeça com tanta força que chacoalha a pele flácida do seu pescoço gordo, mas me passa uma caneta. Eu me pergunto por que a mulher está tão irritada. De repente, alguém atrás de mim diz: — Isso é uma estupidez! Por que não posso entrar para ver minha filha? Estou cansado de esperar aqui!

É provável que a recepcionista ouça pessoas gritando o dia inteiro.

Escrevo: Erin, O vovô mandou estas flores para você. Ele está ansioso para o próximo jogo de War. Faltei aula e estou na sala de espera. Diga a eles para me deixarem entrar, para que a gente possa conversar.

Com amor, Finley Dobro o bilhete ao meio e o prendo na planta branca, parecida com algodão, que colocaram junto à rosa no buquê.

Assim que a recepcionista termina de falar com o cara que estava gritando, ela aponta para mim e diz: — Sente-se. Quando as coisas se acalmarem por aqui, peço a uma das enfermeiras para entregar as flores à sua namorada. Se ela quiser ver você, nós avisaremos.

— Quanto tempo...

— Não sei — fala ela, sem tirar os olhos das suas listas.

— Vamos, Finley — diz meu pai, e nos sentamos na sala de espera, onde meia dúzia de pessoas assiste a *Good Morning America*. Uma cantora que não conheço está se apresentando nas ruas de Nova York. Quando ela canta, dá para ver o vapor de sua respiração. Não parece muito mais velha que eu, mas já está ali, aparecendo na TV. Como isso acontece?

Meu pai adormece enquanto esperamos, e me pergunto se Erin realmente não quer me ver. Começo a me preocupar e fico confuso. Não posso entender por que fui impedido de visitá-la.

Por fim, a sra. Quinn vem falar comigo, com a aparência de quem está muito cansada e não pôde tomar banho — talvez porque tenha passado a noite no hospital.

— Sinto muito, Finley, mas Erin não quer ver você hoje — diz ela.

— Por que não?

— Ela está cansada da cirurgia e não está com a aparência muito boa. Você sabe como as meninas são com essa coisa de serem vistas sem maquiagem.

A sra. Quinn está mentindo, tentando suavizar a notícia. Erin nunca usa maquiagem. Ela nem sequer *tem* maquiagem.

— Foi muito gentil da sua parte trazer a rosa. A flor deu vida ao quarto.

Ela me entrega um bilhete e depois sai.

A letra é da Erin.

> *Você não devia ter abandonado o jogo ontem. E devia estar na escola agora. Me esquece. Peça desculpas ao treinador e aproveite o resto da temporada de basquete. Não volte ao hospital. Eu não posso ver você.*
>
> *Erin*

Leio o bilhete dela várias vezes seguidas, mas não vejo qualquer sentido. Na outra noite, ela praticamente me implorou para voltarmos a namorar, e agora diz

que não pode me ver?

Começo a sentir meu estômago revirar.

Não sei o que fazer, então continuo sentado, esperando que a sra. Quinn volte com um sorriso no rosto e diga: “Brincadeirinha!”

Mas a sra. Quinn não volta.

Good Morning America termina. Depois, começa um programa de entrevistas. Enquanto isso, meu pai ronca o tempo todo, ao meu lado.

Ele acorda perto da hora do almoço e diz: — Como está a Erin?

Mostro a ele o bilhete.

— Ela provavelmente está irritada com o que aconteceu. Já não está mais em choque, então está sentindo todo o impacto. Mas vai mudar de ideia.

— Você se importa de ficarmos aqui? — pergunto. — Eu gostaria de ficar, só para o caso de ela mudar de ideia.

— Posso dormir em qualquer lugar — responde papai, e, em seguida, fecha os olhos.

Depois da escola, a sra. Battle e a equipe de basquete feminino aparecem com balões e cartões, mas também não são autorizadas a entrar. Isso me deixa preocupado de verdade.

Falo para a treinadora que Erin também não quer me ver.

— Bem, então é melhor voltarmos ao ginásio e aproveitar para treinar um pouco — diz ela.

As colegas de time da Erin parecem um pouco irritadas com isso, o que me deixa furioso, afinal, ela não está aqui para dar uma festa, certo?

Elas deixam os cartões e balões na recepção e voltam em fila para o ônibus.

Meu pai e eu jantamos no refeitório.

— Sabe — diz ele, mastigando um pedaço de hambúrguer —, a família da Erin pode estar tentando proteger você, Finley.

— Como assim?

— Bem, quem quer que tenha atropelado a menina talvez esteja de olho em você também — diz meu pai, e, em seguida, olha em volta do local com cuidado.

— Não me importo. Estou cansado disso tudo, pai.

— Você não pode apenas dizer que está cansado. Não é assim que funciona.

— Erin e eu não pedimos para fazer parte desse mundo.

— Nem eu.

Fico mal com isso, porque a vida dele tem sido bem triste, sem que ele tenha culpa de nada.

— Tudo o que estou dizendo é para dar tempo ao tempo e não cometer nenhuma estupidez. Você e Erin podem ir embora de Bellmont algum dia.

Podem ir para longe daqui. Como eu deveria ter feito com sua mãe.

Essa é a primeira vez que meu pai fala da minha mãe em anos.

— Pensei que não devíamos falar sobre a mamãe.

— Não devemos.

Meu pai acaba seu hambúrguer, e a conversa termina, porque não sei mais o que dizer.

Outra enfermeira está no balcão agora. Aproveito e tento ver a Erin mais uma vez. Ela também não me autoriza a entrar, por isso deixo meu pai me levar para casa.

Vovô está bebendo uma cerveja e assistindo ao jogo dos Sixers.

— Como está a Erin?

— Ela se recusou a nos ver — diz meu pai.

— Mandamos uma rosa amarela para ela — completo.

— Deixei também um bilhete dizendo que foi você que mandou a flor, vovô, e que quer jogar War com ela.

— É muita coisa para ela absorver, uma perda dessas.

Ela vai pensar melhor — responde o vovô. — Agora, tenho uma novidade estranha para você. Russ está no seu quarto, Finley.

— O quê? Por quê?

— Tem algo a ver com estrelas — diz ele, e volta a assistir à TV.

Troco um olhar confuso com meu pai, antes de subir correndo até meu quarto.

Quando abro a porta, Russ está de pé na cadeira da minha escrivaninha, com a mão para cima como a Estátua da Liberdade.

Levo alguns segundos para entender, até que percebo que ele está transformando o teto do meu quarto em uma galáxia. Dois terços do forro já estão cobertos com estrelas que brilham no escuro.

— *Surpreso?* — diz Russ, sem entusiasmo.

— O que você está fazendo?

— Queria fazer alguma coisa legal para você. Então comprei seu próprio cosmos.

Apesar de tudo que aconteceu, sorrio. Ninguém nunca comprou e montou uma galáxia para mim.

— Quer me ajudar a terminar de colar?

Faço que sim e, logo depois, começo a me revezar com ele na cadeira, organizando constelações. É bom ter alguma coisa em que me concentrar. E, quando cobrimos todo o teto, Russ apaga as luzes. Nós deitamos no chão e nos banhamos com aquele brilho verde estranho.

— Então, como está a Erin?

— Nada bem. Ela não quer me ver.

— Por quê?

— Não sei.

— Dê alguns dias a ela. Às vezes, as pessoas precisam de tempo e espaço.

Durante alguns minutos, ficamos observando as estranhas constelações que fizemos.

— O treinador falou que, se você for ao treino amanhã, tudo será esquecido. Sem perguntas. Nenhuma punição por ter faltado ao treino de hoje nem por ter ido embora no último jogo.

— É por isso que você veio aqui hoje? Para trazer o recado do treinador?

— Não. Vim para colocar as estrelas. Vim para fazê-lo se sentir melhor.

— Não sei. Quer dizer, obrigado. Agradeço as palavras gentis, mas sinto que a Erin precisa de mim agora. Gostaria que houvesse algo que pudesse fazer por ela.

— Quando eu estava no lar para jovens, uma mulher costumava ler para nós à noite. Eu apenas me sentava e ouvia. Não saberia nem mesmo dizer o nome dos livros, mas aquilo me ajudou. Eu nunca disse àquela mulher, mas eu gostava quando ela lia. Talvez você pudesse ler *Harry Potter* para a Erin. Quem sabe ela gostaria de fugir para Hogwarts?

— Quem sabe? — digo.

É bom ficar ali com o Russ — ainda mais depois de tudo que aconteceu. De certa forma, é como se pudéssemos fingir que ainda somos crianças, ou algo assim — e me pergunto se é por isso que gostamos de ler esses livros, como *Harry Potter*. Eu não sei.

Estou feliz por Russ estar aqui.

Estou feliz por ele ter feito uma galáxia para mim.



34

TODOS OS DIAS, MEU PAI me leva ao hospital. Eu sempre vou até a recepção com o primeiro livro do *Harry Potter* na mão, disposto a levar minha namorada para Hogwarts. Mas, todos os dias, a enfermeira diz que Erin não quer me ver. Então, eu me sento na sala de espera, frustrado e com raiva.

O sr. Gore diz que, se eu continuar indo sempre, uma hora ela vai me deixar entrar. Quando pergunto como sabe disso, ele responde: — O verdadeiro amor sempre vence.

Isso soa um tanto ridículo, mas espero que ele esteja certo.

Não vou ao treino de basquete, o que significa que estou oficialmente fora do time.

O treinador não vem me ver nem manda qualquer mensagem por Russ. Acho que ele está com raiva de mim. Ou pode ser que esteja apenas feliz por ter Russ jogando para ele. Talvez, aos olhos dele, eu já tenha cumprido meu papel. É engraçado como um acontecimento violento pode fazer você ver o mundo de um jeito totalmente diferente. Depois que um criminoso atropela sua namorada, o basquete deixa de ser tão importante, e o discurso do treinador sobre entender a vida na quadra parece uma grande besteira. Ou talvez eu tenha entendido a vida por meio do basquete — as pessoas se preocupam com você se puder ajudá-las a ganhar; caso contrário, não se preocupam.

Depois de mais ou menos uma semana, a enfermeira diz que Erin foi transferida para fazer a reabilitação em outro prédio.

— Que prédio? Onde? — pergunto.

No entanto, ela me diz que é confidencial. Fico tão furioso que corro de volta à ala em que ela estava, para ver se não estão mentindo para mim.

— Erin? — grito, quando chego ao seu antigo quarto, mas há uma senhora dormindo na cama em que minha namorada deveria estar.

Um enorme segurança me agarra pelo braço e avisa: — Sugiro que você saia do prédio em silêncio e sem maiores incidentes.

Ele me acompanha até a porta.

— Não volte mais aqui.

Como não tenho celular, atravesso a rua até o telefone público em frente à loja de conveniência, mas, como sempre, alguém arrancou o fone. Tenho que esperar do lado de fora do hospital, no frio congelante, até que meu pai volte para me buscar.

Começo a passar algum tempo parado em frente à casa dos Quinn, do outro lado da rua. A única coisa que faço é ficar na calçada, a tarde toda, esperando o sr. ou a sra. Quinn voltar para casa, para que eu possa perguntar onde a Erin está. Mas passo dias sem vê-los. Até me levanto no meio da noite e ando pela rua, só para ver se o carro deles está na garagem. Não está.

Cerca de uma semana mais tarde, uma placa de VENDE-SE surge em frente à casa deles. Pouco tempo depois, homens grandes e irritados começam a encher um enorme caminhão de mudança com a mobília dos Quinn.

— Para onde vocês estão levando tudo isso? — pergunto.

— Não posso dizer — responde o homem com uma tatuagem de teia de aranha no rosto.

— É melhor você dar o fora. *Agora* — fala o outro, o homem com uma grossa cicatriz vermelha no pescoço.

Vovô e papai dizem que, sem dúvida, Erin está sendo obrigada a se mudar, mas quem providenciou isso e por quê, ninguém sabe.

Pergunto ao sr. Gore se ele sabe de alguma coisa. Ele verifica o sistema da escola e descobre que Erin está tendo aulas em casa. É a única informação que tem.

Num outro dia, vou até o ginásio e confronto o treinador, antes do começo do treino.

— O que você sabe sobre a Erin?

Ele conhece quase todo mundo no bairro e ouve muita coisa.

— Você sabe onde ela está? — pergunto.

— E como *eu* iria saber?

O treinador balança a cabeça.

— Falei para você não fazer muitas perguntas. Tenha cuidado, Finley. Eu sinto muito pela maneira como as coisas aconteceram, mas você fez a sua escolha.

Ele vira as costas para mim, deixando claro que não quer nenhum problema

com a máfia irlandesa e que não vai se envolver. Não tem mais nada para me falar. Depois de tudo que fiz por Russ, tenho que lutar contra a vontade de dar um empurrão no treinador. Eu me sinto traído, mesmo sabendo que ele não poderia fazer muita coisa para me ajudar, ainda que estivesse disposto a assumir o risco.

Certa noite, às quatro da manhã, enquanto o bairro todo dorme, invado a casa dos Quinn. A noite está nublada, e não dá para ver muita coisa. Eles costumavam deixar uma chave embaixo do terceiro tijolo no jardim, então tateio por ali, de joelhos, contando os tijolos e separando a sujeira até encontrar a chave.

Todas as cortinas estão fechadas, por isso, depois que entro, posso usar uma lanterna sem ser visto.

Mas não deixaram nada para trás, nem mesmo um saco de lixo.

Nada.

Ilumino cada centímetro do chão de todos os cômodos, verifico cada armário, olho até no sótão e no porão.

Nenhum vestígio dos Quinn.

É como se tivessem desaparecido.

Tenho a impressão de que vou vomitar.

Entro no quarto da Erin, que ainda tem o cheiro dela.

Shampoo de pêssego. Parece impossível que Erin tenha simplesmente sumido. Ela teria entrado em contato comigo, se pudesse, o que significa que não *pôde* por algum motivo. Sento no carpete verde-ervilha, no meio de quatro círculos marcados onde ficavam os pés da cama. Seguro minha cabeça com as mãos.

Onde a Erin poderia estar?

Como perdi a melhor coisa da minha vida?

Sinto que estou sozinho no mundo.

Quando saio, guardo a chave comigo, embora não saiba muito bem por quê. Talvez só para ter alguma parte dela junto a mim.

Sigo atordoado por alguns dias, sem responder às perguntas de ninguém sobre como estou me sentindo.

Não consigo pensar em mais nada além da Erin.

Fico tão nervoso por não saber onde ela está que perco a cabeça e simplesmente vou entrando no Irish Pride Pub uma tarde, depois da escola. Não penso nas consequências; apenas entro, decidido. É meu último recurso, o único lugar em que imagino que possa encontrar Rod Quinn.

Vejo alguns homens usando jaquetas de couro pretas sentados no bar e tomando cerveja.

Dou a volta nas mesas de bilhar, em direção aos homens. O barman é o

primeiro a me ver. Ele tem cabelo grisalho e nariz torto. Mas também tem um ar gentil nos olhos azuis, que parecem me aconselhar a ir embora, antes que os homens nos banquinhos me vejam.

— Com licença — digo.

Todos viram. Ninguém sorri.

— Posso, por favor, falar com Rod Quinn? É importante.

Os homens encaram uns aos outros, estreitando os olhos, de uma maneira que me diz que eu não deveria ter mencionado esse nome.

— Ei, garoto. Hora de ir — diz o barman.

— Estou procurando a irmã do Rod, Erin. Ela é minha namorada.

— Você não devia ter vindo aqui — diz um dos homens.

— Conheça o seu lugar, McManus. Não seja como o seu avô. Seja como o seu pai.

— Só quero saber onde Erin está.

Estou suando, e minhas mãos tremem, mas não ligo para o que possa acontecer comigo. Preciso encontrá-la.

Um dos homens, o mais magro e barbeado, me agarra pela nuca e me leva até o telefone público.

— Ligue para o seu pai e diga onde você está.

— Onde está a Erin?

— Isso não é um jogo, garoto.

— Onde ela está?

Ele aperta minha nuca com tanta força que meus joelhos dobram.

— Ligue para o seu pai. Sou o sujeito mais legal por aqui. Se aqueles caras do bar cismarem com você, vai se lamentar muito.

Ligo para minha casa, e o vovô atende.

— Vô, preciso que meu pai venha me buscar.

— Onde você está?

Quando hesito, o homem diz: — Diga ao velho sem pernas onde você está.

— Estou no Irish Pride Pub.

— Mas que diabo você fez, Finley?

— Meu pai pode vir me buscar?

O homem toma o telefone de mim.

— Venham buscar o garoto. E que isso não se repita.

Ele desliga o telefone e depois me empurra para fora e acende um cigarro.

Ficamos na calçada por alguns minutos antes de eu perguntar mais uma vez: — Onde ela está?

— Você realmente gosta da irmã do Rod, hein?

— Eu amo a Erin. Ela é minha melhor amiga.

— Que lindo — diz ele, depois joga a guimba do cigarro na rua e acende outro. — Se quiser vê-la novamente, sugiro que deixe as coisas se acalmarem.

Converse com o seu avô. Ele sabe como essas coisas funcionam.

— Posso só falar com o Rod? *Por favor.*

— Você não desiste mesmo, né? Não faz ideia de como tem sorte por eu estar aqui hoje.

Meu pai estaciona e sai do carro.

— Lewis?

— Este aqui é seu, Padric?

Meu pai engole em seco e faz que sim com a cabeça.

— Ele entrou de repente no bar e começou a fazer perguntas sobre a namorada, por isso dei um jeito de tirá-lo logo de lá, antes que os outros quisessem fazer isso. Se eu não estivesse por perto, esta história não teria acabado bem.

— Obrigado — agradece meu pai, estendendo a mão.

Lewis o cumprimenta e, em seguida, puxa meu pai para um abraço. Enquanto dá um tapinha nas costas do meu pai, vejo que sussurra alguma coisa no ouvido dele.

— Entre no carro, Finley — ordena meu pai.

Quando saímos, ele pergunta: — No que você estava pensando?

— O que ele sussurrou em seu ouvido?

— Que agora eu devo a ele um favor. Sabe o que isso significa?

Faço que sim. Significa que meu pai terá que fazer alguma coisa para Lewis no futuro.

— Lewis é um velho amigo. Crescemos juntos. Você deu muita sorte hoje. Mas tem que parar. Não pode continuar fazendo perguntas. Precisa ser paciente.

Não quero entender nada do que ele está falando. Sou só um garoto. Não faço parte da máfia irlandesa ou do que quer que eles se denominem atualmente — ou do que quer que estejam *proibindo* as pessoas de os chamarem.

Quando chegamos em casa, vovô está em sua cadeira de rodas, junto à mesa da cozinha. O rosário da vovó está enrolado no punho, mas ele não está bebendo e parece sóbrio. O velho balança a cabeça para mim.

— Você *enlouqueceu*?

— Eu...

— Você não pode saber onde Erin está agora! — esbraveja o vovô. — Você é imbecil, rapaz? Não tem visto meus cotos há uma década? O que há de errado com você? Aqueles homens que você abordou hoje cortariam sua garganta por um dólar.

O vovô nunca falou desse jeito comigo. Sua voz está trêmula. Nunca o vi tão

furioso. Ele até soltou um palavrão com um sotaque forte.

Meu pai coloca a mão no ombro dele, que deixa escapar um suspiro aflito.

— Ouça, Finley — diz vovô, mais calmo. — Às vezes, um cara pode sair da organização, fazendo alguma coisa grande. Algo que renda uma aposentadoria. Se Rod fez isso, ele pode ter atraído, como consequência, alguns inimigos poderosos. Isso exigiria que ele e sua família desaparecessem. Talvez eles não tenham fugido tão rápido quanto deveriam, o que pode explicar o acidente da Erin. Mas isso é tudo especulação, Finley. Não saia por aí repetindo nada disso. Precisa ser inteligente. Eu conheço a Erin. Ela vai entrar em contato com você quando estiver segura. Mas sair por aí fazendo perguntas só torna as coisas mais difíceis para todo mundo.

Olho para o meu pai e ele acena com a cabeça. Sabe que o vovô está certo.

— Então só me resta esperar a Erin entrar em contato comigo? E não fazer nada?

— É o melhor que pode fazer — diz o vovô.

— E o mais seguro para você — fala meu pai. — E para *nós*.

Mas como posso não fazer nada?



35

CERTA MANHÃ, ENQUANTO CAMINHAMOS PARA a escola, Russ me pede para jogar basquete no meu quintal — só nós dois. Ele diz que pode ser a "nossa coisa". Pergunto por que precisamos de uma "coisa".

— Você está diferente, distante... não parece mais você mesmo. Talvez jogar basquete uma ou duas vezes por semana possa ajudar.

Ele passa na minha casa naquela noite depois do treino, mas digo que não estou com vontade de jogar.

— Já cansei do basquete.

— Faça pelo menos umas dez cestas e, se não sentir vontade de fazer a décima primeira, eu deixo para lá, ok?

— sugere Russ.

Dou um suspiro.

— Vamos lá. Só dez.

Dou a volta com ele na casa e pegamos minha bola na garagem.

— Eu me sinto mal por ter tomado a sua posição — diz Russ. — Ainda mais depois do que aconteceu com a Erin. O acidente, a maneira como ela desapareceu... isso realmente me afetou. É como se tivesse me acordado.

Eu não sei por quê, mas naquela noite, no hospital, senti um estalo na minha cabeça. Foi como se eu começasse a seguir em frente de novo e você começasse a andar para trás. Tenho a impressão de que agora estamos nos movendo em direções opostas, e sinto falta de ter você por perto o tempo todo. Tudo ficou tão difícil para você, mas, para mim, as coisas estão indo muito bem, ou melhor do que imaginei no início do ano letivo. Não parece justo.

Não sei como responder, por isso fico calado. Ele tem razão, é claro. Venho

ruminando a injustiça da minha situação há semanas, mas dói ouvi-lo dizer essas coisas com tanta naturalidade. Parte de mim está com inveja.

Outra parte apenas se sente derrotada.

— A questão é... o treinador estava certo — fala Russ. — Jogar basquete tem sido muito bom para mim.

Gosto da organização. Gosto de jogar. O esporte tira minha mente do que aconteceu em Los Angeles. E é meu futuro também. Quero agradecer a você por ter me ajudado a passar por essa fase de transição.

É assim que ele está chamando a encenação espacial que ele fazia? Ele parece ter esquecido por completo a história de ser o Garoto21. É como se o basquete fosse sua cura — seu retorno à sanidade.

— Acho que jogar basquete poderia ajudá-lo também, Finley. Percebi que você não dá mais importância ao treinador, eu entendo... mas talvez *nós* pudéssemos...

— É só um jogo. Talvez seja *seu* bilhete para a fama e a fortuna, e fico feliz por você, mas já não ligo mais para o basquete. *Não mesmo.*

— Só dez cestas. Aposto que vai querer fazer a décima primeira — insiste ele, girando a bola no dedo.

— Tudo bem.

Ele joga a bola para mim, e eu arremesso. Cesta. Russ faz o rebote, passa para mim, e eu arremesso outra vez.

Repetimos o processo, encontramos um ritmo, e começo a sentir meu coração batendo mais forte, meus músculos se descontraindo. Erro a quinta e a sétima, portanto, marco oito em dez.

— Então? — pergunta Russ.

Penso a respeito. Entendo por que Russ precisa jogar basquete. Entendo que o esporte vai proporcionar muitas oportunidades para ele. Até entendo por que isso o ajuda psicologicamente — mantendo a mente dele longe de questões mais sérias. O basquete, no entanto, não vai fazer o mesmo por mim. E jogar basquete é só um lembrete doloroso de que Erin não está mais aqui.

— Não vou fazer o décimo primeiro arremesso — digo.

— Desculpe. Não quero que o basquete seja uma questão delicada entre nós.

— Não é.

— E agora?

— Vou me deitar no telhado da garagem e ficar olhando para as poucas estrelas no céu.

— Posso ficar com você?

— Claro.

Usamos a cerca para nos ajudar a subir na garagem.

Depois, ficamos olhando para apenas umas três estrelas que conseguimos ver, por culpa da poluição luminosa e atmosférica.

— Você já se sentiu como se não fosse por fora a mesma pessoa que é por dentro? — pergunta Russ.

— O tempo todo.

— É, eu também.

Ficamos ali deitados em silêncio.

— Sinto muito que o basquete não signifique mais nada para você.

— Fico feliz que ele esteja ajudando você — digo, com sinceridade.



OS DIAS PASSAM DEVAGAR E, ao mesmo tempo, muito velozes.
Sabe o que quero dizer?
Talvez seja como um sonho, em que o tempo assume um novo significado.
Não sei.
A vida fica embaçada, distorcida, alongada, confusa. É difícil de explicar.
Vou para a escola.
Faço meus trabalhos.
Converso com o vovô, com meu pai, com o Russ, com o sr. Gore.
As coisas acontecem, mas nada fica de fato na memória.
Nada que valha a pena mencionar, de qualquer maneira.
Eu me sinto entorpecido o tempo todo.
Vazio.
Triste.
Às vezes, com raiva.
Na maior parte do tempo, triste.
Um pouco irritado.
Oco.
Cansado.
Enganado.
Solitário.
Penso sempre em Erin.
Onde ela deve estar?
Será que em algum lugar melhor?
Será que vai entrar em contato comigo?

Será que já me esqueceu?

O que vai acontecer?

É chato não saber.

É uma droga.

Bellmont é como uma prisão para mim.

Ando por aqui, respiro, existo, mas parece que minha vida está em outro lugar qualquer — um lugar melhor.

Onde quer que Erin esteja.

Penso em Erin a cada segundo de cada dia.

Erin.

Erin.

Erin.

Erin.

Erin.

Erin.

Erin.

Por que ela não entrou em contato comigo?

Por quê?



37

EM DETERMINADO MOMENTO DA TEMPORADA de basquete, Russ e eu estamos sentados no meu telhado mais uma vez, tentando ver as estrelas, que é tudo o que fazemos juntos ultimamente. Ele geralmente me visita depois de cada jogo, mas a gente nunca conversa sobre basquete. Às vezes, nem falamos nada, só ficamos olhando para o espaço. Tenho ouvido meus colegas comentarem como a equipe está indo bem. Mas não preciso saber mais nada sobre isso.

— Ok. Agora eu estou *realmente* preocupado com você.

Está um frio congelante do lado de fora, mas não me importo. Gosto de sentir o frio queimar meu rosto e minhas mãos.

Russ está enrolado no meu edredom.

Não vemos nenhuma estrela, porque o céu está nublado.

— Por quê? — pergunto, embora eu saiba o motivo.

Ele deixou a história do Garoto21 definitivamente de lado e voltou a ser Russ Allen, o superastro do basquete.

Como está liderando a competição em todas as categorias, ninguém parece se importar por ele ter agido como um maluco a maior parte do ano letivo. O treinador estava certo. Russ precisava do basquete mais do que eu. É como se eu tivesse absorvido toda a sua loucura, como se eu fosse uma sanguessuga, porque agora ele parece estar perfeitamente bem, enquanto eu ando pela escola todos os dias como se estivesse vivendo em outro planeta.

— Você tem andado irritado e deprimido. E parece estar piorando.

— Então, você vai para a Duke? — pergunto, tentando mudar de assunto. Houve uma conferência oficial de imprensa na semana passada. Repórteres da

TV vieram e filmaram Russ assinando o acordo, aceitando uma bolsa de estudos. Foi uma pergunta idiota, porque todas as pessoas no mundo sabem que ele está indo para Duke.

Russ faz que sim.

— Nenhuma notícia da Erin?

— Não.

— Não faz tanto tempo.

— Mais de dois meses.

— Já?

A pior parte é que ninguém parece notar a ausência dela. Sua equipe de basquete não ganhou muitos jogos, mas a escola segue seu curso, assim como tudo o mais em Bellmont. É como se realmente não fizéssemos a menor diferença. Se qualquer um desaparecesse, nada mudaria muito. É como se nossas vidas não valessem nada.

— Odeio Bellmont. Odeio de verdade esse lugar.

— Então vá embora. O mundo é grande, Finley — diz Russ, parecendo o sr. Gore por um momento. — Há muitos lugares bons no mundo. Eu sei. Viajei bastante antes de vir para cá.

— Como vou sair daqui?

— Um dia vai aparecer uma oportunidade. Olha só o Harry Potter. A vida dele era terrível, mas um dia ele recebe uma carta, entra em um trem, e tudo muda depois disso. Tudo fica melhor. Mágico.

— É só uma história.

— Assim como nós... também somos histórias — diz Russ.

— O que quer dizer?

— Provavelmente existem pessoas que achariam que nossas vidas não são reais, se escrevêssemos exatamente o que aconteceu com a gente em um livro.

— Desculpe por não ter ido ver você jogar. Mas não consigo.

— Tudo bem. Mas Wes está um pouco chateado por você ter abandonado o clube do livro.

Dou de ombros. Eu me sinto mal por ter deixado Wes de lado, mas ele não tem sido exatamente um amigo desde o acidente da Erin. Todos na escola sabem que a máfia irlandesa obrigou minha namorada a se mudar, e, como sou a única ligação de Erin com Bellmont, as pessoas têm medo de ficar perto de mim. Wes tem ficado distante. Não o culpo.

— Gostaria de levar você a um lugar depois que a temporada de basquete acabar — diz Russ. — Um lugar especial.

— Onde?

— É uma surpresa.

— Tem alguma coisa a ver com a Erin?

— Não. Tem a ver com o cosmos. Acho que você vai gostar.

Fico surpreso por ele tocar no assunto do espaço, porque já faz um tempo que Russ não fala sobre *o cosmos*.

— Você acha que a Erin vai entrar em contato comigo?

— Acho. *Em algum momento*.

— Por que ela ainda não mandou notícias?

— Não sei. Não temos como saber o motivo de várias coisas na vida. Meu terapeuta disse isso.

— Você está *melhor* agora?

Russ olha para o céu cinzento.

— Quer dizer, você não se chama mais de Garoto21. Não fala mais que seus pais estão voando pelo espaço em uma nave. Não fala mais sobre ir embora do planeta. E parou de usar fantasias malucas.

— Eu não diria que estou melhor. Diria que não preciso me esconder agora.

— Porque as coisas estão indo bem com o basquete?

— Porque estou seguindo em frente.

— Então era tudo um jogo? Aquela coisa do espaço? Você só inventou isso para evitar que as pessoas fizessem perguntas sobre o que aconteceu?

— Do mesmo jeito que você finge ser um sujeito calado?

— Não é a mesma coisa. Não menti para as pessoas. Era difícil para mim conseguir falar... *muito difícil*.

— Pode ser. E era difícil para mim ser um terráqueo também. Você tem falado muito mais ultimamente. Mais do que quando o conheci, pelo menos. Isso significa que está melhor?

Penso no que ele está querendo dizer, e talvez esteja certo. Talvez nós dois estivéssemos interpretando papéis para conseguir sobreviver.

— Então, o que aconteceu com seus pais? — pergunto.

— O que aconteceu com sua mãe?

Não estou pronto para falar sobre isso, e parece que Russ também não, porque ficamos sentados em silêncio no meu telhado por um longo tempo até o avô dele parar o carro em frente à minha casa e Russ dizer: — Fica para o próximo capítulo.

Permaneço no telhado por mais algumas horas, depois vou para a cama e olho para o estranho brilho verde da galáxia que meu amigo me deu.



38

A EQUIPE PERDE O JOGO do campeonato estadual por um ponto. Fico sabendo que Terrell perdeu a última cesta.

Russ — assim como todos os outros — lamenta por algumas semanas. Os alunos andam pelos corredores de cabeça baixa, os professores passam com a testa franzida, a escola toda parece deprimida. Mas, então, a vida segue em frente, e Russ lembra que quer me mostrar algo.

Em um sábado, mais ou menos um mês depois da grande derrota, Russ e o sr. Allen vêm me buscar.

— Está pronto para a surpresa? — pergunta Russ.

— Claro.

Subo na parte de trás do Cadillac e vejo passar pela janela a paisagem feia de Bellmont.

Russ lê em um papel as orientações do caminho, e seu avô faz as curvas necessárias.

Depois de mais ou menos uma hora no carro, estamos em uma estrada com muitas árvores, e passamos por cavalos e até vacas. Vejo espigas de milho, campos de plantas que não sei identificar, longos trechos em que não há casas, postes de luz ou qualquer coisa feita pelo homem.

Nunca estive em um lugar como aquele, por isso me sento direito e viro a cabeça de um lado para outro o tempo todo, procurando não perder nada.

O vento que entra pela janela é quente e cheio de aromas que parecem tão vivos que quase dói inspirar tudo aquilo.

— Estrume — diz o sr. Allen, quando passamos por um lugar com um cheiro terrível.

— O que é isso? — pergunto.

— Merda de vaca — responde Russ.

— Adubo — diz o sr. Allen. — Ajuda as plantas a crescerem.

Nem o cheiro do estrume me incomoda, porque é diferente de tudo que já conheci — diferente do cheiro do sistema de esgoto de Bellmont. Para deixar claro, não gosto do cheiro de estrume, mas gosto de estar no campo.

Passamos por uma estrada de terra esburacada pela floresta e fico um pouco nervoso, porque, se o carro quebrar por ali, estamos há quilômetros de distância de qualquer coisa.

Mas, então, vejo o que parece ser um posto de gasolina. Em frente, há uma placa em que se lê: PARAÍSO DO OBSERVADOR DE ESTRELAS! Tem mesmo um ponto de exclamação, deixando este lugar ainda mais emocionante.

Paramos perto da bomba de gasolina. O sr. Allen enche o tanque, e eu sigo logo atrás do Russ. Lá dentro, noto o piso gasto de madeira e alguns corredores com mantimentos e material de acampamento. Atrás do balcão, vemos um homem grande, de rosto vermelho.

— Olá — diz ele, e nos mostra a palma da mão rosada.

— Temos uma reserva — afirma Russ. — Em nome dos Allen.

— Claro! Você escolheu uma linda noite. Não há uma nuvem no céu. Seus olhos vão se maravilhar!

— Temos checado o tempo a semana toda.

— O que acha do posto de observação número doze?

— Está ótimo — diz Russ.

O sr. Allen entra na loja e para do nosso lado.

O homem escreve alguma coisa em um pedaço de papel e depois entrega um folheto a cada um de nós.

— Essas são nossas regras. A menos que seja uma emergência, não ligue o carro até a aurora aparecer.

Vocês devem fechar os blackouts do seu posto de observação, se ligarem alguma luz lá dentro. Nenhuma lanterna ou qualquer outro tipo de luz pode ser usado fora do posto. Quando o sol se pôr, é obrigatório usar vozes de biblioteca, o que significa que devem sussurrar.

Vocês serão convidados a se retirar caso gritem ou assobiem. Fora isso, aproveitem o show. Preciso que cada um assine o folheto de regras, para ter certeza de que concordam com os termos.

O sr. Allen dá ao homem um cartão de crédito. Todos nós assinamos os papéis, recebemos mapas estelares de cortesia, e depois voltamos para o carro.

— Que lugar é *esse*? — pergunto. — Qual é o show?

— Você vai ver — responde Russ.

Dirigimos pela estrada de terra e passamos por placas de madeira numeradas marcando entradas de carros não pavimentadas, que fazem uma curva e desaparecem em meio à floresta.

Quando encontramos o número doze, o sr. Allen entra à esquerda e passamos por uma estrada de terra tão estreita que galhos batem no carro.

— É melhor eu não ver nenhum arranhão no meu Cadillac, senão alguém chamado Russ vai encerar e polir o carro amanhã o dia todo — diz o sr. Allen.

A estrada faz uma curva para a direita, e então nos deparamos com uma estrutura de aparência estranha, que parece uma mistura de casa na árvore com farol. É uma torre de oito lados que se ergue por cima da floresta. Há uma espécie de balde enorme no alto. O prédio me faz lembrar aquela peça de xadrez que parece um castelo.

— Minha nossa — diz o sr. Allen. Ele está sorrindo.

— Vamos lá — convida Russ.

Entramos por uma porta no térreo e subimos uma escada em espiral até alcançarmos um quarto com quatro camas e duas janelas com cortinas pesadas — os blackouts, presumo. Também tem um pequeno banheiro.

Só uma pia e um vaso sanitário — sem chuveiro.

Russ continua subindo. Vou atrás dele, até termos que empurrar o que parece ser um alçapão no teto. Essa porta abre para o céu, e chegamos a um posto de observação, com uma cerca alta de madeira. Parece que estamos de pé em um gigantesco copo de madeira. O chão é coberto pelo que parece ser um tatame de luta. Meus pés afundam mais ou menos uns dois centímetros quando entro no local.

— É aqui que vamos dormir esta noite — diz Russ.

— As camas lá dentro são para o meu avô.

Olho em volta e não vejo nada além de folhas de árvores novas e verdes que já dão sinais do início da primavera e os topos das cercas de outras doze torres de observação, que ficam a uma distância de mais ou menos noventa metros uma da outra e formam um círculo.

— Isso é incrível.

— O que venho falando para você? O mundo não se resume a Bellmont, está vendo?

Descemos a escada correndo e levamos o isopor e os outros suprimentos até o quarto de dormir.

O sr. Allen leva muito tempo para subir a escadaria, mas, quando chega no alto, ele olha em volta impressionado.

— Nunca vi tantas árvores.

— Quem diria que a gente poderia dirigir duas horas e vir parar em um lugar

como esse? — digo.

Russ sorri com orgulho.

Comemos os sanduíches de atum que a sra. Allen preparou e tomamos refrigerante enquanto o pôr do sol ilumina a copa das árvores.

— Não quero descer os degraus no escuro, então vou ficar lá embaixo com meu livro. Vocês dois se divirtam, e não cheguem muito perto da beirada, entenderam? — diz o sr. Allen, para, em seguida, desaparecer pela portinha.

Está ficando mais frio aqui em cima; sopra um vento forte e as árvores fazem muito barulho.

— Está ouvindo as folhas assobiarem? — pergunto.

— Legal, não é? Está quase na hora das “vozes de biblioteca”. Aposto que o som vai mesmo longe por aqui.

Nós dois deitamos de costas e minhas escápulas afundam no tatame.

— Este lugar é realmente incrível — digo. — Obrigado por me trazer.

Ele acena com a cabeça e, em seguida, vemos o céu a oeste brilhar em um tom de rosa alaranjado.

Ficamos ali deitados em silêncio por mais ou menos quinze minutos, e então, do nada, Russ diz: — Se me falar o que aconteceu com sua mãe, eu digo o que aconteceu com meus pais.

— Por quê?

— Porque é isso que os amigos fazem, eles falam e ouvem o que o outro tem a dizer.

— Não importa.

— Importa, sim.

— Não devo falar sobre isso.

— Você não confia em mim?

— Confio.

— Então... Somos só eu e as árvores em volta.

— É por isso que me trouxe aqui?

— Esse é um dos motivos. E prefiro falar antes que o show comece.

— As estrelas?

— Sim.

— Vemos as estrelas no meu telhado o tempo todo.

— Aqui é diferente. Você vai ver — diz ele. — Vamos falar sobre o que aconteceu com nossos pais. Acho mesmo que pode ajudar. Falo disso com meu terapeuta o tempo todo. Você provavelmente devia falar com um terapeuta também.

— Andei conversando com o sr. Gore.

— Isso é bom. Me conta.

— É uma história triste.

— A minha também é.

— Não sei...

— Vamos usar vozes de biblioteca, então não vai valer de qualquer maneira.

Sorrio. *Vozes de biblioteca.* Quero saber a história do Russ, e realmente não me importo mais em guardar os segredos do vovô, ainda mais depois que a Erin desapareceu. Talvez seja por isso que coisas ruins aconteçam em bairros como o meu, porque ninguém fala nada. Mas, mesmo assim, fico surpreso quando me escuto usando minha voz de biblioteca — quando me escuto falando dessa história pela primeira vez.

Conto para Russ sobre meu avô ter roubado dinheiro dos bandidos para quem trabalhava para poder levar minha avó de volta à Irlanda. Vovó tinha câncer terminal e queria morrer na terra em que nasceu. Eles nasceram no condado de Cork — ainda temos parentes por lá —, mas sempre foram muito pobres para fazer a viagem de volta. Nunca fui à Irlanda, mas voltar para lá antes de morrer era muito importante para minha avó. Então, por causa do desespero e da tristeza, vovô roubou o dinheiro e a levou, pensando que estariam seguros quando saíssem dos Estados Unidos. O único problema: o restante de sua família ficou em Bellmont. Meu avô subestimou a crueldade de seus colegas de trabalho. Os bandidos para quem o vovô trabalhava me levaram para atingi-lo e fazê-lo voltar da Irlanda.

— O que quer dizer com *levaram você*? — pergunta Russ, usando sua voz de biblioteca.

Eu me permito lembrar. Lembrar faz com que eu sinta alguém apertando um dedo na minha garganta. Começo a suar.

— Meu avô estava metido com homens muito ruins, homens como o irmão da Erin, Rod. Provavelmente é difícil para você imaginar.

— Então, eles *sequestraram* você?

Engulo em seco.

— Nunca falei sobre isso com ninguém, nem mesmo com a Erin.

— Falar é bom. Você pode confiar em mim.

Procuro pelas primeiras estrelas no céu, mas não vejo nenhuma, e então conto a ele as minhas lembranças.

Eu me lembro de homens com máscaras de esqui me levando no meio da noite, meus pais gritando, e o barulho do meu pai sendo espancado.

Eu me lembro de ser jogado em um porta-malas — minhas mãos amarradas por trás, uma meia horrível na minha boca, uma fita enrolada em volta da minha cabeça.

Eu me lembro de ficar em um quarto escuro por um longo tempo, de fazer

xixi nas calças porque estava com muito medo, de sentir só o cheiro de urina seca e poeira pelo que achei serem semanas, de ficar com fome e sede. E então, de repente, eu estava com meu pai de novo, só que no funeral da minha mãe, e com um avô sem pernas.

Eu me lembro de que os olhos do meu pai estavam muito vermelhos — como hambúrguer cru — e seu rosto ainda exibia hematomas roxos e amarelos. Eu me lembro do meu pai me dizer que minha mãe tinha ido à polícia para tentar me resgatar, e era por isso que estava morta. Então, ele me falou que eu nunca poderia contar o que aconteceu a ninguém — *nunca*. Eu jamais poderia contar a uma única pessoa, senão *todos* nós poderíamos acabar mortos.

— Ele me disse que eu não poderia falar sobre o que aconteceu, por isso não falei nada. Eu era só uma criança pequena. Tinha muito medo de dizer a coisa errada e perder meu pai e meu avô também.

— Então foi aí que parou de falar?

— Sim. Foi também quando comecei a jogar basquete.

— Caramba.

— Não consigo me lembrar de como minha mãe era.

Temos fotos, mas não consigo mais vê-la fora das molduras. Entende o que quero dizer?

— Às vezes, sinto que estou esquecendo o som da voz do meu pai — diz Russ. — O cheiro da minha mãe.

Tantas coisas.

— O que aconteceu com eles?

É como se agora as árvores a oeste estivessem cobertas de neon rosa. É a última luz daquele dia.

Russ respira fundo, e então começa a falar: — Roubo de carro. Eles foram ver um amigo tocar saxofone em um bar de um bairro suspeito. Alguns viciados em crack atiraram na cabeça dos meus pais e depois fugiram com algumas centenas de dólares, as joias da minha mãe e o relógio do meu pai. Um ato completamente aleatório de violência. E completamente injusto. Estúpido. O suficiente para fazer você querer sumir por um tempo e dizer às pessoas que veio do espaço.

— O que você vê... — pergunto, sem saber direito *por que* estou perguntando — quando tenta lembrar dos seus pais juntos? Qual é sua melhor lembrança?

Ele pensa por alguns minutos.

— Vejo uma vez quando fui ver meu pai tocar com uma *big band* tradicional, e, no meio da apresentação, o líder chamou minha mãe para se juntar a ele no palco para cantar uma canção. Fiquei surpreso, porque eu nem sabia que minha

mãe cantava.

“Ela não queria ir, mas, como o público começou a incentivar e bater palmas, ela subiu no palco e disse: ‘Rapazes, vocês conhecem minha música.’ Meu pai mudou para o trompete, porque ele sabia tocar qualquer instrumento. Ele tocou as notas iniciais, e minha mãe cantou ‘I’m Beginning to See the Light’, da Ella Fitzgerald. Meu pai estava ao lado dela e era como se eles se comunicassem através da música.

“Mamãe cantava. Papai tocava trompete. Mas olhavam um para o outro o tempo todo e pude ver o quanto eram apaixonados. A plateia aplaudiu por cinco minutos seguidos quando eles terminaram, deixando minha mãe envergonhada. Dava para perceber porque ela não parava de balançar a cabeça e não travava contato visual com ninguém.

“Eu me lembro de perguntar, quando ela se sentou perto de mim: ‘Você canta?’ E ela respondeu: ‘Cantava, há muito tempo.’

“Enquanto assistimos ao restante do show, eu me lembro de ter me perguntado quantas outras coisas sobre meus pais eu não sabia. Só conhecemos uma parte da história das pessoas.”

— É uma lembrança muito bonita.

— Você tem alguma como essa de seus pais juntos?

Faço um esforço para lembrar.

— Não. Não como essa.

Russ não responde, e me preocupo com a possibilidade de ele se sentir mal por ter compartilhado sua boa lembrança, uma vez que eu não tenho nenhuma parecida. Não quero que ele se sinta mal.

— Mas um dia poderei contar a alguém que já vi as estrelas com o melhor armador da NBA, Russ Allen, antes de ele ficar famoso.

— Não vamos falar sobre basquete, ok?

Russ não diz mais nada, o que me faz pensar que foi realmente difícil para ele conversar sobre os pais.

O céu se transforma de azul-marinho para preto.

Então, de repente, milhões de estrelas cintilam no alto, e Russ sussurra: — Acho que o show começou.

É como se alguém tivesse apertado um interruptor, porque havia apenas algumas estrelas aqui e ali, e depois surgiu uma infinidade delas — como se um enorme diamante tivesse explodido no céu.

— É tão lindo — digo, porque nunca vi nada igual.

— Sempre que penso que o mundo é feio... que a vida não tem sentido... eu me lembro de que isso está sempre aqui, à minha espera — diz Russ. — Sempre posso olhar para o cosmos e me maravilhar, não importa o que aconteça. E,

quando olho para isso, sinto como se meus problemas fossem pequenos. Não sei por quê, mas isso sempre me faz sentir melhor.

— E é suficiente? — pergunto. — Só olhar para as estrelas?

— Pode ser.

Espero Russ começar a nomear as constelações, mas ele não faz isso.

Ficamos deitados em silêncio, admirando todos aqueles pontos de luz, e eu também me sinto muito pequeno diante do imenso universo.

Eu me pergunto se Erin também está olhando para as estrelas esta noite, talvez sentada em um telhado em algum lugar, pensando em mim.

Também me pergunto se minha mãe está lá em cima no céu ou simplesmente lá em cima em *algum lugar* — ou até mesmo em alguma nave espacial pós-morte ou algo assim, como o Garoto21 havia imaginado.

— Por que você acha que nós nos conhecemos? — questiono. — Você acha que foi para ajudar você a voltar ao basquete? Era o destino?

— Foi porque meus pais foram assassinados por viciados em crack — diz ele. — Eu estaria em Los Angeles se meus pais ainda estivessem vivos. Tirando isso, não sei de mais nada.

— Mas você está aqui de alguma forma.

— Assim como você.

Ficamos deitados em silêncio, um ao lado do outro, a noite toda, admirando a espantosa e incrível imensidão do universo. Acho que nenhum de nós dois dormiu nem por um minuto.



39

NO ANIVERSÁRIO DO ASSASSINATO DA minha mãe, meu avô, meu pai e eu colocamos flores em seu túmulo — Cathy McManus —, como fazemos todo ano.

Sol de junho.

Céus azuis.

Não há mais ninguém no cemitério.

Ali, de pé, olhando para as intermináveis fileiras de lápides, fico com a impressão de que somos as únicas três pessoas no mundo.

Lápides brancas e cinzentas estão enfileiradas até onde meus olhos alcançam, cada uma com pouquíssima informação. Nome, anos vividos, talvez uma citação bonita. Mas não o suficiente para que alguém realmente saiba quem eram essas pessoas. Eu me pergunto se cada lápide tem uma história tão complicada quanto a da minha mãe.

Como em todos os outros anos, eu me lembro do sequestro, penso na coragem de que minha mãe precisou para ir à polícia, e que gostaria de ter tido a chance de conhecê-la melhor.

Em sua cadeira de rodas, diante do túmulo, o vovô fala com minha mãe e pede perdão várias vezes, chora muito, e parece transtornado de tanta culpa.

— Quando você tiver uma chance de sair de Bellmont — diz meu pai —, não deixe que ela escape.

Seu rosto está com uma expressão tensa. Rugas de preocupação brotam nos cantos de seus olhos. Ele encara vovô de maneira muito estranha. É como se amasse e odiasse o velho ao mesmo tempo.

— Você está me ouvindo? — pergunta meu pai.

— Sim.

Quando eu era pequeno, pensava que visitávamos o túmulo da minha mãe porque ela estava lá de alguma forma — era como se fôssemos de fato passar algum tempo com seu espírito ou algo assim. Agora percebo que vamos lá para que o vovô possa pedir perdão.

Penso na minha mãe.

Pode parecer idiota, mas a única coisa de que me lembro é que ela adorava pastilhas verdes, que ela chamava de pastilhas irlandesas. Ela comprava uma embalagem quase todos os dias e me dava quantas eu quisesse até chegar à primeira verde, que ela comia.

Esse era nosso pequeno ritual.

Caminhar todos os dias até a loja da esquina em busca de suas pastilhas verdes irlandesas.

É uma lembrança boba, mas é a que eu tenho.

E a verdade é que sempre fico muito nervoso quando vejo alguém chupando as pastilhas que ela gostava ou se vejo uma embalagem numa loja. Tenho medo de olhar com atenção e descobrir que não existem as verdes.

Tenho pavor de perceber que talvez tenha inventado o único detalhe de que me lembro sobre minha mãe. Se isso for só uma criação da minha cabeça, não me restará absolutamente nada.

Talvez seja uma coisa idiota com que se preocupar, mas é assim que eu sou — é o que a vida me deu.

Meu pai nunca fala sobre a mamãe — nunca.

E também nunca chupa pastilhas, pelo menos nunca vi.

Depois que deixamos o cemitério, ele passa o resto do dia com o vovô. Eu fico sozinho no telhado, esperando que Erin vá entrar pela janela do meu quarto e se aconchegar em mim, como já fez tantas vezes. Mas ela não aparece.



40

NA MANHÃ ANTERIOR À MINHA cerimônia de formatura do ensino médio, enquanto comemos nossos ovos com bacon na cozinha, vovô me entrega um envelope branco e liso.

— O que é isso?

— Abra — diz meu pai.

Eu rasgo o envelope e tiro o que está lá dentro.

Há algum tipo de bilhete em que se lê AMTRAK.

— Amtrak?

— É um trem. Você sabe o que é um trem, certo? — pergunta o vovô.

— Por que você está me dando uma passagem de trem?

— É um presente de formatura — responde meu pai.

— Para onde?

— Veja na passagem — diz o vovô.

— New Hampshire? Por que vocês me compraram uma passagem para New Hampshire?

— Nós não compramos — responde o vovô.

— Leia a carta — diz meu pai.

Dou uma olhada nos papéis novamente.

Imediatamente reconheço a letra da Erin em um deles.

Meu coração quase sai pela boca, e começo a suar. *Erin!*

Eu me levanto e vou até a sala, desconcertado.

— Aonde você vai? — diz o vovô, e posso perceber pela voz dele que está rindo.

Finley,

Você não sabe como senti sua falta. Não pode imaginar quanto eu quis entrar em contato com você nesses últimos seis meses.

Tem sido uma tortura. Espero que não pense que eu não queria vê-lo lá no hospital. Não tive escolha. Não podia decidir nada e tenho certeza de que, a essa altura, você já deve ter percebido.

Não posso revelar muito nesta carta. Não tenho permissão.

Estou em um lugar muito diferente de Bellmont. É lindo. As pessoas se tratam com gentileza. Você pode andar sozinho pelas ruas à noite. Tudo é tão limpo! Daria para fazer a calçada de prato. E há tantas estrelas! Árvores por toda parte! Tenho meu próprio apartamentinho, dá para acreditar? Já estou matriculada em uma pequena faculdade de artes e devo começar a estudar no outono, embora não vá jogar basquete. As coisas foram resolvidas. Isso é tudo que posso dizer nesta carta. Ah, e agora me chamo Katie Reidy. Gosta do nome? Pode se acostumar com ele?

Você quer morar comigo?

Estou falando sério. Parece que sua família ainda tem alguns amigos, porque eles "cuidaram de tudo", como dizem.

Você não pode dizer a ninguém para onde está indo e vai ter que mudar de nome. Estou pensando em chamá-lo de Lucas Williams. O que acha? Você gosta? Soa bem, não é?

Tenho dinheiro suficiente para levarmos uma vida decente. Você pode tentar a faculdade e... quem sabe? Ou pode arrumar um emprego.

Vou explicar tudo, se você vier. Espero que venha. Eu amo você.

Por favor, entre no trem. Apenas venha. Confie em mim. Por favor.

Com amor,

A namorada anteriormente conhecida como Erin

Volto correndo para a cozinha.

— O que é isso? É verdade?

— É uma chance de sair daqui e começar do zero — diz meu pai. — Longe da nossa história. É uma oportunidade única.

— De onde veio esta carta?

— Não faça perguntas — diz o vovô. — Essa é sua grande chance. Uma verdadeira oportunidade. Sem nenhum lado ruim para você.

— Como podemos saber que isso não é uma armadilha?

— Uma armadilha? Você anda vendo filmes demais — diz o vovô. — Se quisessem machucar você, viriam até aqui em casa. Não iriam comprar uma passagem de trem para machucá-lo em New Hampshire.

— O que vocês tiveram que fazer para isso acontecer? — pergunto.

— Nada — diz meu pai. — Apenas prometer silêncio.

— Eu não sou idiota.

Meu pai e meu avô se entreolham.

— Vamos apenas dizer — responde o vovô — que alguns dos caras mais velhos ainda se sentem mal pelo que aconteceu com você quando menino, e eles respeitam o fato de termos ficado calados quando os policiais vieram nos interrogar anos atrás. Existem regras, mas não somos todos monstros. A maioria dos caras faz o que pode, quando pode.

— Você tem que decidir agora, o trem sai em duas horas — diz meu pai. — Se você for, não vai poder voltar a Bellmont. Nunca mais. E vai precisar tomar cuidado se quiser entrar em contato com a gente. Vão explicar as regras para você e não terá escolha, senão obedecer.

— Por quê?

— Os termos são esses. Não podemos questionar.

Lembro-me do que Russ disse sobre não conseguir saber por quê.

Sento em frente ao vovô e ao papai e noto que a semelhança física entre os dois é impressionante. Eu me pergunto se eles pensam que eu pareço uma versão mais jovem deles. Três gerações de McManus.

— Então vou embora com dinheiro da máfia? — pergunto, baixinho.

— Você vai embora — diz o vovô. — Não vai ser vigiado para sempre. Só está ganhando um bilhete para sair daqui e uma chance de começar de novo em algum lugar melhor.

Penso sobre isso e me questiono sob um ponto de vista ético. Será que realmente quero aceitar dinheiro da máfia, mesmo que seja apenas um pouco para me ajudar a sair daqui? Eu poderia conviver com isso? Depois de tudo o que eles fizeram com minha família, tenho direito a isso?

— E se eu não for?

Meu pai dá de ombros.

— Então você vai para a faculdade comunitária e ficará em Bellmont por mais dois anos, no mínimo. E talvez perca sua melhor amiga para sempre. Essa é provavelmente sua única chance.

— Rod vai estar lá? O sr. e a sra. Quinn?

— Não sei — diz o vovô.

Quero muito ver a Erin. Mas não tenho certeza em relação às outras coisas. Como posso escolher entre os dois homens que me criaram — a única família que tenho — e a garota que esteve ao meu lado desde o ensino fundamental? É fácil escolher entre Bellmont e qualquer outro lugar, porque não quero terminar meus dias sozinho em casa, enchendo a cara até morrer.

Definitivamente, quero sair desta cidade, mas não quero deixar o vovô e o papai para trás.

— O que vocês acham que eu deveria fazer?

Eles olham para as próprias mãos. Seus olhos estão cheios de lágrimas. Eles já decidiram o que eu devo fazer, e é por isso que me deram o envelope. Mas a última palavra é minha.

A campainha toca.

— É o Russ.

— Não conte nada a ele — pede meu pai.

Atravesso a sala e me belisco para ter certeza de que não é um sonho.

Quando abro a porta, Russ espia pela tela e pergunta: — O que aconteceu?

— Não vou à escola hoje — respondo. — Não vou para a formatura.

— Por que não? Você está doente?

Não quero mentir para o Russ, ainda mais porque sei que essa pode ser a última vez que vou falar com ele.

— O que está acontecendo, cara? Você está bem?

Penso em algo que possa falar para fazê-lo entender e, quando me vem uma ideia à cabeça, sorrio.

— Recebi uma passagem para Hogwarts.

— O quê?

— Posso pegar um trem para um lugar mágico que é muito melhor do que aqui. Não conte a nenhum trouxa, ok? Mas quero que saiba que vou ficar bem.

Russ estreita os olhos pela tela por um instante antes de retribuir meu sorriso.

— Ela finalmente entrou em contato com você.

— Não posso confirmar nem negar essa afirmação.

— Não tenho ideia do que está acontecendo, mas sinto que deveria abraçar você.

— Podemos fazer isso.

Saio de casa.

Russ e eu nos abraçamos. Um abraço de verdade.

Quatro braços. Um abraço apertado para dizer todas as coisas que não podemos ou, talvez, não vamos falar.

— Não vou ver você nunca mais, não é? — pergunta Russ.

— Não sei.

— Seja bom com você mesmo, Finley. Que sua vida seja muito boa.

— Que sua vida seja muito boa também. Muitas noites estreladas, e alguns recordes de basquete universitário.

Russ me olha do mesmo jeito que fez quando me conheceu ao chegar em Bellmont, como se estivesse se comunicando comigo, então esboça um sorriso

triste e vai embora.

Eu o vejo caminhar pela rua, e ele dá alguns socos no ar. Encaro isso como um sinal de aprovação, como se ele estivesse feliz por mim, então volto para a cozinha.

— Você vai pegar o trem? — pergunta meu pai.

Estou com medo de deixar minha família. É difícil pensar em estar em qualquer outro local que não seja Bellmont. Então me lembro da noite que passei com Russ no campo, e como existem outros lugares no mundo, lugares melhores.

— Eu gostaria muito de ver a Erin.

O vovô acena com a cabeça uma vez e, então, olha pela janela. Fico surpreso quando ele fecha os olhos, segura o rosário da vovó e começa a balbuciar palavras.

Nunca vi o vovô rezando.

Papai e eu subimos e arrumamos minhas coisas, que não são muitas. Enfio roupas e sapatos em uma sacola.

Tiro algumas estrelas do teto e guardo-as também. Pego o porta-retratos que tenho com uma foto de anos atrás em que estamos mamãe, papai e eu, e então busco minha bola de basquete na garagem, porque talvez Erin vá querer jogar um pouco.

Vovô e papai me levam até a estação da rua Thirtieth, na Filadélfia, e, no caminho, eles me explicam que um homem vai me encontrar em New Hampshire e que não devo fazer nenhuma pergunta — nenhuma mesmo. Ele vai me levar até Erin, mas não vai me dizer absolutamente nada. Vou conseguir identificá-lo, porque ele vai me chamar de Lucas.

— Isso parece loucura. Estou um pouco assustado.

— Vai ficar tudo bem — diz papai.

— Você já passou pela pior parte da vida — diz o vovô. — Vá ficar com a Erin. Ela é uma boa moça, que ama você... é a chave para sua felicidade. Confie em mim. Sei disso porque sua avó era uma mulher ainda melhor. Eu faria qualquer coisa para estar com ela agora.

Qualquer coisa.

Paramos em frente a um enorme edifício branco. Há carros, táxis e pessoas por toda parte.

— Finley — diz o vovô, pouco antes de eu sair do carro. Eu me viro e fico surpreso ao ver o velho tremendo. — Sinto muito.

— Está tudo bem, vô.

— Sua avó iria querer que você ficasse com isso.

Ele tira o rosário do pescoço e estende o braço na minha direção, de modo

que o crucifixo preto fica balançando bem na frente do meu rosto.

— Talvez traga sorte.

— Não posso aceitar.

Nem sei o que significa ter um rosário, que oração é feita a cada conta, e ele sempre está no pescoço ou no punho do vovô desde que minha avó morreu.

— Você *vai* levar, Finley. Coloque no seu pescoço, por baixo da camisa. Se você for usá-lo somente um dia na sua vida, que seja hoje. E depois o passe para seus filhos quando chegar a hora.

Coloco o colar e abro a porta de trás do carro para dar um abraço no vovô. Sinto seu rosto molhado quando toca o meu.

Meu pai carrega minha bolsa e minha bola de basquete. Eu o sigo pelo prédio, passamos pelo que parece ser uma praça de alimentação e chegamos a uma sala bonita com um teto alto e colunas grandes. Isso me faz lembrar um pouco o Instituto Franklin, em que vi aquele filme em IMAX sobre as estrelas e o conserto do Telescópio Espacial Hubble. Eu lembro que o Garoto21 surtou e saiu quando viu o ônibus espacial, e que eu quis segui-lo, mas não me deixaram.

Papai e eu verificamos os horários de partida em uma placa que muda com o girar dos números e faz um ruído de tique-taque.

— Aquele é o seu trem.

Caminhamos até a escada e entro na fila com minha passagem e a carta da Erin na mão.

— Estou me sentindo como se estivesse mesmo indo para Hogwarts — digo.

— O que é Hogwarts?

— Deixa pra lá.

De repente, quero falar para meu pai sobre Harry Potter, mas esse não é o momento. Talvez eu mande para ele um exemplar pelo correio.

— Desculpe não ter conseguido dar uma infância melhor para você, Finley.

As pálpebras do meu pai agora também estão tremendo, e na frente de todos aqueles estranhos. Espero que ele não chore. Não vou conseguir pegar o trem se ele chorar.

— Pai — digo, mas não sai mais nada.

— Sempre que sentir nossa falta... se você sentir...

— Vou sentir, com certeza...

— Pense no seu pai cobrando pedágio às três da manhã e no seu avô com as pernas amputadas tomando cerveja o dia inteiro e tendo que usar uma fralda. Vá atrás de uma vida melhor. Faça o que for preciso para você e Erin terem uma vida boa. O povo irlandês tem deixado suas casas em busca de uma vida melhor por vários e vários anos. Somos muito bons nisso. Então, deixe os irlandeses orgulhosos.

Abraço meu pai e começo a me dar conta do caráter definitivo daquele momento. Sinto as lágrimas chegando.

Mas, então, a fila se move e é hora de embarcar.

— Erin vai explicar para você a melhor maneira de entrar em contato com a gente, mas não se *preocupe*, ok? Seja um bom homem.

— Amo você, pai.

— Nós também amamos você.

Meu pai enfia a mão no meu bolso, mas, antes que eu possa verificar o que ele colocou ali, ele me entrega a sacola e a bola de basquete. O bilheteiro checa a passagem e, no meio da escada, olho por cima do ombro para meu pai, que já está chorando e acenando lá do alto.

Fico surpreso ao ver que meu trem tem ar-condicionado, já que a plataforma está tomada por um ar quente e úmido.

Depois de ver outras pessoas guardarem as bolsas, enfio a minha no espaço acima da poltrona e me sento.

Meu coração dispara.

Nunca estive em um trem.

Eu me pergunto se vou encontrar amigos durante a viagem, como aconteceu com Harry Potter. Começo a olhar em volta, mas só vejo adultos cansados e mal-humorados.

Eu me acomodo em meu assento, releio a carta da Erin e tento me sentir esperançoso em relação ao futuro.

Então me pergunto se New Hampshire é tão bonito quanto o Paraíso do Observador de Estrelas. Erin era e ainda é bonita o suficiente para tornar até Bellmont suportável, então fecho os olhos e penso no rosto dela.

O trem dá uma guinada e saímos da estação da rua Thirtieth.

Uma mulher usando um chapéu especial de maquinista vem e inspeciona minha passagem, o que é meio divertido.

Vejo a Filadélfia e depois várias cidades que não conheço passarem pela janela, através do meu reflexo.

Tanta coisa teve que acontecer para que eu viesse parar nesse trem — pensar nisso me dá a sensação de que alguém está chutando minha cabeça, e então, de repente, eu me lembro das insondáveis estrelas que Russ e eu vimos da torre de observação na floresta. Realmente não entendemos o *porquê* a maior parte do tempo. Isso é verdade.

Coloco a mão no bolso e tiro cinco notas de cem dólares, mais dinheiro do que algum dia já tive nas mãos.

Devem ser as economias da vida do meu pai. Penso nele e no meu avô morando sem mim. Quem vai ajudar vovô no banheiro e colocá-lo na cama? *Por*

que não pensei nisso antes? Eles adoravam ter Erin e eu por perto. A casa vai ficar muito silenciosa agora.

Vovô provavelmente vai beber ainda mais. Começo a me sentir culpado por ir embora e fico com vontade de chorar.

Aperto com força minha camisa e os quatro pontos do crucifixo da minha avó se afundam na palma da minha mão.

— Aonde você vai? — pergunta a mulher do outro lado do corredor. Ela é uma senhora grande usando um vestido roxo que combina com um pequeno chapéu.

— New Hampshire — digo, antes de lembrar que não deveria contar meu destino a ninguém.

— Tem muitas árvores por lá, e é bem tranquilo.

— Espero que sim.

— Primeira vez?

— Sim, senhora.

— Vai jogar basquete? — pergunta ela, olhando para minha bola, que está no assento ao meu lado.

— Espero que sim... com minha namorada.

— Você com certeza espera muita coisa.

Sorrio para ela.

— Não há nada de errado em ter esperança — diz ela, e depois olha pela janela.

De repente, a realidade me atinge. Sinto um turbilhão em meu peito. Estou muito nervoso. Já sinto falta do vovô e do papai. É difícil entender aquele momento. A vida pode mudar tão rapidamente. Talvez tenha sido assim que Russ se sentiu quando chegou a Bellmont.

Não é de espantar que tenha criado o Garoto21.

Não quero chorar no trem, então fecho os olhos e vejo a cena em que Erin e eu somos duas crianças jogando basquete no meu quintal, tentando acertar a cesta de aro ajustável em silêncio.

É uma boa lembrança, mas me forço a pensar no futuro, no que vai acontecer quando eu chegar em New Hampshire.

É preciso muita imaginação, mas finalmente me vejo jogando basquete com a Erin, enquanto a amplidão do céu desenha o sol se pondo entre as árvores e as primeiras estrelas surgem no infinito. Eu me vejo com ela... nós dois de mãos dadas com o tempo, caminhando para a velhice e criando nossos filhos em um bairro agradável, onde eles não precisem se preocupar com o que eu e Erin nos preocupamos. Nós dois nos beijando em cima de um novo telhado, sob o mesmo espaço infinito e insondável, e estamos bem.

AGRADECIMENTOS

VÁRIAS, VÁRIAS PESSOAS TÊM ME ajudado e me inspirado ao longo do caminho, e agradeço a todas elas. As que se seguem — de uma maneira ou de outra — são responsáveis por *Garoto21* acabar em suas mãos: Doug Stewart e todos na Sterling Lord Literistic; Alvina Ling, Connie Hsu, Bethany Strout, Emma Ledbetter, Ames O'Neill e todos na Little, Brown; Megan, Micah e Kelly, mamãe e papai, Barb e Peague, tio Pete, Big H e Dink; Roland Merullo; Evan James Roskos; Mark Wiltsey; dr. Len Altamura e Kate Cranston; Bill e Mo Rhoda; Tim e Beth Rayworth; Jean Wertz; Wally Wilhoit; o canadense Scott Caldwell; o peruano Scott Humfeld; Heather Leah; Liz Jensen; Sara Zarr; Dave Tavani; Kent Green e Ernie Rockelman (também conhecido como Emerald Productions); Lars e Drea (L.A. Auto!); Scott Warnock; Drew Giorgi; e, acima de tudo, minha esposa/terapeuta/primeira leitora/editora/líder de torcida/amor da minha vida/musa/melhor amiga, Alicia Bessette (também conhecida como Al).

Sobre o autor



© *Alicia Bessette*

MATTHEW QUICK era professor na Filadélfia, mas decidiu largar tudo e viajar o mundo. Depois de conhecer a Amazônia peruana, viajar pela África Meridional e trilhar o caminho até o fundo nevado do Grand Canyon, reviu seus valores e, enfim, passou a dedicar todo o seu tempo à escrita. Ele então fez MFA em Creative Writing pelo Goddard College e voltou para a Filadélfia, onde mora com a esposa. As obras de Quick já foram traduzidas para mais de 20 idiomas e lhe renderam críticas elogiosas e menções honrosas importantes, entre as quais a

do PEN/Hemingway Award. É também autor de *A sorte do agora*, *Quase uma rockstar*, *Perdão, Leonard Peacock* e do best-seller *O lado bom da vida*, cuja adaptação para o cinema foi premiada com um Oscar.